This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

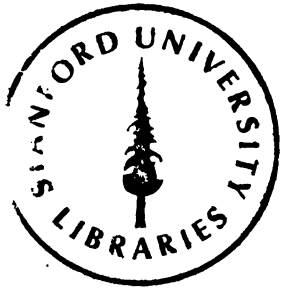
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

O MUNDO
DO LIVRO
11-L. da Trindade-13
Telef. 36 99 51
Lisboa



D

11

OBRAS

DE

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

TOMO PRIMEIRO

POESIAS

PARIS. — TYP. DE S. RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

OBRAS

DE

MANOEL ANTONIO

ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

DE UM DISCURSO BIOGRAPHICO

E ACOMPANHADAS DE NOTAS

PELO Sr Dr JACY MONTEIRO

SEGUNDA EDIÇÃO

ACCRESCENTADA COM AS OBRAS INEDITAS,
E UM APPENDICE CONTENDO DISCURSOS, POESIAS E ARTIGOS FEITOS A OCCASIÃO
DA MORTE DO AUTOR.

TOMO PRIMEIRO

POÉSIAS

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIS, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1862

Todos direitos de propriedade reservados.

PP 4691
H963
1963
v.1

PREFACIO DO EDITOR

A primeira edição das obras do jovem poeta, tão cedo roubado á litteratura e á patria, achava-se esgotada. Nas livrarias não se encontrava um só exemplar para satisfazer a soffreguidão dos apreciadores d'esse tão bello e precoce talento, e alguem que ainda na sua estante conservava algum exemplar, guardava-o, como uma reliquia, como o avarento guarda o ouro, de medo que não n'o roubem.

Em vista, pois, da necessidade que havia, emprehendemos esta segunda edição, augmentando-a com as poe-

sias, ainda não publicadas, do jovem Alvares de Azevedo, e que por si sós formão maïs um bello volume.

Offerecemo-la ao publico illustrado e apreciadôr das lettras patrias; é um presente de festas que lhe fazemos, é úma grinalda de rosas de perfumado aroma, que collocamos na fronte pura do porvir da patria.

O EDITOR.

DUAS PALAVRAS

Ahi damos á luz uma collecção de poesias do finado bacharel em letras M. A. A. de Azevedo.

O auctor havia colleccionado em um quaderno uma porção de poesias que pretendêra dar a publico em S. Paulo; muitas outras depois dessa tentativa colleccionou elle em varios quadernos, tendo ajuntado mesmo algumas ao primeiro, parecendo assim indicar que, quando posteriormente désse aos prélos a sua — *Lyra dos vinte annos*, — nella incluiria todas ou quasi todas. Não podendo porém nós publical-as todas em um volume, entendemos dever

preferir sómente o que já tinha elle colligido para a publicação projectada, juntando-lhe a segunda parte existente com aquelle titulo, e mais algumas poesias sob a denominação — *Diversas*, — fazendo-as preceder por algumas cartas do auctor, e por um discurso biographico, e acompanhando tudo de algumas notas.

A este volume seguirá outro contendo uma collecção de escriptos em prosa; no fim do qual daremos varios discursos e poesias que apparecêrão por occasião da sua morte.

Restarão pois muitas outras composições: farão parte de outra collecção que talvez possa ser dada a lume, depois da publicação dos dous volumes a que nos propuzemos.

Crêmos fazer com isto um serviço á patria, que carece e muito de taes obras, que devem ser mostra de seu progresso e cimentos de sua civilisação, conservando a memoria de um talento que tão util lhe poderia ser.

D. J. M.

Rio de Janeiro, agosto de 1853.

INTRODUCCÃO

DISCURSO BIOGRAPHICO

DO BACHAREL

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

RECITADO

Na quarta sessão solemne do Gymnasio Brazileiro pelo socio effectivo e primeiro secretario

DOMINGO JACY MONTEIRO

I

O Brazil é fecundo em genios : nem é a primeira vez que o dizemos, nem a dizêl-o somos o primeiro. Tambem por outro modo não podia acontecer. — Ao fulgor das alampadas celestes das nossas noites, ao abrazear do sol dos nossos dias, ao cicio das aragens de nossas tardes devia seguir o canto das myriadas de nossos passaros e o brilho das suas mil côres; devia seguir o brotar das

flôres que são maravilhas do mundo, e que não escolhem manhãs para abrir porque todas as manhãs são bellas, nem esperão por primavera porque todas as estações são boas... E a tudo isto devia seguir-se a expansão dos talentos, como uma acção de graças ao Creador — o apparecimento dos genios, como predicados de tal patria... — Aquella imaginação ardente e superior da Arabia da tradição; aquella eloquencia magestosa e arrebatadora da Grecia a vetusta e de Roma a barbara; aquelle *amor da sabedoria* e aquelle arrojo da Germania e de Albion; aquelle espirito attico e fino da nação dos Lizes; aquelle brio dos Lusos do Indo e Ganges, e do Cabo-das-tormentas; aquelle cavalheirismo da patria dos Cids, tudo se devia reunir na terra a que a natureza doára quanto ha bello e grande e sublime!

Quereis nomes? Não; não os precisaes : longo seria, arduo, até impossivel para nós o fazêl-o, que para tental-o fôra mister para cada um uma historia... Dizem-os alguns livros, ou apenas, quando muito, algumas folhas, ou revistas, que são expostos ao pó dos cantos ou ao desdem de mercadores ignorantes, como pasto aos vermes...

E entretanto assim não devêra ser; porque os nomes gloriosos de uma nação devem ser emmoldurados em ouro, como preciosidades da grande familia — a patria, que não envolvidos no pó do olvido, que não atirados ao tremedal da indifferença e da ignorancia, como as telas que

passárão da moda, como as flôres que ao calor do baile servirão de aprazimento e recebêrão osculos, e que, ao transpôr as portas da mansão alegre, forão beijar a lama das ruas e desapparecer ao pisar dos urcos... Seria pois aqui uma repetição mais fria, menos meritoria que as outras, e demais van talvez...

Mas silencio! que estas maculas o povo — quando chegar a ser o que esperamos, o povo Brazileiro — laval-as-á como o ferido ás chagas... quando porventura não gangrenão...

Si porém o vento da devastação varre com seu sopro infesto as cumiadas das montanhas ou as faces dos valles, onde as arvores se ostentão arreiadas de milhares de flôres, lava-as aos centos, nem só aquellas que já derão seus perfumes, como ainda as que desabotoão... Por isso nem só havemos que commemorar os grandes nomes que derão suas flôres á patria, como lamental-a por aquelles que as não derão ou apenas as começárão a dar. Se pois temos para mentionar Cayrú, Pizarro, Silva Lisboa, e outros, temos tambem Bernardino Ribeiro, Penna, Dutra, e tantos outros — Alvares de Azevedo emfim!...

Cumprindo portanto a missão que nos impuzemos quando, ao sonhar grandezas e progressos para a patria, nos reunimos com firme vontade á phalange de alguns estudiosos, cumprimos ainda uma vez a da amizade...

— missões nobres ambas, e que se não extinguem para corações que sentem...

II

As duas horas da tarde do dia 12 de setembro de 1831, na cidade de S. Paulo, ao passarem, sahindo da lição, estudantes do Curso-juridico, ouvirão-se vagidos de recem-nascido, partidos de uma sala que servia de bibliotheca... Aquelle em quem pulava o coração de pai, inquirindo ácerca do novo fructo do seu amor, obteve de alguem a resposta : « E' um estudante! »

Fôra sina ou acaso?

Dous annos depois, pouco mais ou menos, voltou o menino para o Rio de Janeiro com seus paes o Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza Silveira da Motta Azevedo.

Foi-lhe até aos cinco annos brilhante a robustez, o viço da saude a par das graças, das alegrias, da vivacidade que nos olhos scintillava, e da expansão que na fronte exarava o futuro. Então pela vez primeira sua vida perigou. — Ao lado de um irmãozinho finado, de quem desejava as vestes e a quem queria acompanhar na folgança — dos anjos por certo — a que julgava que ia

elle, começavão a apparecer-lhe os phenomenos de uma febre das mais graves, que depois se declarou com toda a violencia! Não forão porém baldados os esforços dos medicos e os desejos de seus paes... Restou-lhe entretanto alguma cousa dessa enfermidade : foi certa fraqueza, certo adoentamento do corpo, que persistiu até á sua morte. Foi talvez por isso, e tambem pelos mestres, que, dos seis annos em que começou as primeiras letras, até aos nove, poucos progressos fez.

Foi então, em janeiro de 1840, que entrou para o collegio, que já não existe, do Sr. Stoll. Trez mezes ainda não erão passados, e já este homem, tão severo, como conhecedor do caracter e talento de seus discipulos, que estudava acuradamente, escrevia ao pae do seu novo discipulo o seguinte : « *Votre petit Manuel m'enchante toujours davantage; c'est bien l'enfant de la plus belle espérance de mon collége, excepté pour la gymnastique, où il est le dernier...* » Vê-se por aqui ainda provado o que dizemos sobre aquella fraqueza que lhe restou sempre da fatal molestia aos cinco annos, fraqueza que o impediu sempre de entrar com seus companheiros nos brincos que exigião esforço. — En oitubro desse mesmo anno dizia elle : « *Votre fils est toujours le meilleur de mes élèves pour l'esprit, l'intelligence, l'aimable gaieté, et surtout pour le cœur... Plus j'analyse cet enfant, plus j'ai bien de vous féliciter d'avoir un tel fils. Dieu lui*

prête vie et santé, et vous verrez qu'il deviendra quelque chose de bon, et de très-bon. » — E em novembro : « *Vraiment il n'a pas perdu son temps cette année et s'il continue ainsi, cela deviendra un Brésilien qui pourra se mesurer avec les premières capacités européennes.* » — Em abril de 1841, assim se exprimia esse professor : « *Notre petit héros fait toujours ma gloire et mon bonheur. Il réunit, ce qui est bien rare, la plus grande innocence de mœurs à la plus vaste capacité intellectuelle que j'ai rencontré en Amérique dans un enfant de son âge.,. Rien n'est plus charmant pour moi que de le voir, après avoir surpassé tous les grands dans les leçons, s'occuper dans ses jeux à planter des fleurs sans racine pour faire un petit jardin d'un quart d'heure de durée, ou bien à bâtir une petite maison que le vent emporte.* » — Em maio deste mesmo anno referia o seguinte : « *J'ai reçu la visite de Mr. Guimarães*[1], *qui, étonné des progrès de votre petit Manuel, veut me confier ses deux fils. Vraiment, Maneco est mon récruteur. Plus de quarante personnes viennent me féliciter d'avoir fait merveilles avec lui. — J'ai entendu un de vos élèves, me dit-on ; mais c'est vraiment admirable comme il parle français, l'anglais, déclame, sait l'histoire et la géographie — ...* »

O Sr Dr Francisco José Pinheiro Guimarães.

Eis como já então se exprimia esse professor, que não era prodigo de elogios, e sabia avaliar pela observação até aonde iria o talento de seus discipulos.

Passados cêrca de quatro annos, estando o Sr. Stoll proximo a deixar o seu estabelecimento, e demais tornando-se precaria a saude de Azevedo, sahiu elle do collegio, e mezes depois (em agosto de 1844) partiu para S. Paulo com seu tio o Dr. José Ignacio Silveira da Motta, pelo receio que seus paes concebêrão de sua vida, e até por conselho de alguns medicos. Nessa cidade passou melhor e fez exames de francez, inglez e latim, voltando no fim desse anno para o Rio de Janeiro, não tendo feito exame de historia e geographia par não ter idade para seguir o curso juridico, a que se destinava.

Até junho de 1845 estudou com o barão de Planitz o que lhe faltava para entrar para o quinto anno do Collegio de Pedro II; em que se matriculou como interno, depois de haver feito os exames exigidos.

Neste collegio soffreu bastante a principio. — Quer porque a altivez propria extranhasse certas usanças, quer porque seu gosto pelo desenho, junto a um genio mais ou menos travesso, como succede em tal idade, o levasse a pôr em caricatura empregados do estabelecimento, apezar de ser reconhecido como dos primeiros estudantes do seu anno, teve por varias vezes de ver a escuridão do carcere do collegio. Todavia, afinal,

vendo que lhe não quebrantavão o genio, e até tirando deste bons augurios do seu futuro, e vendo ao mesmo tempo que sua saude já precaria mais se resentia por aquelle facto, desculpárão-lhe esses pequenhos desmandos pelo talento que o caracterisava. Seus companheiros o estimavão, e abonavão-lhe especialmente a imaginação, o conhecimento da historia e da philosophia.

Em 1847 tomou o gráo de Bacharel em letras, e em 1848 partiu para o Curso-juridico de S. Paulo, que frequentou até ao fim de 1851, em que completou o seu quarto anno de estudos, bem, como sempre. Só lhe faltava um anno para fechar a sua carreira...

III

Temos resumidamente visto a sua carreira escolastica; vejamos o seu progresso litterario durante ella, até á sua morte.

Tinha elle dez annos : estava no collegio do Sr. Stoll. Este ralhára fortemente por um facto acontecido entre um criado, uma criada e um outro empregado do estabelecimento, cada um de nação differente. Dias depois veio um criado queixar-se-lhe de que Azevedo o ridicu-

lisava em companhia de outros collegas. O Sr. Stoll, que não perdoava o desrespeito, vae com intenção de reprehender severamente o menino. Passava-se a scena em uma das camaras de estudo : erão horas vagas. — Stoll chega á porta; mas, para não ser precipitado, olha pela chave e escuta. O que viu e ouviu por tal fórma lhe mudou os sentimentos com que ia, que em vez de reprehenção, quando abriu a porta, foi um apertado abraço que lhe deu! — Tão bem reproduzidos viu pelo seu *pequeno genio*, como em suas cartas o chamava, o seu modo, os seus gestos, a sua falla de sutaque extrangeiro no facto citado!... Era um entremez que o menino ideiára, e para cuja representação convidára seus companheiros.

O seu gosto pela poesia e pelos poetas já era muito pronunciado : recreiava-se na leitura da Lusiada de Camões e da Henriqueida de Voltaire. Já então gostava tambem summamente do desenho. Foi ao enviar a seu pae, no dia dos annos deste, um dos desenhos por elle feitos no collegio que fez os primeiros versos, em referencia ao dia da sua lembrança, e em francez, versos porventura informes, mas que ninguem diria serem producto de uma criança de dez annos.

Quando em 1844 foi pela primeira vez para S. Paulo, não se esqueceu da poesia, e no *Album* de sua querida irmã escreveu, despedindo-se, quatro versos, tambem

em francez, reflexo talvez de uma poesia do mesmo genero de Mlle Flaugergues.

No collegio de Pedro II ainda não deixou de dar emprego á sua imaginação, escrevendo algumas composições e traducções, e compulsando os bons auctores das diversas linguas que cultivava.

A mór parte porém dos seus primeiros escriptos e papeis perdeu-se entre as rosas desfolhadas de sua infancia... Tudo isso era ainda nada : apenas singelos arrojos de criança que denunciavão precocemente os feitos do futuro homem, como essas faiscas envoltas em fumo e cinzas que o volcão atira ás auras da planicie, antes de arremessar aos uracões das alturas as flammas que tornão noites em dias...

O seu principal ponto de partida de progresso, o seu abrangimento da litteratura, a sua volta em derredor de todo esse mundo de intelligencias superiores foi do fim do primeiro anno do seu curso juridico para diante. Foi então que começárão nelle a desenvolver-se em todo o viço, em todas as galas as flôres do talento. O aturado estudo, o compulsar continuo dos bons livros — e bons os tinha, e podia elle ter; que lhe negaria seu pae, a elle o céo de suas esperanças? — o puzerão a par da grande litteratura.

E desde então até á época de sua morte o progresso foi rapido, admiravel! Discorria, e não perfunctoria-

mente, sobre a litteratura portugueza, franceza, ingleza, italiana e allemã. Erão-lhe conhecidos os principaes escriptores dessas linguas.

Não se pense porém que a litteratura lhe absorvia todo o tempo; emquanto se entranhava nella, não se esquecia da sua carreira, e no fim do quarto anno já conhecia tão bem, como a qualquer dos modernos poetas, o Direito mercantil a que especialmente se dedicava, e o Direito civil, tendo bem aprofundado o Direito Romano.

As provas ahi ficárão — pouca cousa, bem pouca, é o que deixou para o que aquella cabeça sonhava e meditava! Mas esse pouco diz muito, não aos seus amigos que o sabião, e demais, para muito choral-o, mas á patria, que ainda não sabia o filho que alli criava!...

A força, a profundeza de seus estudos ficou exarada em razões por elle feitas, em autos por elle respondidos, em pareceres por elle dados, não a bisonhos, mas a advogados peritos e que o ouvião com todo o apreço. — A extensão de seus conhecimentos litterarios e a grandeza de seus pensamentos e de sua imaginação ficou traçada em discursos que deixou, em poesias que compôz.

Os seus escriptos mostrão á primeira vista um fundo conhecimento da lingua portugueza : ha nelles certo geito de phrase que lhe era peculiar. — Na prosa ha, ás vezes, mais ou menos affectação de quinhentismo; na poesia ha, ora aquella doçura de Millevoye, acompanhada

de certa volupia, ora aquelle pensar chão e austero que encerra o epigramma e a duvida, mais vezes aquelle sentimento melancolico que se acha em André Chénier, de que muito gostava. — Ha entretanto um devancio quasi continuo, certas imagens, certas expressões que sempre lhe transluzem nos escriptos e sobretudo uma idéia á qual tudo parecia sacrificar, tudo referir — a idéia de morte, de morte em mancebo, de morte sem attingir a méta do seu futuro!...

Pouco publicou elle : — apenas um discurso recitado na festa academica de S. Paulo, como representante de seus collegas do 2° anno; um ensaio critico a respeito do poema *Jacques Rolla* de A. de Musset; poucas poesias, duas das quaes na *Guanabara* sem assignatura, e algumas allocuções necrologicas por occasião da morte de companheiros de estudos. — No seu 4° anno academico tencionou publicar com dous collegas e amigos, os Srs. Bernardo da Silva Guimarães e Aureliano José Lessa, uma collecção de poesias com o titulo — As TRES LYRAS; não se tendo porém podido verificar esta publicação, resolveu elle, a conselho de alguns amigos, publicar sómente as suas com o titulo — LYRA DOS 20 ANNOS; resolução que tambem não foi levada a effeito.

IV

M. A. A. de Azevedo era bom amigo, caridoso, affavel; ás vezes porventura um tanto altivo : sua conversação era sempre agradavel, e até a sua voz, fina e pouco cheia, parecia dar-lhe certa macieza. Ainda até além do seu 1° anno academico era alegre e risonho; depois porém seu riso não tinha tanta expressão de contento.

A sua vida intima, em S. Paulo, compartiu-a a principio com alguns amigos seus com quem morava, e com alguns outros que o procuravam, ou a quem elle procurava. Com elles, por noites escuras e invernosas, ao redor de uma mesa, allumiados por um candieiro, envoltos no fumo dos charutos ou dos cachimbos, passava o tempo em palestras litterarias, em disputas escolasticas, em fantasias extravagantes, em improvisos longos, ou escrevendo quanto a imaginação lhe dictava impressionada pela occasião. Outras vezes, por noites alvas de luar, ião todos apreciar e embevecer a mente nas bellezas fantasticas da natureza nessas horas mortas... Outras vezes era elle só quem figurava diante da sua mesa, lucubrando horas esquecidas, e dessas lucubrações brotando no ou-

tro dia folhas marchetadas de sombrias scismas, de matizes do pensamento e da imaginação, como dos orvalhos da noite resaltão faiscas aos primeiros raios do sol, ou esparzem seus aromas as flôres cujos seios a aura da noite e o fulgor persistente dos astros foi abrindo mysteriosamente. — Depois ao peso dessas noites veladas fechavão-se-lhe as palpebras; e os olhos cansados se tornavão a abrir pela hora do trabalho quotidiano...

Por ultimo deixou até os seus mais intimos amigos, e foi viver só. O que então pensava e sentia só elle e Deus o sabião — só Deus o pudéra ter escripto no seu livro eterno... O facto é que elle escrevia e muito, e seus prazeres consistião em concentrar-se comsigo — sózinho — em sua casa... Mas tambem, como o mergulhador do Oriente, que desapparece nas profundezas oceanicas e torna depois á flôr das aguas com as perolas que colheu, assim elle de mais em mais se engolfava nos estudos de direito, e das litteraturas extrangeiras donde colhia perolas que mais se esparzião nas suas curtas conversas ou no seu longo escrever...

Assim se tinha ido operando nelle uma mudança que reflectia em todos os seus habitos. Já, quando nas férias do 2° anno veio de S. Paulo para o Rio de Janeiro, Alvares de Azevedo ia-se tornando tristonho, de idéias melancolicas. Era que talvez penetrára elle mais nas fantasias do Faust, nos sentimentos apaixonados de Werther, ou

que talvez requeimavão-lhe o cerebro os pensamentos bebidos porventura no desprezo da vida, no scismar sceptico de Byron ácerca de suas amarguras e das injustiças do mundo?... — Aquella sombra triste e merencoria naquelle desejo de soledade era o resultado desse devaneiar que se esquece do presente para procurar os futuros envoltos en nuvens sem sol; desse philosophar taciturno e mésto que preza mais as noites do que os dias, mais a lua do que sol, mais o murmurio triste do riacho occulto, que se despenha n'um sorvedouro, do que os canticos festivos dos passarinhos da aurora — ou era o resultado desse afinco ao estudo, desse desejo de entranhar-se nos ramos emaranhados da vasta litteratura — ou emfim o resultado de alguma dôr occulta, de algum pensamento intimo, de algum presentimento?...

A verdade é que elle escreveu muitas cartas e de diversos logares a um amigo, em uma das quaes dizia : « Se eu morrer moço ainda, sejão as minhas cartas a historia da minha vida, a autopsia dos meus soffrimentos... » Nestas palavras parecia presentir seu fim temporão, e então trabalhava com mais força, com precipitação, como tendo confiança em que seu nome seria levado á posteridade por seus escriptos...

Desde então tudo quanto escreveu teve esse caracter mais ou menos epigrammatico, mais ou menos extravagante de quem descrê do mundo e ri-se delle, ou esse

caracter, ora delirante, ora triste de quem se entrega ás illusões para esquecer-se, de quem só espera — talvez — o futuro para sua memoria, e vê no presente a imagem do acabamento...

> Eu deixo a vida como deixo o tédio
> Do deserto, o poento caminheiro...

Diz elle em uma de suas poesias, que tem por titulo — LEMBRANÇA DE MORRER. — E n'outra em que pranteava a morte de uma formosa moça finada no Rio de Janeiro :

> Bem cedo ao menos eu serei comtigo
> — Na dôr do coração a morte leio...

Em uma poesia feita em S. Paulo em 1851, no dia de seus annos, poesia a que intitulou — SAUDADES — pôz uma epigraphe tirada de Byron, que diz : « De que vale esforçar-me, se eu hei de morrer moço? » e na poesia — TARDE DE VERÃO — diz :

> ... Mancebo morrerei...
> Adeus, amores, adeus!

E sempre esta idéia apparecia, em todos ou quasi todos os seus escriptos, de envolta tambem com o pensamento de seus paes que tanto o amavão. Isto era talvez nada; mas havia o quer que fosse de sinistro nos seus pensamentos, principalmente nos dos ultimos tempos da sua existencia. Qual a causa dessa dôr, dessas tristezas?

V

Depois do exame do seu quarto anno voltou, como de costume, para o Rio de Janeiro.

Algum tanto influia talvez nelle o clima desta cidade, porque de S. Paulo sempre vinha mais corado e menos desfeito do que ia do Rio; entretanto neste ultimo anno veio porventura peior...

Aqui não parou : mostrou quanto havia aprofundado os estudos de direito; leu muito; escreveu muito — era-lhe ás vezes uma especie de frenesi, uma ancia indizivel de deixar exarados em caracteres indeleveis os seus pensamentos; tinha pressa, tinha medo talvez de que elles perecessem...

Juntos passámos o mez de dezembro em uma Fazenda de provincia, e então mais uma vez pude aprecia-lo : que mocidade e que futuro!... E entretanto (cousa singular!) parece que elle procurava os abalos e as distracções, para fugir a uma idéia maldita que parecia ter-se-lhe gravado na mente : era o anno da sua morte. Um dia, após um passeio ao campo, e quando conversavamos, elle, nós e uma pessoa muito sua amiga, a respeito de estudos e progresso, vimol-o, como que de chofre assaltado por aquella

idéia, pronunciar estas palavras : « Tenho vontade de não ir este anno para S. Paulo, porque está-se-me figurando que morro... » E explicou-nos, ao dissuadirmol-o de semelhante pensamento, o successo repetido e extranho de haver fallecido consecutivamente por trez ou quatro annos um estudante de cada quinto anno; que estavão escriptos, cremos que até n'uma parede da casa em que elle morava, os nomes dos estudantes quintoannistas com a éra concernente á sua morte, achando-se em branco na éra de 1852 o logar do nome que o havia de occupar, com a declaração de quinto-annista. « E, accrescentava elle, parece-me que o meu nome é que se ha de escrever no logar branco... »

E esta mesma idéia lacerante ainda a repetiu aqui na cidade em nossa presença e na dessa mesma pessoa... Logo depois parecia querer afugentar esse pensamento, e então dizia : « Não! isto nada vale; irei para Pernambuco. » Mas então parecia passar-lhe pela fronte uma nuvem, como um desanimo, que elle procurava extinguir com o sorriso esperançoso das ultimas palavras : entretanto este sorriso esperançoso tinha alguna cousa de fantastico, de chimerico, em que não cria — como o sorriso daquelle que refugiando-se em uma gruta vê na escuridão de um baratro, cuja abertura le está fronteira, luzirem olhos de féra, e lhe parece certo que vae ser tragado, mas sorri-se com a esperança de não ter sido

sentido, esperança e sorriso que logo lhe parecem simplices pretextos do espirito, que se não verificarão!...

E repetia muita vez esse pensamento...

VI

É triste, bem triste! a posição daquelle que tem de arrancar á urna do seu peito a lembrança saudosa de quem amou, e tem de rasgar o véo de seus prantos e deixal-o penetrar da luz publica, como se quebrasse o sigillo de um mysterio em noite de tormenta, e o sol da madrugada viesse despertal-o do seu embébimento, mostrando-o a vistas extranhas, a risos muitas vezes de mofa.

Ainda não ha muito... Tãe depressa passou a manhã desses dias e chegou-lhes a noite profunda e cinerea!... Foi ainda hontem : e porque já não o é mais hoje?... Porque? Deus o sabe — Deus, para quem não ha presente, passado, nem futuro! Mas para o homem? — misero que se debate entre areias, ora aquecidas pelas dôres, ora molhadas pelos prantos, e que apenas tem por allivio o sol que ás vezes rutila sobre sua cabeça, uma flôr que ás vezes matiza-lhe as tardes, ou uma gota de orvalho que ás vezes refrigera-lhe as noites! para o homem

que sente os affectos que o céo lhe deu, que os sente fundos, e que são para elle outros tantos raios de vida e de soffrimento? Para o homem existe o passado como uma longa rua de sylvas e de maravilhas murchas, que vê no declive da montanha que a custo galgou, mas que não póde descer; para o homem existe o presente em que pisa e para o qual não olha, que é apenas como um ponto onde existe uma flôr ou um espinho, uma pomba ou uma serpe; e o futuro? esse está na cumiada da montanha, cercado de nevoas, sem luz, sem fórmas, perdendo-se no espaço...

Só ha pois o que passou e que não póde tornar — painel em que se retração scenas do céo ou scenas do inferno, unico para o qual podemos olhar, depondo sobre elle algumas saudades, ou procurando extinguil-o ou tapal-o com denso véo...

Quanta vez, nesse lugar em que estivemos, ao voltarmos do rio em tarde estiva, ao passearmos pelo campo a ver perder-se na penumbra do crepusculo, como uma nuvem no céo, a alva capella do morro — a ver por detrás das montanhas o sol deitar-se, entre cortinas e franjas purpuradas e luminosas, no leito cujo friso de ouro se mostrava nos horizontes, para depois tambem extinguir-se — ao ver o recolher de uma immensa e longa manada — ao olharmos para a lua candida e sem véos a espelhar-se no riacho, ou escondidos no sombreado mys-

crioso da casa que nos furtava sua luz; quantas vezes nos não entregámos a essas cogitações pelo passado e a esses sonhos pelo futuro, que não podiamos ver! Quantas outras não lançámos ás aragens os improvisos do momento e da situação, inspirados pela natureza ou pelas circumstancias, e por isso mesmo ora arrebatados, ora tristes e melancolicos, ora extravagantes e caprichosos! Quantas outras nos enthusiasmámos pelo porvir da patria e discutimos suas forças e seus fins com a eloquencia simples de corações brazileiros, moços e cheios de esperanças! Quantas outras nos não embalámos na letra das tradições, no mysterio das lendas da patria, e metamorphoseámos os montes longinquos em moradas de Caciques e as arvores em bosques de Brazis! . . . . .

As estrellas que nos allumiavão nessas noites divinas que digão nossos enlevos; as arvores a que nos abrigámos que pintem nossos enthusiasmos de mancebos; as nuvens, que a briza conduzia, que escrevão essas palavras que com ellas voárão, e das quaes só ficárão recordações intimas!...

Cada arvore, cada sombra, cada caminho, cada flôr marca uma reminiscencia; mas essa reminiscencia só se póde exprimir com lagrimas, ou com o arquejar do peito em repetidos soluços, que não com a palavra...

VII

Mas seria com effeito só esse pensamento fatal que o dominava, ou era porventura uma dôr que o corroia e na qual sentia certa a morte, mas que talvez não quizesse communicar, talvez se resignasse a soffrer tacitamente até quando Deus lh'o permittisse, por causa de sua mãe que era toda extremos para elle, e a quem elle adorava como a Deus?...

O certo é que por este tempo despertou-se nelle o quer que fosse de infantil para com ella, tanto mais de notar quanto só em sua meninice o fizera... — Fôra isto um apego, um conchego assiduo a sua mãe, a expressão profunda, indizivel do amor que por ella sentia, expressão que cessára de patentear-lhe assim desde o approximar da puberdade.

Pouco sahia — e este pouco não era de ordinario para passeiar, sim para ir escrever, ao escriptorio de seu amante pae que lh'os entregava confiado, autos aos quaes respondia como advogado perito e abalisado... Todo o tempo porêm que lhe restava deste trabalho, empregava-o junto de sua mãe : deitado a seus pés, sentado junto a ella, abraçando-a e beijando-lhe as mãos, chovendo-

lhe sempre as palavras de amor para ella, como o maná do Senhor para o povo de Israel... As noites, e alguma parte do tempo que não podia assim passar, gastava escrevendo muito. E as febris insomnias dessas horas banhava-as com risos loucos na tarde seguinte...

E quantas lagrimas não derramou ella por isso mesmo! Quanta doce exprobração lhe não fez, ao achal-o pallido e merencorio, inclinado á sua secretaria, entregue a seus pensamentos tristes — como o Faust ás apparições de Mephistopheles, como o Hamleto ás visões da sombra de seu pae — transportando-os ás folhas que diante de si tinha!... Mas elle erguia-se — um sorriso como de esquecimento lhe pairava no semblante — abraçava sua mãe e parecia pedir-lhe perdão do que fazia insensivelmente... Quando ella extranhava-lhe suas tristezas, respondia-lhe elle que nada sentia, que tudo provinha do seu temperamento melancolico...

Nessas occasiões sua mãe lembrava-se de que elle fôra sempre folgazão; e acudião-lhe á mente dous sonhos que a respeito delle tivera — horriveis pesadellos, n'um dos quaes o vira louco, e n'outro, moribundo em sua propria cama...

Um dia sua mãe foi achal-o em seu quarto a escrever: convidou-o a sahir dahi, a ir conversar: voltou-se elle e dice-lhe que ouvisse a poesia que acabava de escrever e que queria mandar publicar, e com voz maviosa leu:

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã!
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu moresse amanhã!

Não vos diremos as outras estrophes — quasi todos as sabem... e demais o pranto nos escurece a vista e humecta a penna... São dôres tão demasiado fortes, que não podem ser escriptas completamente, cansão a mente, espedação o coração, affogão o pensamento em mares de desanimo... O tremor de nossas mãos, o soluçar de nosso peito nos diz ha muito que cessemos...

Mas não — em que nos pêze, cumpriremos nossa missão...

VIII

Nós comprehendemos, vós todos que sentis o pranto do coração subir aos olhos, podeis comprehender qual seria a dôr dessa pobre mãe, e suas lagrimas! Começou a exprobrar-lhe o contristal-a, e o ter na sua idade só pensamentos de morte, quando os devia ter de prazer e amor, e de illusões do futuro... Logo Azevedo pareceu sentir confranger-se-lhe o coração, e ter pezar; depois riu-se, e respondeu-lhe que seu futuro e seu unico amor

era o de sua mãe! Que choro amargo verteu esse triste coração materno! .. Ella afastou-se por não poder mais conter seus soluços!...

Não parece que elle sentia a morte ir-se-lhe apoderando do corpo, como a bóa se enrosca á ovelha, e que não queria morrer longe de sua mãe em S. Paulo?...

Foi isto poucos dias antes de cair enfermo... para não levantar-se senão para a tumba!...

Poder-se-á dizer que o moral — esta idéia terrivel do seu acabamento — influira para a sua morte; mas não : se esta influiu foi talvez para resignar-se, para occultar o soffrimento que ás vezes — por acaso insensivelmente — lhe rompia aos labios aquellas palavras. Não! parece que elle o sabia, que elle o sentia como um toxico que o mirrava internamente e a que não poderia escapar! Tambem, desde o dia em que o medico reconheceu a séde e o genero da enfermidade, declarou-a mortal...

No dia 10 de março, do anno que corre para o seu termino, queixou-se M. A. A. de Azevedo pela primeira vez. Tudo lhe foi feito, e por alguns dias conservou-se no seu quarto, mostrando ledo o semblante quando qualquer se chegava a elle, e até gracejando e dando motivos especiosos á sua molestia. Sua mãe, que o não deixava, dice-lhe um dia que seu quarto era muito quente, e offereceu-lhe a sua cama. Parece que a fronte do mancebo carregou-se; sorriu-se depois, e recusou firmemente. —

Talvez se lembrasse do sonho a seu respeito, que sua mãe lhe contára (fôra no começo do anno) e do qual — cousa singular! — ella se esquecêra completamente até á sua ultima hora; mas uma esperança de vida bateu ainda n'aquelle coração de 20 annos!...

Dias depois porêm foi elle proprio quem instou para ir para a cama de sua mãe... E desde então não quiz arredar-se mais dahi; apenas tres dias antes do seu fallecimento conseguirão a custo tiral-o dahi por momentos, tendo elle dicto antes que desejava ficar nessa cama *até o fim*, e tendo por mais de uma vez manifestado desejos de vêr certos objectos, respondendo, quando lhe perguntavão a razão, que era para poder vêl-os *antes de se ir embora...*

Emfim, ao cabo de 46 dias de horrorosas dores, de padecimentos inexprimiveis, de uma resignação santa e firme, depois de ter soffrido uma grave operação no ventre e seus doridos curativos, pedindo sempre a presença da sua mãe, que passava dias e noites ao pé de sua cama; suffocando junto della as expressões de seus soffrimentos, que substituia por olhares de cordeiro a embevecer-se nos daquella, que procurava ter sempre o riso nos labios com a angustia no coração; apertando-lhe a mão que quasi continuamente tinha entre as suas; e depois de ter tido uma melhora admiravel, que fez conceber suaves esperanças, e durou trez dias, durante os quaes até che-

gou a levantar-se (6 dias antes do termo fatal), rendeu a alma ao seu Creador ás 5 horas da tarde de 25 de abril...

Neste dia pediu uma missa e a confissão : a missa, não obstante ser o desejo de um moribundo, que ainda uma vez queria elevar-se a Deus nas palavras do Evangelho, foi-lhe negada... por ser domingo. Confessou-se e ungiu-se... Quando sentiu que sua alma queria desprender-se do involucro das paixões, quando sentiu a mão da morte constringir-lhe as pulsações do coração, pediu a sua mãe que se retirasse, ergueu-se um pouco, reclinou-se ao peito de seu irmão, e tomando a mão de seu pae, levando-a aos labios e deitando-lhe um olhar embebido e ardente, murmurou : « Que fatalidade, meu pae!... » Depois algumas palavras inintelligiveis morrerão-lhe nos labios : — parecião ser o complexo dos nomes de seus paes e de Deus, que se tinhão reunido para elevarem-se com sua alma em um arranco de saudade! — erão como as palavras do Christo na hora da agonia! — era talvez que a alma já via um mundo novo e soltava uma palavra de admiração!...

Foi no momento mesmo talvez em que elle se desligava inteiramente da terra, que despertou-se na mente de sua mãe a lembrança do seu sonho — fôra como uma inscripção que no livro da vida obscurecêra o pó de um seculo, que n'aquelle momento fôra varrido pelo furacão e alluminado pelo raio!... Quiz correr, clamar... e caiu sem

conhecimento e delirando, querendo como que agarrar-se ainda á cruz de seu filho e bradar no desespero — *Videte si est dolor sicut dolor meus!* —

. . . . . .

IX

Memorar cada passo que se deu com aquelle que se pranteia; ter de passar em revista todas as phases de sua existencia; encher o espirito dessas recordações alegres e tristes, mas todas saudosas e cobrindo-se de crepe no momento em que se quer transmittil-as á patria, é um impossivel, porque o sentimento embarga a voz e ennevôa o pensamento... Fazer apenas um esboço já é immenso, sacrificio mas aquelle que se partiu de nós ainda é merecedor dos sacrificios do amigo que peregrina pela terra, e a patria tambem é exigente desses sacrificios...

Eil-o pois! Se cabem glorias para a patria de taes filhos, glorias terá a nossa; se valem memorias para aquella associação que tem por norte a gloria da patria, valer-lhe-á a memoria daquelle que com o mesmo fito estudou e progrediu...

Chatterton, Gilbert, André Chénier, Malfilâtre, Millevoye tambem morrêrão jovens — mancebos de palavras

de fogo, uns queimárão-se talvez demais naquelles lumes que alguma cousa teem do sol e muito de Deus, outros forão abrazados pelo volcão das revoluções! E esses nomes marcão paginas de gloria e de engrandecimento para sua patria... E talvez não houvesse tanto sentimento nas ultimas palavras de Chénier ao seu amigo Roucher : « *Pourtant j'avais quelque chose là*, » batendo na fronte; talvez não houvesse tanta somma de esperança perdida, porque já mostravão dias de glorias e de prazer, que no delirio da febre e por entre as nuvens dos olhos transparecião, naquellas ultimas palavras de Beethoven ao seu amigo : « Não é verdade, Humel, que eu era um genio? » talvez não houvesse tanta uncção nessas palavras, como naquellas ultimas em que Alvares de Azevedo parecia esquecer-se de si para só lembrar-se dos seus : « Que fatalidade, meu pae!... »

Perdoae, Srs., se molhei a penna no sangue do sentimento, se vos escureci a vista com o crepe mortuario : é hoje dia de festa, e dia solemne : pois bem! permittí que sob o laranjal perfumado e de fructos de ouro se entresache um tristonho cypreste, uma casuarina gemente; que entre as flôres do ramo de nossa festa se entremeie uma saudade — e a festa solemne das letras mais solemnidade ganhará, porque terá uma folha de *cesalpina* para o Brazileiro de tanta esperança que não pôde contar em seu gremio, mas que seria uma gloria da patria : e a patria

agradecida tomará cada uma das lagrimas de sentimento desta associação e fará della uma pedra preciosa da corôa de sua existencia; e a emulação ganhará vôos entre vós outros, para que no dia em que soar a tuba da eternidade tenhaes tambem uma flôr, uma lagrima destas, uma memoria — e do alto do Capitolio das letras patrias, bem que banhado na ingratidão herdada, possaes, ainda que como o Tasso, na postrema hora, dizer com o poeta portuguez :

— Posteridade! és minha!

12 de outubro de 1852.

FRAGMENTOS

DE

CARTAS DO AUTOR

AO

Sr LUIZ ANTONIO DA SILVA NUNES

Luiz.

S. Paulo, 11 de maio de 1848.

. . . . . .

Não penses tambem, Luiz, que tenha eu aqui algum novo amor. Não. Eu sinto no meu coração uma necessidade de amar, de dar a uma creatura este amor que me bate no peito. Mas ainda não encontrei aqui uma mulher — uma só — por quem eu podesse bater de amores.

Aqui ha duas moças que para mim são as mais lindas, e que passão geralmente por isso. Uma é a N... M..., a outra a D. Q.....

A N... é uma dessas moças de cabellos d'oiro e de olhos côr de céo, de faces de rosa e fronte de neves, que parecem a quem as contempla anjos esquecidos na terra a sonhar gozos de outra vida. A certa distancia, entre duas luzes, seria uma imagem de Santa — um desses ideais de madeixas loiras de poeta — uma dessas Sylphides que nas noites de luar vagueião entre as neblinas á meia noite a dansarem nas relvas dos pincaros da Caledonia — uma dessas phantasiadas bellezas de Ossian — um desses anjos de Moore, desses anjos formosos que nos tempos primeiros du mundo amárão com amor de anjo as virgens da terra, de tão bellas que as achárão. Porém vista de mais perto esváe-se o encanto. O anjo torna-se mulher.

A outra — a Q..., se não é uma belleza, lembra esses ideais poeticos dessas virgens frageis, desses lyrios do valle que um sopro lança em terra; é uma cópia da Magdalena do Dumas — não te lembras? — Tambem é loira, mas seus cabellos pendem mais para castanhos; seus olhos são pardos; sua tez é pallida. A's vezes, no ardor das dansas, no prazer da conversação, ou no cansaço, suas faces se rosêão e ficão como duas largas petalas de rosa.

O corpo da N... é corpo de mulher (tu me entendes): apezar de não ser alta, é bastante cheia de corpo, sem sel-o comtudo em demasia. A Q... não é delicada, é fra-

gil — parece que um sopro a quebraria. Um de seus admiradores disse que ella é mulher para se collocar dentro de uma redoma de vidro e adorar-se de joelhos.

Comtudo, Luiz, não sinto que eu ame nem-uma dellas. A N... pareceu-me um anjo n'um momento de fascinação. A Q... parece uma Santa e não poderia eu sentir amor por ella; ás Santas adora-se, mas não ama-se.

. . . . . .

Farewell — forget me not.

AZEVEDO.

MY DEAREST.

S. Paulo, 20 de julho de 1848

. . . . . .

Nada por aqui tem occorrido de novo — nada digno de ser-te contado. Emquanto a mim, só tenho a dar-te uma noticia : estou fazendo uma imitação em versos do 5° acto do Othello de Shakspeare.

Sou homem das reacções como sabes — dei agora em não mostrar versos a ninguem : e aqui em S. Paulo não ha alma viva nem morta que lesse versos meus excepto os do *album* da O... que remetti-te já. Por isso ainda está virgem e inedita a minha imitação, que nem acabada ainda está. E' longo de mais o que ha já feito para que

eu possa mardar-te; por isso ficará para oitubro : e então juntos leremos o meu trabalho.

. . . . . .

Ante-hontem partiu para Santos o..... — um bom velho. Eu e mais rapazes o acompanhámos até legua e meia de distancia. Era noite quando voltámos. O céo estava nublado e escuro. Só se via d'um amarello avermelhado a estrada até uns vinte passos perder-se no escuro das mattas negras : parecia uma ponte em um lago de tinta. E além, lá ao longe se levantava a cidade, negra; e os lampeões abalados pela ventania parecião esses meteoros ephemeros que se levantão das paludes e que as tradições do norte da Europa julgavão espiritos destinados a distrahir os viandantes, a correrem sobre o pantano immenso e preto — ou estrellas de fogo, faiscas de alguma fogueira do inferno semeadas sobre o campo negro. E do outro lado, á minha esquerda, uma barra vermelha se estendia formando do lado do poente um segmento de circulo, no horizonte, e semelhava um reflexo de um incendio immenso que alastrasse um lado do globo.

Eu parei o cavallo, e admirei! — Tinha ido com outros, e tendo galopado, os outros ficárão-me no caminho. — Parei e admirei esse espectaculo bello! — essas nuvens côr de cinza e enfumaçadas — esse céo ermo de estrellas... E a briza balsamica embatia e sacudia es

tremecendo-as as capoeiras, e silvava nas arvores, nos outeiros; e sósinha, por entre a mudez da noite que se approximava, uma ave desconhecida descantava o seu hymno de adeus ao dia que morrêra nas trevas...

E então, meu Luiz, eu senti como que exhalar-se de mim tambem um hymno de tristeza, languido como um adeus — mas, se de lagrimas, menos amargas. — E esse cantico, esse pensamento tão dóce a incensar-me a mente, era uma idéa de saudade, — e eras tu.

E bem longos trez mezes tem ainda de correr até que esta minha saudade se cale. Ella é doce — de certo — que é bem doce o pensamento de ter-se um amigo ainda que ausente : é bem doce, mas d'uma tristeza despedaçadora que prostra o coração.

« Meus prazeres
Forão só meus amigos — meus amores
Hão de ser neste mundo elles sómente. »

A. G. Dias.

Se eu quizesse algum dia descrever o sentimento — como eu o experimento — da amizade, não acharia de certo dous versos que o traduzissem melhor.

Azevedo.

S. Paulo, 26 de julho.

. . . . . .

Agora segue-se uma poesia. Talvez não gostes da segunda parte pela transição. Mas lê e verás.

I

Era um anjo do céo — de aereas nuvens
N'alvo luar, em sonho vaporoso
Baloiçado — suave na tristeza,
Em lago sem rumor, ermo de brizas.

E era a solta madeixa destransada
Sobre as nuvens do collo como um raio
Do sol ao madrugar espreguiçado
De amanhecer por entre as brancas nevoas,
Com que a noite cobriu da terra a somno
— Qual das vagas á flôr esteira d'oiro
Que a lua ao acordar languida estende
— Quaes flôres n'apotheose de Santa
Por mãos de Cherubim nos céos juncadas,
Loiros como o Oriente.

E os olhos côr de céo, d'anil tão puro,
N'extase melancolico enlevados,
Os céos mirando em seu scismar virgineo,
Erão flôr azulada a quem a aurora
Tremelêa uma perola de roscio.

E amei o Seraphim descido á noite
D'ethereas regiões á minha vida

Qual um raio de luz adamantina,
Multicòr, irisado d'uma auréola,
Desprendido do céo sobre minh' alma.
Qual em quèda palúde á noite, ás vezes,
Uma estrella sósinha vem mirar-se,
Erma nos céos desertos, tal nas trevas
Do viver me era o anjo; — e era uma rosa
Recendente de odores d'outra vida
Melodiosa de canticos d'amores
Que a brisa lhe soprára la no Eden
— Despegada da c'roa d'algum anjo
No remontar aos céos — ainda pura
Dos bafejos das auras deste mundo
— Desfolhada ao cahir em minha fronte —
Que eu amei com amor de todo o peito!

E que importa não saiba a linda virgem
Amores que palpitão-me no seio?
Que importa desconheça ella esse culto
E santo e puro — mystico e suave
A exhalar-me n'alma odor celeste?

Não pudéra ella amar-me — não quizera-o;
Essa flôr sorriria ao ver um verme
A rojar-se sob ella, que adorasse-a;
Esse anjo escarnecèra de piedade
O meu insano amor — indigno eu delle!

Oh! não! emmurchecida, aos pés calcada,
Morra antes no meu peito, qual vivêra
Silente e muda, a rosa d'esperanças
Em sonhos de porvir adormecida
Em tantas noites — a cantar d'amores!

II

E quando murmurar-me ardente em sêde
Meu corpo a referver — n'algum prostibulo,
N'algum indigno amor em gozo indigno
Eu irei esquecer-me — e nos vendidos
Beijos da meretriz — no leito infame
Polluto dos prazeres impudicos
Cansado dormirei, debilitado
Da lubrica vigilia — e assim ao menos
Talvez deslumbrarei essa desdita
De amar sem ser amado que eu padeço!

Dormir co' uma mulher sem ter un gozo
Afóra esse tremer de torpe anhelo
De cão — d'abjecto ser — materia bruta
Sem alma — sem pensar; só impureza!

E depois enjoado revolver-se
No thalamo d'insomnia — desprezando
A mulher mercenaria que por oiro,
Por oiro tão sómente nos abraça;
Que quanto mais se dá mais finge amar-nos;
Cujos labios impuros se ressentem
Inda dos beijos d'hontem — e os prazeres
Os mesmos venderá, os mesmos labios
Prostituidos, publicos, sem brio
Amanhã ou depois a qualquer outro;
Que então palpitará de amor mentido
Com os seios arfando, os olhos langues,
Qual hoje — estremecendo sob o enlace

D'alguem quem quer que seja que um punhado
De moeda ou papel lhe atire ao leito!

E o que hei de eu mais fazer — enfastiado
Dessas flôres sem cheiro, desbotadas,
Dos festões arrancadas, repisadas
No trepidar de orgia desgrenhada
Em vortice a dansar — soltas as vestes —
Ebria — endoudecida — ás luzes pallidas
Das lampadas na festa amanhecidas?

Amor! rosa do Céo! — na terra um sonho...
Prazer! uma illusão — só um desejo
Insaciado, tantalico — e sempre
Tão illudido aqui e tão logrado!

É maçã rubescente — linda fructa
A desprender-se d'arvore madura;
Quando os dentes a mordem amargosa,
Sómente podridão e seccas cinzas —
Repellem-na os labios enjoados!

Mundo de sordidez! cynica essencia!
Infamia e mais infamia! apenas fezes!
Prosaica vida, eu te maldigo, e escarro
Em teus festins brilhantes... mentirosos!

M. A. A. A.

O. D. C.

Ao seu amigo L. A. S. N.

Talvez, como eu disse no principio, não gostes desta ultima parte — não aches muito de teu gosto este *byro-*

nismo (se é que não denota este épitheto falta de modestia em mim). Isto chama-se subir aos Céos e cahir na terra. São azas de Dedalo — cera que o sol derrete. Além disso tem o defeito de serem um pouco longos.

. . . . . .

Luiz.

Agosto 23, 1848.

Tenho aqui trez cartas tuas...

Fallas no meu *Conde Lopo*. E' longo demais para poder mandar-te uma copia delle. Tenho já cêrca de duzentas paginas, e ha um mez que nada tenho escripto ahi. Queres comtudo versos meus. Ahi vão uns d'um dos entreactos delle :

Fragmento de um canto *EM CORDAS DE BRONZE*.

Deixai que o pranto esse pallor me queime,
Deixai que as fibras que estalárão dôres
Desse maldito coração me vibrem
A canção dos meus ultimos amores!

Da delirante embriaguez de bardo
Sonhos em que afoguei o ardor da vida,
Ardente orvalho de febris pranteios,
Que lucro á alma descrida?

Deixai que chore pois. — Nem loucas venhão
Consolações a importunar-me as dôres;
Quero a sós murmural-a á noite escura
A canção dos meus ultimos amores!

Da ventania ás rabidas lufadas
A vida maldirei em meu tormento
— Que é falsa, como em prostitutos labios
Um osculo visguento.

Escarneo! para essas muitas virgens
Como flôres — romanticas e bellas —
Mas que no seio o coração tem arido,
Insensivel e estupido como ellas!

Quero agreste vibrar ruja-me as cordas
Mais selvagens d'est'harpa — quero accentos
D'aspero som como o ranger dos mastros
Na orchestra dos ventos!

Corre feio o trovão nos céos bramindo;
Vão torvos do relampago os livores —
Quero ás rajadas do tufão gemêl-a
A canção dos meus ultimos amores!

Vem pois, meu fulvo cão! ergue-te asinha,
Meu derradeiro e solitario amigo!
— Quero me ir embrenhar pelos desvios
Da serra — ao desabrigo...

. . . . . .

Adeus.

Teu amigo

AZEVEDO.

Meu Luiz.

S. Paulo, 27 de Agosto.

. . . . . .

Eu tinha agora parado de escrever-te, e recordei-me de um madrigal do Dr. Queiróga, que é um primorzinho de bonito e terno; e veio-me ao pensamento fazer uns versos. Não sei se elles são imitação, pois não ha nada n'elles do Queiroga — são inspiração delles. Lá vão os do Queiroga, depois escreverei os meus :

« Furtivo beijo timido da virgem
Co'a mente erma de amores,
O brilhante matiz que a borboleta
Deixa nas azas ver por entre as flores,
O mystico clarão frouxo da estrella
Que no céo se esvaece,
O hymno melancolico da pomba
Que os bosques enternece,
E da quebrada vaga os sons pausados
Nos rochedos magoados,
E de lyra romantica e divina,
Os mais aereos sons, são menos doces
Que o nome de Ocarlina. »

Agora, pedindo perdão ao Sr. Queiroga da approximação, lá vão os meus :

A rosa da manhã cedinho aberta,
A estrella se apagando em céos d'aurora,

Os carmineos rubores do crepusculo,
Dos labios o tremer da virgem que ora;

Na selva a briza sen cantar coando;
De viuvo sabiá nenias e prantos;
A lua pallida nos céos sósinha,
Mas no doido tristor cheia d'encantos;

O suave rumor, á noite ouvido,
Da terra que resomna em dormir leve;
O triste fenecer de rosa pallida,
Que sente em seu nascer já morta a seve;

O sentir exhalar-se a alma em extase
Em noite de luar silencioso;
Quando em torno é silencio tudo, e a praia
Abraça o mar em beijos d'amoroso,

O mais languido arfar d'harpa de fadas,
E todas essas rosas da natura,
E a noite, o dia, e o amor e a crença,
Do céo o azul, e os sonhos de ventura;

Sonhar sonhos do Céo — do mel vivendo,
De fresca madresilva lá crescida;
E á noite imaginar um beijo d'anjo
A correr-nos a face enfebrecida;

Tudo isto é menos que beber-te as fallas,
Roçar-te a face que enrubesce o pejo
Com os labios que fervem-me d'anhelos
E — teus olhos nos meus — morrer n'um beijo!

Basta por esta vez de poesia.

Has de conhecer a *Parisina* de Lord Byron. Para mim é uma das cousas mais suavemente escriptas desse poeta — de tudo que eu conheço em inglez o mais suave. . . . . .

. . . . . .

Eu fiz um começo de traducção della; fazia tenção de mandar-t'a, mas fica para outra vez. Tanto mais devo mandar-t'a, que as primeiras palavras que escrevi no borrador da 1ª pagina de traducção forão : *A meu amigo Luiz Antonio.* É uma das obras mais immoraes de Byron, pois é uma madrasta adultera com seu enteado, que elle pinta com as cores mais romanticas possiveis. — Eu creio que não acabarei a traducção; mas o que ha feito é teu e só teu : e por isso t'o mandarei. Cada qual dá o que tem — dar-te-hei versos, já que só isso tenho.

Meu Luiz, por agora adeus. Quando vier do baile, contar-te-hei alguma cousa que me impressionar mais por lá.

. . . . . .

Luiz.

S. Paulo, 4 de septembro.

. . . . . .

Fallas na minha *imitação de Ducis*. Vejo que entendeste mal o que eu te disse na carta em que te dizia que estava fazendo uma imitação do 5° acto do Othello. A minha imitação é directamente de Shakspeare. Quando se póde ir á fonte, não se bebe agoa nos regos da rua. Está acabada; só o que me falta é resolução de aperfeiçoal-a e emendal-a. É um poema completo, n'um canto só — embora.

. . . . . .

Remetto-te um romance meio em verso e meio em prosa. Não o percas, porque é este o borrão, e tenho tido preguiça de tirar delle copia. — O 1° *capitulo* (ou o que quizeres) tem em cima — *Imitado de Byron*. — Não é comtudo imitado, a unica cousa que alli ha de Byron são os dous primeiros versos da Parisina. Aqui está a traducção da descripção do crepusculo de Byron (*Parisina*) que eu fiz :

É a hora em que d'entre as ramagens
Rouxinóes cantão nenias sentidas;
É a hora em que juras de amores
São doces nas vozes tremidas,

E auras brandas e as agoas visinhas
Murmurião no ouvido silente;
Cada flor á noitinha de leve
Com o orvalho se inclina tremente;

E se encontrão nos céos as estrellas,
São as agoas d'azul mais escuro,
Tem mais negras as côres as folhas,
Desse escuro o céo vai-se envolvendo
Docemente tão negro e tão puro
Que o dia acompanha — nas nuvens morrendo,
Qual finda o crepusculo — a lua nascendo.

Compara e vê.

. . . . . .

A toi pour la vie (— *Loco e sempre* — como era a divisa italiana do Antony).

AZEVEDO.

LUIZ.

S. Paulo, 18 de avril 1849.

Queixas-te de mim. Dizes-me que te esqueço.

E comtudo não tens razão. Fui e sou teu amigo. — Emquanto aqui dentro do peito bater-me quente o coração, teu nome acordará nelle uma pulsação; emquanto houver vida em minha alma, haverá nella uma lembrança

tua. Bem vezes t'o hei dito — na hora senão alegre ao menos de esperança t'o disse — ágora, na hora senão triste, ao menos na hora da solidão, eu t'o repito.

Versos, Luiz! pedes-me versos meus! Pudéra-t' os eu dar para ler, se aqui estivesses, até enjoar-te; mas nem eu os leio — truncados em meio, sem fim ás vezes, nascêrão-me elles, como esses sentimentos d'alma que um importuno quebra, como um desses sonhos doirados que em meio se apagão. Para mim alli ha uma traducção, embora infiel, um reflexo, embora embaciado, do que se me passa aqui no fundo d'alma; para *os outros*, para ti mesmo que eu não classifico entre *os outros*, talvez nada lá haja — talvez os aches frios e seccos, quando ao escrevel-os nem sabes quanta quente lagrima orvalhou-me o papel! Perguntas-me porque não te deixei meus versos. Dir-t' o-hei. Não foi falta de confiança em ti — longe de mim, longe de ti tal idéa. — Mas tu vês, Luiz, aqui nesta minha solidão, neste exilio de tudo quanto de caro para mim vive ahi nesse mundo, so elles me restão — nelles acho eu muita recordação doce, muita lembrança de muita scismada ventura. Acontece ás vezes que depois de lel-os eu os atiro, ás vezes rasgo-os, mas ao menos antes me havião elles concedido sonhar — e ás vezes ao lel-os uma lagrima fresca me corrêra do mar de dôr que me alaga o cerebro. . . . . .

. . . . . .

Meu Luiz.

Rio, 1º de março de 1850.

Recebi uma carta tua, escripta lá do Rio Grande logo á tua chegada. Por uma outra que escreveste ultimamente ao meu primo, me annunciavas uma carta no correio. Lá fui, e não achei-a.

Não irás pois a S. Paulo comigo. Dous annos tive eu lá como provação; era-me o consôlo, esperança (ai! que bem pobre esperança, que assim tão leviana se foi!) viver lá comtigo...

Luiz, ha ahi não sei que no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. — Será uma mentira, uma dessas gottas de fel que se embebem no cerebro como uma loucura, ou um presentimento — negro embora — verdadeiro como o primeiro pio da procellaria aos preludios do vendaval por mar alto?

Tudo talvez esteja findo. — Minha amizade, Luiz, talvez tenha de viver-se de novo daquelle meu passado de dous annos, de saudades. — Saudade — exprime a magoa da separação, o desejo de tornar a ver-se, talvez um laivo de luz de esperança de porvir mais bello, não, Luiz?

Não tenho passado ocioso estas férias, antes bem trabalhadas de leitura tenho-as levado. N' esse pouco espaço

de trez mezes escrevi um romance de duzentas e tantas paginas; dous poemas, um em cinco e o outro em dous cantos; uma analyse do *Jacques Rolla* de Musset; e uns estudos litterarios sobre a marcha simultanea da civilisação e poesia em Portugal — bastante volumosos; — um fragmento de poema em linguagem muito antiga, mais difficil de entender que as *Sextilhas de Fr. Antão* — n'outro gosto porém, mais ao geito do *Th. Rowley* de Chatterton.

A essa minha agitação de espirito sobrevem-me ás vezes um marasmo invencivel, horas daquellas que os navegantes temem, em que a calmaria descai no mar morto, e as velas cahem ao longo dos mastros. Fallei-te sempre e sempre com a mão no coração — se algum dia eu morresse moço ainda, na minha febre de ambiciosas esperanças, se — pobre imaginação de poeta — o gelo da morte me corresse no lavoso do cerebro, ha em algumas das minhas cartas a ti uma historia inteira de dous annos, uma lenda, dolorosa sim, mas verdadeira, muito verdadeira, no seu pungir de ferro, como uma autopsia de soffrimentos.

Luiz, é uma sina minha que eu amasse muito, e que ninguem me amasse. Eis a ironia que ahi me vêem no meu acabrunhar sombrio, n' esse meu *não crer* do que os outros *crêem* — chamão-me frio, julgão que o egoismo e o orgulho m'o gelára inteiro o nectar, que se

chama a alma, daquella amphora maldita que se chama a vida!

Hontem estive n' um *soirée*. Nada, ahi como sempre, me divertiu. Quando o tédio vem de dentro, não é o sorrir dos bailes que possa adoçal-o. Quando a magoa é funda e erma; quando o coração resiccou, não é o banho de fogo de um olhar que possa revivêl-o!

A's vezes ainda — e hoje na minha solidão é essa minha ventura — quando a mente se me embebe no ebrioso de uma scisma, quando me passão n' alma sonhos de homem que não dorme, que se chamão *poesia*, eu ainda sinto reabrir-se meu peito a amores de mulher. — Parece que, se aquella belleza de olhos e cabellos negros, do largo collo em que lhe fluctuão, desatasse com seus dedos macios e finos aquellas sedas do roupão, — se eu ahi repousasse essa febre da fronte que me dóe, esse queimar de um cerebro que se me afoga, eu poderia ainda ter vida — bastante para desvivel-a ahi no voluptuoso de um espasmo, para morrer ahi na loucura de um sonho de beijos... E quando, ante uma fórma alva de loira, na limpidez de uns olhos transparentes e azues como o mar, eu leio o que vai de pureza, o que ha de areias d'oiro sob aquelle esmalte diaphano de vaga, então, como o *Faust* de Goethe na alcova de Margarida, ha uns effluvios magneticos que me avivão o já morto palpitar de minhas fibras — oh! então eu espero ainda...

Mas, em geral, o que ás vezes ainda me aviva o pulsar mais trepido do sangue é a voluptuosidade que se me vislumbra n' uma mulher donairosa, n' uma daquellas que parecem feitas por Deus como estatuas para rezar-se-lhes ao sopé, para pedir-lhes, como á Venus lasciva, uma hora — uma só — de gozo...

São sonhos — sonhos! Luiz! E' loucura abrir tanto as azas de anjo do coração a essas brizas enlevadas que á tarde vem tão susurrantes de enleio, tão impregnadas de aromas de beijos! E' loucura! E comtudo quando o homem só vive delles — quando ahi todas as portas fechárão-se ao engeitado, porque não ir bater no só da noite ao palacio de fada das imaginações?

Ha uma unica cousa que me podesse dar hoje o alento que me morre. — Que me morre... — disse eu; não creias que minto. Todos aqui me estranhão este anno o taciturno da vida e o peso da distracção que me assombra. — O meu viver solitario, fechado só no meu quarto, o mais das vezes *lendo sem ler*, escrevendo sem ver o que escrevo, scismando sem saber o que scismo — talvez alguma lagrima furtiva rolou pela face de minha mãe... Pobre mãe! — não é assim, meu Luiz? Pobres (não o crês?) daquellas que vêem o filho pender e murchar pallido como a sons da musica sombria que elle só escuta!

Disse-t' o eu : ha uma unica cousa que me podesse dar

o alento que me desmaia — uma mulher que eu amasse.

. . . . . .

Eis ahi pois tudo — amor, poesia. Só não te fallei na gloria. Nem te fallo. Rir-te-hias de mim e della, como eu tambem me rio. Gloria! em nossa terra! Oh! cysnes brancos perfumados dos vapores do Céo, porque descer ao charco impuro, a nodoar os alvores, a perder os aromas? A' s aves das nuvens o céo — Aos poetas, sonhos. — Glorias da terra? Não te lembras do Dante, de Chatterton, de Byron? Não te lembras de Werner, poeta e grande tambem, morto de scepticismo e desesperança sob a sua grinalda de orgia? Glorias da terra! Os applausos da turba — enfezados louros, o mais das vezes tressuados de sangue, salpicados do lodo do insulto, e da bava da inveja. . . . . .

. . . . . .

Adeus, meu Luiz. A belleza do espiritualismo é o amor das almas — essa afinação que as palpita unisonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligão á materia não tactêão mais o *objecto* que se ama. Adeus. Assim como eu te amo, ama-me. Não esqueças entre tuas campinas do Rio Grande, ao riso de labios de rosa onde se desvelão perolas, das tuas patricias bellas

O teu amigo,

AZEVEDO.

Quiz reler minha carta para emendar algum erro que ahi resvalasse no andar da penna; mas achei-a tão longa que faltou-me animo. Demais a letra sahiu tão má que quasi a não entendo. Se não a entenderes tambem, atira ao fogo esse papel. Pouco — nada perderás com isso. Será um quarto de hora de menos de perdido.

No dia 1° de abril parto para S. Paulo.

LYRA

DOS VINTE ANNOS

Cantando a vida, como o cysne a morte.

BOCAGE.

Dieu, amour et poésie sont les trois mots que je voudrais seuls graver sur ma pierre, si je mérite une pierre.

LAMARTINE.

Se a terra é adorada, a mãe não é mais digna de veneração?

Digest of hindu law.

Como as flôres de uma arvore silvestre
Se esfolhão sobre a leiva que deu vida
A seus ramos sem fructo,
O' minha doce mãe, sobre teu saio
Deixa que dessa pallida corôa
Das minhas phantasias
Eu desfolhe tambem, frias, sem cheiro,
Flôres da minha vida, murchas flôres
Que só orvalha o pranto!

PRIMEIRA PARTE

NO MAR

> Les étoiles s'allument au ciel, et la brise du soir erre doucement parmi les fleurs : rêvez, chantez et soupirez.
>
> GEORGE SAND.

Era de noite — dormias;
De sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falúa,
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

Ah! que véo de pallidez
Da langue face na tez!
Como teus seios revoltos
Te palpitavão sonhando!
Como eu scismava beijando
Teus negros cabellos soltos!

Sonhavas? — eu não dormia;
A minh' alma se embebia
Em tua alma pensativa!
E tremias, bella amante,
A meus beijos, semelhante
A' s folhas da sensitiva!

E que noite! que luar!
E que ardentias no mar!
E que perfumes no vento!
Que vida que se bebia
Na noite que parecia
Suspirar de sentimento!

Minha rôla, o' minha flôr,
O' madresilva de amor!
Como eras saudosa então!
Como pallida sorrias

E no meu peito dormias
Aos ais do meu coração!

E que noite! que luar!
Como a brisa a soluçar
Se desmaiava de amor!
Como toda evaporava
Perfumes que respirava
Nas larangeiras em flôr!

Suspiravas? que suspiro!
Ai que ainda me deliro
Sonhando a imagem tua
Ao fresco da viração
Aos ais do meu coração,
Embalada na falúa!

Como virgem que desmaia
Dormia a onda na praia!
Tua alma de sonhos cheia
Era tão pura, dormente,
Como a vaga transparente
Sobre seu leito de areia!

Era de noite — dormias,

Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falúa
Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

SONHANDO

Hier, la nuit d'été qui nous prêtait ses voiles,
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!

V. Hugo.

Na praia deserta que a lua branqueia
Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
Tão pallida — ao vêl-a meu ser devaneia,
Suffoco nos labios os halitos meus!
Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
Tão humido o vento que os ares perfuma!
És tão doentia!
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

A briza teus negros cabellos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor;
Teus seios palpitão — a briza os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!
Teu pé tropeçou....
Não corras assim!
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E o pallido mimo da minha paixão
N'um longo soluço tremeu e parou;
Sentou-se na praia; sózinha no chão
A mão regelada no collo pousou!
Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzella?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Immovel e branca no praia dormia;
Mas nem os seus olhos o somno fechou
E nem o seu collo de neve tremia.
O seio gelou?...
Não durmas assim!
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Dormia — na fronte que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!
Nem um resomnar!...
Não durmas assim!
O' pallida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aquentar,
Teu collo, essas faces, e a gelida mão!
Não durmas no mar!
Não durmas assim,
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
As candidas fórmas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas agoas boiando
Com soltos cabellos nas roupas de neve!
Nas vagas sonhando
Não durmas assim;
Donzella, onde vaes?
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas agoas do mar
Brilhava tão branca no limpido véo!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céo!
Nas agoas do mar
Não durmas assim!
Não morras, donzella,
Espera por mim!

SCISMAR

Falla-me, anjo de luz! és glorioso
A' minha vista na janella á noite,
Como divino alado mensageiro
Ao ebrioso olhar dos frouxos olhos
Do homem que se ajoelha para vél-o
Quando resvala em preguiçosas nuvens
Ou navega no seio do ar da noite.

Romeo.

Ai! quando de noite, sózinha á janella,
Co' a face na mão eu te vejo ao luar,
Porque, suspirando, tu sonhas, donzella?
A noite vae bella,
E a vista desmaia
Ao longe na praia
Do mar!

Por quem essa lagrima orvalha-te os dedos,
Como agoa da chuva a cheiroso jasmim?
Na scisma que assinho te conta segredos?
Que pallidos medos?
Suave morena,
Acaso tens pena
De mim?

Donzella sombria, na briza não sentes
A dôr que um suspiro em meus labios tremeu?
E a noite, que inspira no seio dos entes
Os sonhos ardentes,
Não diz-te que a voz
Que falla-te a sós
Sou eu?

Acorda! não durmas da scisma no véo!
Amemos, vivamos, que amor é sonhar!
Um beijo, donzella! Não ouves? no céo
A briza gemeu...
As vagas murmurão...
As folhas susurrão:
Amar!

AI JESUS!

Ai Jesus! não vês que gemo,
Que desmaio de paixão
Pelos teus olhos azues?
Que empallideço, que tremo,
Que me expira o coração?
Ai Jesus!

Que por um olhar, donzella,
Eu poderia morrer
Dos teus olhos pela luz?
Que morte! que morte bella!
Antes seria viver!
Ai Jesus!

Que por um beijo perdido
Eu de gozo morreria
Em teus niveos seios nús?
Que no oceano d'um gemido
Minh'alma se affogaria?
Ai Jesus!

ANJINHO

And from her fresh and unpolluted flesh
May violets spring!

Hamlet.

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre criança! dormia:
A belleza reluzia
No carmim da face della!

Tinha uns olhos que choravão,
Tinha uns risos que encantavão!
Ai meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe n'um segredo
Os mysterios de outra vida!
E a criança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo! que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passára na roupa!
Que só o vento do céo
Batia do barco seu
As vélas d'ouro da poupa!

Tão cedo! que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir!
Que lhe beijava risonho
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhava no abrir!

Não chorem! lembro-me ainda

Como a criança era linda
No frio da facesinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados
Como de morta andorinha!

Pobresinho! o que soffreu!
Como convulso tremeu
Na febre dessa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguem parecia!

Era um canto de esperança
Que emballava essa criança?
Alguma estrella perdida,
Do céo c'roada donzella,
Toda a chorar-se por ella
Que a chamava d'outra vida?

Não chorem, que não morreu!
Que era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Era uma alma que dormia
Da noite na ventania,
E que uma fada acordou!
Era uma flôr de palmeira
Na sua manhã primeira
Que um céo d'inverno murchou!

Não chores, abandonada
Pela rosa perfumada!
Tendo no labio um sorriso
Ella foi-se mergulhar
— Como perola no mar —
Nos sonhos do paraiso!

Não chores! chora o jardim
Quando murchado o jasmim
Sobre o seio lhe pendeu?
E pranteia a noite bella
Pelo astro, pela donzella
Mortas na terra ou no céo?

Chorão as flôres no afan,
Quando a ave da manhã
Estremece, cae, esfria?
Chora a onda quando vê

A boiar uma ireré
Morta ao sol do meio-dia?

Não chores! que não morreu!
Era um anjinho do céo
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

ANJOS DO MAR

As ondas são anjos que dormem no mar,
Que tremem, palpitão, banhados de luz :
São anjos que dormem, a rir e sonhar
E em leito d'escuma revolvem-se nús!

E quando de noite vem pallida lua
Seus raios incertos tremer, pratear,
E a trança luzente da nuvem fluctúa,
As ondas são anjos que dormem no mar!

Que dormem, que sonhão — e o vento dos céos
Vem tépido á noite nos seios beijar!

São meigos anjinhos, são filhos de Deus,
Que ao fresco se embalão do seio do mar!

E quando nas agoas os ventos suspirão
São puros fervores de ventos e mar:
São beijos que queimão... e as noites delirão,
E os pobres anjinhos estão a chorar!

Ai! quando tu sentes dos mares na flôr
Os ventos e vagas gemer, palpitar,
Porque não consentes, n'um beijo de amor,
Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?

I

Tenho um seio que delira
Como as tuas harmonias!
Que treme quando suspira,
Que geme como gemias!

II

Tenho musicas ardentes,
Ais do meu amor insano,
Que palpitão mais dormentes
Do que os sons do teu piano!

III

Tenho cordas argentinas
Que a noite faz acordar,
Como as nuvens peregrinas
Das gaivotas do alto mar!

IV

Como a teus dedos lindinhos
O teu piano gemeu,
Vibra-me o seio aos dedinhos
Dos anjos loiros do céo!

V

Vibra á noite no mysterio,
Se o banha o frouxo luar,
Se passa teu rosto aerio
No vaporoso sonhar!

VI

Como tremem teus dedinhos
O saudoso piano teu,
Vibrão-me n'alma os anjinhos,
Os anjos loiros do céo!

A CANTIGA DE SERTANEJO

Lòve me and leave me not.
SHAKSPEARE. *Merch. of Venice.*

Donzella! se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão!

Se tu viesses comigo
Das serras ao desabrigo

Aprender o que é amar
— Ouvil-o no frio vento,
Das aves no sentimento,
Nas agoas e no luar!

—Ouvil-o nessa viola,
Onde a modinha hespanhola
Sabe carpir e gemer!
Que pelas horas perdidas
Tem cantigas doloridas,
Muito amor! muito doer!...

Pobre amor! o sertanejo
Tem apenas seu desejo
E as noites bellas do val!
Só — o ponche adamascado,
O trabuco prateado
E o ferro de seu punhal!

E tem — as lendas antigas
E as desmaiadas cantigas
Que fazem de amor gemer!
E nas noites indolentes
Bebo canticos ardentes
Que fazem estremecer!

Tem mais — na selva sombria
Das florestas a harmonia,
Onde passa a voz de Deus,
E nos ralentos da serra
Pernoita na sua terra,
No leito dos sonhos seus!

Se tu viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No deserto do sertão!
Lá tem mais aroma as flôres
E mais amor os amores
Que fallão no coração!

Se viesses innocente
Adormecer docemente
A' noite no peito meu!
E se quizesses comigo
Vir sonhar no desabrigo
Com os anjinhos do céo!

E' doce na minha terra
Andar, scismando, na serra
Cheia de aroma e de luz,
Sentindo todas as flôres,

Bebendo amor nos amores
Das borboletas azues!

Os veados da campina
Na lagôa, entre a neblina,
São tão lindos a beber!
Da torrente nas corôas
Ao deslizar das canôas
E' tão doce adormecer!

A! se viesses, donzella,
Verias que a vida é bella
No silencio do sertão!
Ah! morena! se quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!

Junto ás agoas da torrente
Sonharias indolente
Como n'um seio d'irmã!
— Sobre o leito de verduras
O beijo das creaturas
Suspira com mais afan!

E da noitinha as aragens
Bebem nas flôres selvagens

Effluviosa fresquidão!
Os olhos tem mais ternura,
E os ais da formosura
Se embebem no coração!

E na caverna sombria
Tem um ai mas harmonia
E mais fogo o suspirar!
Mais fervoroso o desejo
Vae sobre os labios n'um beijo
Enlouquecer, desmaiar!

E da noite nas ternuras
A paixão tem mais venturas
E falla com mais ardor!
E os perfumes, o luar,
E as aves a suspirar,
Tudo canta e diz amor!

Ah! vem! amemos! vivamos!
O enlevo do amor bebamos
Nos perfumes do sertão!
Ah! virgem, se tu quizeras
Ser a flôr das primaveras
Que tenho no coração!...

Dreams! dreams! dreams!
W. Cowper.

Quando á noite no leito perfumado
Languida fronte no sonhar reclinas,
No vapor da illusão porque te orvalha
Pranto de amor as palpebras divinas?

E, quando eu te contemplo adormecida
Solto o cabello no suave leito,
Porque um suspiro tépido resomna
E desmaia suavissimo em teu peito?

Virgem do meu amor, o beijo a furto
Que pouso em tua face adormecida

Não te lembra no peito os meus amores
E a febre do sonhar de minha vida?

Dorme, ó anjo de amor! no teu silencio
O meu peito se afoga de ternura
E sinto que o porvir não vale um beijo
E o céo um teu suspiro de ventura!

Um beijo divinal que acende as veias,
Que de encantos os olhos illumina,
Colhido a mêdo como flôr da noite
Do teu labio na rosa purpurina,

E um volver de teus olhos transparentes,
Um olhar dessa palpebra sombria,
Talvez podessem reviver-me n'alma
As santas illusões de que eu vivia!

O POETA

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!

A. DE MUSSET.

Era uma noite — eu dormia
E nos meus sonhos revia
As illusões que sonhei!
E no meu lado senti...
Meu Deus! porque não morri?
Porque do somno acordei?

No meu leito — adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor!

Os cabellos recendendo
Nas minhas faces correndo
Como o luar n'uma flôr!

Senti-lhe o collo cheiroso
Arquejando sequioso;
E nos labios, que entr'abria
Languida respiração,
Um sonho do coração
Que suspirando morria!

Não era um sonho mentido;
Meu coração illudido
O sentiu e não sonhou:
E sentiu que se perdia
N'uma dôr que não sabia...
Nem ao menos a beijou!

Soluçou o peito ardente,
Sentiu que a alma demente
Lhe desmaiava a tremer:
Embriagou-se de enleio,
No somno daquelle seio
Pensou que elle ia morrer!

Que divino pensamento,

Que vida n'um só momento
Dentro do peito sentiu...
Não sei... Dorme no passado
Meu pobre sonho doirado...
Esperança que mentiu!

Sabem as noites do céo
E as luas brancas sem véo
As lagrimas que eu chorei!
Contem do valle as florinhas
Esse amor das noites minhas!
Ellas sim... eu não direi!

E se eu tremendo, senhora,
Viesse pallido agora
Lembrar-vos o sonho meu,
Com a fronte descorada
E com a voz suffocada
Dizer-vos baixo — Sou eu!

Sou eu! que não esqueci
A noite que não dormi,
Que não foi uma illusão!
Sou eu que sinto morrer
A esperança de viver...
Que o sinto no coração! —

Ririeis das esperanças,
Das minhas loucas lembranças,
Que me desmaião assim?
Ou então, de noite, a medo
Chorarieis em segredo
Uma lagrima por mim?

Dorme, meu coração! em paz esquece
Tudo, tudo que amaste neste mundo!
Sonho fallaz de timida esperança
Não interrompa teu dormir profundo!

Traducção do Dr. Octaviano.

Fui um doudo em sonhar tantos amores,
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

E ella, triste mulher, ella tão bella,
Dos seus annos na flôr,
Porque havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor?

Um beijo — un beijo só! eu não pedia
Senão um beijo seu,

E nas horas do amor e do silencio
Juntal-a ao peito meu!

Foi mais uma illusão! de minha fronte
Rosa que desbotou,
Uma estrella de vida e de futuro
Que riu... e desmaiou!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do ultimo sonho despertei, e n'alma
Tudo! tudo morreu!

Meu Deus! porque sonhei, e assim por ella
Perdi a noite ardente,
Se devia acordar dessa esperança,
E o sonho era demente?...

Eu nada lhe pedi — ousei apenas
Junto della — á noitinha

Nome sus delirios apertar tremendo
A sua mão na minha!

Adeus, pobre mulher! no meu silencio
Sinto que morrerei...
Se rias desse amor que te votava,
Deus sabe se te amei!

Se te amei! se minha alma só queria
Pela tua viver,
No silencio do amor e da ventura
Nos teus labios morrer!

Mas vota ao menos no lembrar saudoso
Um ai ao sonhador...
Deus sabe se te amei!... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Mas não... inda uma vez... não posso ainda
Dizer o eterno adeus
E a sangue-frio renegar dos sonhos
E blasphemar de Deus!

Oh! falla-me de amor — e quero crer-te
Um momento sequer!
E esperar na ventura e nos amores,
N'um olhar de mulher!

Só um olhar por compaixão te peço,
Um olhar, mas bem languido, bem terno
. . . . . .
Quero um olhar que me arrebate o siso,
Me queime o sangue, m'escureça os olhos,
Me torne delirante!

ALMEIDA FREITAS.

Sur votre main jamais votre front ne se pose,
Brûlant, chargé d'ennuis, ne pouvant soutenir
Le poids d'un douloureux et cruel souvenir;
Votre cœur virginal en lui-même repose.

TH. GAUTIER.

Ricorditi di me. . . . .

DANTE. *Purgatorio.*

Quando fallo comtigo, no meu peito
Esquece-me esta dôr que me consome:
Talvez corre o prazer nas fibras d alma:
E eu ouso ainda murmurar teu nome!

Que existencia, mulher! se tu souberas
A dôr de coração do teu amante,

E os ais que pela noite, no silencio,
Arquejão no seu peito delirante!

E quanto soffre e padeceu, e a febre
Como seus labios desbotou na vida,
E sua alma cansou na dôr convulsa
E adormeceu na cinza consumida!

Talvez terias dó da magoa insana
Que minh'alma votou ao desalento,
E consentira a virgem dos amores
Descansar-me no seio um só momento!

Sou um doudo talvez de assim amar-te,
De murchar minha vida no delirio...
Se nos sonhos de amor nunca tremeste
Sonhando meu amor e meu martyrio!

— E não pude, febril e de joelhos,
Com a mente abrazada e consumida,
Contar-te as esperanças do meu peito
E as doces illusões de minha vida!

Oh! quando eu te fitei, sedente e louco,
Teu olhar que meus sonhos allumia,

Eu não sei se era vida o que minh'alma
Enlevava de amor e adormecia!

Oh! nunca em fogo teu ardente seio
A meu peito juntei que amor definha;
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha!...

Tem pena, anjo de Deus! deixa que eu sinta
N'um beijo esta minha alma enlouquecer
E que eu viva de amor nos teus joelhos,
E morra no teu seio o meu viver!

Sou um doudo, meu Deus! mas no meu peito
Tu sabes se uma dôr, se uma lembrança
Não queria calar-se a um beijo della,
Nos seios dessa pallida criança!

Se n'um languido olhar, no véo de gozo
Os olhos de Hespanhola a furto abrindo
Eu não tremia — o coração ardente
No peito exhausto remoçar sentindo!

Se no momento ephemero e divino
Em que a virgem prantêa desmaiando

E a c'rôa virginal a noiva esfolha,
Eu queria a seus pés morrer chorando!

Adeus! rasgou-se pagina saudosa
Que teu porvir de amor no meu fundia,
Gelou-se no meu sangue moribundo
Essa gota final de que eu vivia!

Adeus, anjo de amor! tu não mentiste!
Foi minha essa illusão, e o sonho ardente :
Sinto que morrerei... tu dorme e sonha
No amor dos anjos, pallida innocente!

Mas se um dia... se a nodoa da existencia
Murchar teu calix orvalhoso e cheio,
Flôr que não respirei, que amei sonhando,
Tem saudades de mim, que eu te pranteio!

NA MINHA TERRA

Laisse-toi donc aimer! Oh! l'amour c'est la vie!
C'est tout ce qu'on regrette et tout ce qu'on envie,
Quand on voit sa jeunesse au couchant décliner!
. . . . . .
La beauté c'est le front, l'amour c'est la couronne,
Laisse-toi couronner!

V. Hugo.

I

Amo o vento da noite susurrante
A tremer nos pinheiros
E a cantiga do pobre caminhante
No rancho dos tropeiros;

E os monotonos sons de uma viola
No tardio verão,

E a estrada que além se desenrola
No véo da escuridão;

A restinga d'areia onde rebenta
O oceano a bramir,
Onde a lua na praia macilenta
Vem pallida luzir;

E a nevoa e flôres e o doce ar cheiroso
Do amanhecer na serra,
E o céo azul e o manto nebuloso
Do céo de minha terra;

E o longo valle de florinhas cheio
E a nevoa que desceu,
Como véo de donzella em branco seio,
As estrellas do céo.

II

Não é mais bella, não, a argentea praia
Que beija o mar do sul,
Onde eterno perfume a flôr desmaia
E o céo é sempre azul;

Onde os serros phantasticos roxeião
Nas tardes de verão
E os suspiros nos labios incendeião
E pulsa o coração!

Sonho da vida que doirou e azula
A fada dos amores,
Onde a mangueira ao vento que tremula
Sacode as brancas flores,

E é saudoso viver nessa dormencia
Do languido sentir,
Nos enganos suaves da existencia
Sentindo-se dormir;

Mais formoso não é : não doire embora
O verão tropical
Com seus rubores a alvacenta aurora
Da montanha natal,

Nem tão doirada se levante a lua
Pela noite do céo,
Mas venha triste, pensativa — e nua
Do prateado véo —

Que me importa? se as tardes purpurinas
E as auroras dalli

Não derão luz ás diaphanas cortinas
Do leito onde eu nasci?

Se adormeço tranquillo no teu seio
E perfuma-se a flôr
Que Deus abriu no peito do poeta,
Gotejante de amor?

Minha terra sombria, és sempre bella,
Inda pallida a vida
Como o somno innocente da donzella
No deserto dormida!

No italiano céo nem mais suaves
São da noite os amores,
Não tem mais fogo os canticos das aves
Nem o valle mais flôres!

III

Quando o genio da noite vaporosa
Pela encosta bravia
Na larangeira em flôr toda orvalhosa
De aroma se inebria,

No luar junto á sombra recendente
De um arvoredo em flôr,
Que saudades e amor que influe na mente
Da montanha o frescor!

E quando á noite no luar saudoso
Minha pallida amante
Ergue seus olhos humidos de gozo,
E o labio palpitante...

Cheia da argentea luz do firmamento
Orando por seu Deus,
Então... eu curvo a fronte ao sentimento
Sobre os joelhos seus...

E quando sua voz entre harmonias
Suffoca-se de amor,
E dobra a fronte bella de magias
Como pallida flôr,

E a alma pura no seus olhos brilha
Em desmaiado véo,
Como de um anjo na cheirosa trilha
Respiro o amor do céo!

Melhor a viração uma por uma
Vem as folhas tremer,

E a floresta saudosa se perfuma
Da noite no morrer,

E eu amo as flores e o doce ar mimoso
Do amanhecer da serra
E o céo azul e o manto nebuloso
Do céo da minha terra!

ITALIA

AO MEU AMIGO O CONDE DE FÉ

Veder Napoli e poi morir.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento;
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

Eu podia viver — e porventura
Nos luares do amor amar a vida;

Dilatar-se minh'alma como o seio
Do pallido Romeo na despedida!

Eu podia na sombra dos amores
Tremer n'um beijo o coração sedento :
Nos seios da donzella delirante
Eu podia viver inda um momento!

O' Anjo de meu Deus! se nos meus sonhos
Não mentia o reflexo da ventura,
E se Deus me fadou nesta existencia
Um instante de enlevo e de ternura,

Lá entre os laranjaes, entre os loureiros,
Lá onde a noite seu aroma espalha
Nas longas praias onde o mar suspira,
Minha alma exhalarei no céo da Italia!

Vêr a Italia e morrer!... Entre meus sonhos
Eu vejo-a de volupia adormecida :
Nas tardes vaporentas se perfuma
E dorme á noite na illusão da vida!

E, se eu devo expirar nos meus amores,
N'uns olhos de mulher amor bebendo,

Seja aos pés da morena Italiana,
Ouvindo-a suspirar, inda morrendo.

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento,
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento!

II

A Italia! sempre a Italia delirante!
E os ardentes saráos, e as noites bellas!
A Italia do prazer, do amor insano,
Do sonho fervoroso das donzellas!

E a gondola sombria resvalando
Cheia de amor, de canticos, de flores,
E a vaga que suspira á meia noite
Embalando o mysterio dos amores!

Ama-te o sol, ó terra da harmonia,
Do Levante na briza te perfumas:
Nas praias de ventura e primavera
Vae o mar estender seu véo d'escumas!

Vae a lua sedenta e vagabunda
O teu berço banhar na luz saudosa,
As tuas noites estrellar de sonhos
E beijar-te na fronte vaporosa!

Patria do meu amor! terra das glorias
Que o genio consagrou, que sonha o povo,
Agora que murchárão teus loureiros
Fôra doce em teu seio amar de novo :

Amar tuas montanhas e as torrentes
E esse mar onde boia alcyon dormindo,
Onde as ilhas se azulão no occidente,
Como nuvens á tarde se esvaindo;

Aonde á noite o pescador moreno
Pela bahia no batel se escôa,
E murmurando, nas canções de Armida,
Treme os fogos errantes da canòa;

Onde amou Raphael, onde sonhava
No seio ardente da mulher divina,
E talvez desmaiou no teu perfume
E suspirou com elle a Fornarina!

E juntos, ao luar, n'um beijo errante
Desfolhavão os sonhos da ventura

E bebião na lua e no silencio
Os effluvios de tua formusura!

O' Anjo do meu Deus, se nos meus sonhos
A promessa do amor me não mentia,
Concede um pouco ao infeliz poeta
Uma hora da illusão que o embebia!

Concede ao sonhador, que tão sómente
Entre delirios palpitou d'enleio,
N'uma hora de paixão e de harmonia
Dessa Italia do amor morrer no seio!

Oh! na terra da vida e dos amores
Eu podia sonhar inda um momento,
Nos seios da donzella delirante
Apertar o meu peito macilento!

Maio, 1851 — S. Paulo.

A T....

No amor basta uma noite para azer de um homem um Deus.

PROPERCIO.

Amoroso pallor meu rosto inunda,
Morbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem somno as palpebras doridas,
Convulsivo tremor meu corpo vibra :
Quanto soffro por ti! Nas longas noites
Adoeço de amor e de desejo
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura...
Eu sinto-a de paixão encher a briza,
Embalsamar a noite e o céo sem nuvens,

E ella mesma suave descorando
Os alvacentos véos soltar do collo,
Cheirosas flores desparzir sorrindo
Da magica cintura.
Sinto na fronte pétalas de flores,
Sinto-as nos labios e de amor suspiro.
Mas flores e perfumes embriagão,
E no fogo da febre, e em meu delirio
Embebem na minha alma enamorada
Delicioso veneno.
Estrella de mysterio, em tua fronte
Os céos revela, e mostra-me na terra,
Como um anjo que dorme, a tua imagem
E teus encantos onde amor estende
Nessa morena tez a côr de rosa.
Meu amor, minha vida, eu soffro tanto!
O fogo de teus olhos me fascina,
O languor de teus olhos me enlanguece,
Cada suspiro que te abala o seio
Vem no meu peito enlouquecer minh'alma!

Ah! vem, pallida virgem, se tens pena
De quem morre por ti, e morre amando,
Dá vida em teu alento á minha vida,
Une nos labios meus minha alma á tua!
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo

Na tua alma infantil; na tua fronte
Beijar a luz de Deus; nos teus suspiros
Sentir as virações do paraiso;
E a teus pés, de joelhos, crer ainda
Que não mente o amor que um anjo inspira,
Que eu posso na tua alma ser ditoso,
Beijar-te nos cabellos soluçando
E no teu seio ser feliz morrendo!

Dezembro, 1851.

CREPUSCULO DO MAR

Que rêves-tu plus beau sur ces lointaines plages
Que cette chaste mer qui baigne nos rivages?
Que ces mornes couverts de bois silencieux,
Autels d'où nos parfums s'élèvent dans les cieux?

LAMARTINE.

No céo brilhante do poente em fogo
Com aureola ardente o sól dormia :
Do mar doirado nas vermelhas ondas
Purpureo se escondia.

Como da noite o bafo sobre as agoas
Que o reflexo da tarde incendiava,
Só a idéa de Deus e do infinito
No oceano boiava!

Como é doce viver nas longas praias
Nestas ondas e sol e ventania!
Como ao triste scismar encanto aéreo
Nas sombras preludia!

O painel luminoso do horizonte
Como as candidas sombras allumia
Dos phantasmas de amor que nós amámos
Na ventura de um dia!

Como voltão gemendo e nebulosas,
Brancas as roupas, desmaiado o seio,
Inda uma vez a murmurar nos sonhos
As palavras do enleio!...

Aqui nas praias onde o mar rebenta
E a escuma no morrer os seios rola,
Virei sentar-me no silencio puro
Que o meu peito consola!

Sonharei — lá emquanto, no crepusculo,
Como um globo de fogo o sol se abysma
E o céo lampeja no clarão medonho
De negro cataclysma,

Emquanto a ventania se levanta
E no occidente o arrebol se atêa

No cinabrio do empyreo derramando
A nuvem que roxêa...

Hora solemne das idéas santas
Que embala o sonhador nas phantasias,
Quando a taça do amor embebe os labios
Do anjo das utopias!

Oceano de Deus! Que moribundo,
Do nauta na canção que voz perdida
Tão triste suspirou nas tuas ondas
Como um adeus á vida?

Que náo cheia de gloria e d'esperanças,
Floreada ao vento a rubida bandeira,
Na luz do incendio rebentou bramindo
Na vaga sobranceira?

Porque ao sol da manhã, e ao ar da noite
Essa triste canção, eterna, escura
Como um throno de sombra e de agonia,
Nos teus labios murmura?

E' vermelho de sangue o céo da noite
Que na luz do crepusculo se banha:
Que planeta do céo do roto seio
Golfeja luz tamanha?

Que mundo em fogo foi bater correndo
Ao peito de outro mundo — e uma torrente
De medonho clarão rasgou no ether
E jorra sangue ardente?

Onde as nuvens do céo voão dormindo
Que doirada mansão de aves divinas
N'um véo purpureo se enlutou rolando
Ao vento das ruinas?

CREPUSCULO NAS MONTANHAS

> Pallida estrella, casto olhar da noite, diamante luminoso na fronte azul do crepusculo, o que vês na planicie?
>
> OSSIAN.

I

Além serpéa o dorso pardacento
Da longa serrania,
Rubro flammêa o véo sanguinolento
Da tarde na agonia.

No cinéreo vapor o céo desbota
N'um azulado incerto;

No ar se afaga desmaiando a nota
Do sino do deserto.

Vim alentar meu coração saudoso
No vento das campinas,
Emquanto nesse manto luctuoso
Pallida te reclinas;

E morre em teu silencio, ó tarde bella,
Das folhas o rumor
E late o pardo cão que os passos vela
Do tardio pastor!

II

Pallida estrella! o canto do crepusculo
Acorda-te no céo :
Ergue-te nua na floresta morta
No teu doirado véo!

Ergue-te! eu vim por ti e pela tarde
Pelos campos errar,
Sentir o vento, respirando a vida,
E livre suspirar.

E' mais puro o perfume das montanhas
Da tarde no cahir :
Quando o vento da noite ruge as folhas,
E' doce o teu luzir!

Estrella do pastor no véo doirado
Acorda-te na serra,
Inda mais bella no azulado fogo
Do céo da minha terra!

III

Estrella d'oiro, no purpureo leito
Da irmã da noite, branca e peregrina
No firmamento azul derramas dia
Que as almas illumina!

Abre o seio de perola, transpira
Esse raio de luz que a mente inflamma!
Esse raio de amor que ungiu meus labios
No meu peito derrama!

IV

Lo bel pianeta che ad amar conforta
Faceva tudo rider l'oriente.
DANTE. *Purgatorio.*

Estrellinhas azues do céo vermelho,
Lagrimas d'oiro sobre o véo da tarde,
Que olhar celeste em palpebra divina
Vos derramou tremendo?

Quem á tarde, chrysolitas ardentes,
Estrellas brancas, vos sagrou saudosas
Da fronte della na azulada c'rôa
Como aureola viva?

Forão anjos de amor que vagabundos
Com saudades do céo vagão gemendo
E as lagrimas de fogo dos amores
Sobre as nuvens prantêão?

Creaturas da sombra e do mysterio,
Ou no purpureo céo doureis a tarde,

Ou pela noite scintilleis medrosas,
Estrellas, eu vos amo!

E quando exhausto o coração no peito
Do amor nas illusões espera e dorme,
Diaphanas vindes lhe doirar na mente
A sombra da esperança!

Oh! quando o pobre sonhador medita
Do valle fresco no orvalhado leito,
Inveja ás aguias o perdido vôo,
Para banhar-se no perfume ethereo,
E nessa argentea luz, no mar de amores
Onde entre sonhos e luar divino
A mão eterna vos lançou no espaço,
Respirar e viver!

DESALENTO

Porque havieis passar tão doces dia ?
A. F. DE SERPA PIMENTEL.

Feliz d'aquelle que no livro d'alma
Não tem folhas escriptas,
E nem saudade amarga, arrependida,
Nem lagrimas maldictas!

Feliz d'aquelle que de um anjo as transas
Não respirou sequer,
E não bebeu effluvios descorando
N'uma voz de mulher!

E não sentiu a mão cheirosa e branca
Perdida em seus cabellos,

Nem resvalou do sonho deleitoso
A reais pesadellos!

Quem nunca te beijou, flôr dos amores,
Flôr do meu coração,
E não pediu frescôr, febril e insano,
Da noite á viração!

Ah! feliz quem dormiu no collo ardente
Da huri dos amores,
Que soffrego bebeu o orvalho santo
Das perfumadas flores,

E pôde vêl-a morta ou esquecida
Dos longos beijos seus,
Sem blasphemar das illusões mais puras
E sem rir-se de Deus!

Mas, nesse doloroso soffrimento
Do pobre peito meu,
Sentir no coração que á dôr da vida
A esperança morreu!...

Que me resta, meu Deus? aos meus suspiros
Nem geme a viração,
E dentro — no deserto de meu peito
Não dorme o coração!

PALLIDA INNOCENCIA

Cette image du ciel — innocence et beauté
LAMARTINE.

Porque, pallida innocencia,
Os teus olhos em dormencia
A medo lanças em mim?
No aperto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

E tuas fallas divinas
Em que amor languida afinas,
Em que languido sonhar?
E dormindo sem receio

Porque geme no teu seio
Ancioso suspirar?

Innocencia! quem dissera
De tua azul primavera
As tuas brizas de amor!
Oh! quem teus labios sentira
E que tremulo te abrira
Dos sonhos a tua flôr!

Que te dera a esperança
De tua alma de criança,
Que perfuma teu dormir!
Quem dos sonhos te acordasse
Que n'um beijo t'embalasse
Desmaiada no sentir!

Quem te amasse! e um momento
Respirando o teu alento
Recendesse os labios seus!
Quem lêra, divina e bella,
Teu romance de donzella
Cheio de amor e de Deus!

SONETO

Pallida á luz da lampada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ella dormia!

Era a virgem do mar, na escuma fria
Pela maré das agoas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bella! o seio palpitando...
Negros olhos as palpebras abrindo...
Formas núas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti — as noites eu velei chorando,
Por ti — nos sonhos morrerei sorrindo!

ANIMA MEA

E como a vida é bella e doce e amavel!
Não presta o espinhal a sombra ao leito
Do pastor do rebanho vagaroso,
Melhor que as sedas do lençol nocturno
Onde o pavido rei dormir nao pode?

SHAKSPEARE, *Henr. IV*, 3ª *p.*

Quando nas séstas do verão saudoso
A sombra cai nos laranjaes do valle
Onde o vento adormece e se perfuma,
E os raios d'oiro, scintillando vivo,
Como chuva encantada se gotejão
Nas folhas do arvoredo recendente,
Parece que de afan dorme a natura,
E as aves silenciosas se mergulhão
No grato asylo da cheirosa sombra.

E que silencio então pelas campinas!
A flôr aberta na manhã mimosa,
E que os éstos do sol d'estio murchão,
Cerra as folhas doridas e procura
Da gramma no frescor doentio leito.

E' doce então das folhas no silencio
Penetrar o mysterio da floresta,
Ou reclinado á sombra da mangueira
Um momento dormir, sonhar um pouco!
Ninguem que turve os sonhos de mancebo,
Ninguem que o indolente adormecido
Roube das illusões que o acalentão
E do molle dormir o chame á vida!

E é tão doce dormir! é tão suave
Da modorra no collo embalsamado
Um momento tranquillo deslisar-se!
Creaturas de Deus se peregrinão
Invisiveis na terra, consolando
As almas que padecem, certamente
E' um anjo de Deus que toma ao seio
A fronte do poeta que descansa!

O' florestas! ó relva amollecida,
A cuja sombra, em cujo doce leito

É' tão macio descansar nos sonhos!
Arvoredos do valle! derramai-me
Sobre o corpo estendido na indolencia
O tépido frescor e o doce aroma!
E quando o vento vos tremer nos ramos
E sacodir-vos as abertas flores
Em chuva perfumada, concedei-me
Que enchão meu leito, minha face, a relva
Onde o molle dormir a amor convida!

E tu, Ilná, vem pois : deixa em teu collo
Descanse teu poeta : é tão divino
Sorver as illusões dos sonhos ledos
Sentindo á briza teus cabellos soltos
Meu rosto encherem de perfume e gozo!

Tudo dorme, não vês? dorme comigo,
Pousa na minha tua face bella
E o pallido setim da tez morena...
Fecha teus olhos languidos... no somno
Quero sentir os tumidos suspiros,
No teu seio arquejar, morrer nos labios
E no somno teu braço me enlaçando!

O' minha noiva, minha doce virgem,
No regaço da bella natureza,

Anjo de amor, reclina-te e descansa!
Neste berço de flores tua vida
Limpida e pura correrá na sombra,
Como gota de mel em calix branco
Da flôr das selvas que ninguem respira.

Além, além nas arvores tranquillas
Uma voz acordou como um suspiro.
São ais sentidos de amorosa rôla
Que nos beijos de amor palpita e geme?
Ah! nem tão doce a rôla suspirando
Modula seus gemidos namorados,
Não trina assim tão longa e mollemente.
Em argentinas perolas o canto
Se exhala como as notas expirantes
De uma alma de mulher que chora e canta...

E' a voz do sabiá : elle dormia
Ebrioso de harmonia e se embalava
No silencio, na briza e nos effluvios
Das flores de laranja... Ilná, ouviste?
E' o canto saudoso da esperança,
E' dos nossos amores a cantiga
Que o aroma que exhalão teus cabellos,
Tua languida voz talvez lhe inspirão!

Vem, Ilná : dá-me um beijo — adormeçamos.

A cantilena do sabiá sombrio
Encanta as illusões, afaga o somno. .
Oh! minha pensativa — descuidosa,
Eu sinto a vida bella em teu regaço,
Sinto-a bella nas horas do silencio
Quando em teu collo me reclino e durmo,
E ainda os sonhos meus vivem comtigo!

Ah! vem, ó minha Ilná : sei harmonias
Que a noite ensina ao violão saudoso
E que a lua do mar influe na mente;
E quando eu vibro as cordas tremulosas,
Como alma de donzella que respira,
Côa nas vibrações tanta saudade,
Tanto sonho de amor esvaecido,
Que o terno coração acorda e geme,
E os labios do poeta inda suspirão!

Anjo do meu amor! se os ais da virgem
Tem doçuras, tem lagrimas divinas,
E' quando no silencio, no mysterio
Sobre o peito do amante se derramão
No suffocado alento os molles cantos,
Cantos de amor, de sêde e d'esperanças
Que nos labios febris lhe afoga um beijo!

Ouves, Ilná? meu violão palpita :

Quero lembrar um cantico de amores;
Fôrá doce ao poeta, ao teu amante
Nos ais ardentes das maviosas fibras
Ouvir os teus alentos de mistura,
E as molles vibrações da cantilena
Este meu peito remoçar um pouco!
Virgem do meu amor, vem dar-me ainda
Um beijo — um beijo longo transbordando
De mocidade e vida, e nos meus sonhos
Minh'alma acordará — o sopro errante
Da alma da virgem tremerá meus seios
E a doce aspiração dos meus amores
No condão da harmonia ha de embalar-se!

A HARMONIA

Meu Deus! se ás vezes na passada vida
Eu tive sensações que emmudecião
Essa descrensa que me dóe na vida,
E, como orvalho que a manhã vapora,
Em seus raios de luz a Deus me erguião,
Foi quando ás vezes a modinha doce
Ao sol de minha terra me embalava,
as arias de Bellini pallido
Em labios de Italiana estremecião!

Oh! santa Malibran! fôra tão doce
Pelas noites suaves do silencio
Nas lagrimas de amor, nos teus suspiros,

Na agonia de um beijo, ouvir gemendo
Entre meus sonhos tua voz divina!

Oh! Paganini! quando moribundo
Inda a rabeca ao peito comprimias,
Se o halito de Deus, essa alma d'anjo
Que das fibras do peito cavernoso
Arquejava nas cordas entornando
Murmurios d'esperança e de ventura,
Se a alma de teu viver roçou passando
N'algum labio sedento de poesia,
N'uma alma de mulher adormecida,
Se algum seio tremeu a concebel-o,
Esse alento de vida e de futuro,
Foi o teu seio, Malibran divina!

Ah! se nunca te ouvi, se teus suspiros,
Desdêmona sentida e moribunda,
Nunca pude beber no teu exilio,
Nos sonhos virginaes senti ao menos
Tua pallida sombra vaporosa
Nesta fronte que a febre incandescêra
Depôr um beijo, suspirar passando!

Meu Deus! e outr'ora se um momento a vida
De poesia orvalhou meus pobres sonhos
Foi n'uns suspiros de mulher saudosa,

Foi abatida, a fórma desmaiada,
Uma pobre infeliz que descorando
Fazia os prantos meus correr-me aos olhos!

Pobre! pobre mulher! esses mancebos
Que choravão por ti quando gemias,
Quando sentias a tua alma ardente
No canto esvaecer, pallida e bella,
E teu labio afogar entre harmonia
— Almas que de tua alma se nutrião,
Que davão-te seus sonhos, e amorosas
Desfolhavão-te aos pés a flôr da vida,
Ai quantas não sentiste palpitantes,
Nem ousando beijar teu véo d'esposa,
Nas longas noites nem sonhar comtigo!

E hoje riem de ti! da creatura
Que insana profanou as azas brancas,
Que n'um riso sem dó, uma per uma
Na torrente fatal soltava rindo,
E as sentia boiando solitarias,
As flores da corôa, como Ophelia!...
Que illudida de amor vendeu a gloria
E deu seu collo nú a beijo impuro...
Elles riem de ti — mas eu, coitada,
Pranteio teu viver e te perdôo!

Fada branca de amor, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?
Porque deixavas encostada ao seio
A cabeça febril do libertino?
Porque descias das regiões doiradas
E lançavas ao mar a rota lyra
Para vibrar tua alma em labios delle?
Porque foste gemer na órgia ardente
A santa inspiração de teus poetas,
Perder teu coração em vis amores?
Anjo branco de Deus, que sina escura
Manchou no teu regaço as roupas santas?

Pallida Italiana! hoje esquecida
O escarneo do plebeu murchou teus louros :
Tua voz se cansou nos dithyrambos,
E tu não voltas com as mãos na lyra
Vibrar nos corações as cordas virgens
E ao genio adormecido em nossas almas
Na fronte desfolhar tuas corôas!...

. . . . . .

VIDA

Oh! laisse-moi t'aimer pour que j'aime la vie!
Pour ne point au bonheur dire un dernier adieu,
Pour ne point blasphémer les biens que l'homme envie
Et pour ne pas douter de Dieu!

ALEXANDRE DUMAS.

I

Oh! falla-me de ti! eu quero ouvir-te
Murmurar teu amor:
E nos teus labios perfumar do peito
Minha pallida flôr.

De tua letra nas queridas folhas
Eu sinto-me viver,

E as paginas do amor sobre meu peito
Fazem-me estremecer!

E, quando á noite delirante durmo,
Deito-as no peito meu:
Nos deliquios de amor, ó minha amante,
Eu sonho o seio teu,

A alma que as inspirou, que lhes deu vida
E o fogo da paixão,
E derramou as notas doloridas
Do virgem coração!

Eu quero-as no meu peito, como sonho
Teu seio de donzella,
Para sonhar comtigo o céo mais puro
E a esperança mais bella!

II

A nós a vida em flôr, a doce vida
Recendente de amor!
Cheia de sonhos d'esperança e beijos
E pallido languor!

A tua alma infantil junto da minha
No fervor do desejo,
Nossos labios ardentes descorando
Comprimidos n'um beijo,

E as noites bellas de luar, e a febre
Da vida juvenil,
E este amor que sonhei, que só me alenta
No teu collo infantil!

III

Vem comigo ao luar — amemos juntos
Neste valle tranquillo,
De abertas flores e cahidas folhas
No perfumado asylo.

Aqui sómente a rôla da floresta
Da sesta no calor
O tremer sentirá dos longos beijos
E verá teu pallôr.

A noite encostarei a minha fronte
No virgem collo teu;

Terei por leito o valle dos amores,
Por tenda o azul do céo!

E terei tua imagem mais formosa
Nas vigilias do val :
Será da vida meu suave aroma
Teu lyrio virginal.

IV

Que importa que o anathema do mundo
Se eleve contra nós,
Se é bella a vida n'um amor immenso
Na solidão — a sós?

Se nós teremos o cahir da tarde
E o frescor da manhã :
E tu és minha mãe, e meus amores
E minha alma de irmã?

Se teremos a sombra onde se esfolhão
As flores do retiro —
E a vida além de ti — a vida ingloria —
Não me vale um suspiro?

Bate a vida melhor dentro do peito
Do campo na tristeza
E o aroma vital, alli, do seio
Derrama a natureza :

E, aonde as flores no deserto dormem
Com mais viço e frescôr,
Abre linda tambem a flôr da vida
Da lua no pallor.

C....

> Oh! não tremas! que este olhar, este abraço te digão o que é inefavel — abandonar-se sem receio, inebriar-se de uma voluptuosidade que deve ser eterna.
>
> GOETHE. *Faust.*

Sim — coroemos as noites
Com as rosas do hymeneo;
Entre flores de laranja
Serás minha e serei teu!

Sim — quero em leito de flores
Tuas mãos dentro das minhas...
Mas os cirios dos amores
Sejão só as estrellinhas.

Por incenso os teus perfumes,
Suspiros por oração,
E por lagrimas, sómente
As lagrimas da paixão!

Dos véos da noiva só tenhas
Dos cilios o negro véo;
Basta do collo o setim
Para as Madonas do céo!

Eu soltarei-te os cabellos...
Quero em teu collo sonhar!
Hei de embalar-te... do leito
Seja lampada o luar!

Sim — coroemos as noites
Da laranjeira co'a flôr;
Adormeçamos n'um templo,
Mas seja o templo do amor.

E' doce amar como os anjos
Da ventura no hymeneo:
Minha noiva, ou minh'amante
Vem dormir no peito meu!

Dá-me um beijo — abre teus olhos

Por entre esse humido véo :
Se na terra és minha amante,
És a minha alma no céo !

NO TUMULO DO MEU AMIGO

JOÃO BAPTISTA DA SILVA PEREIRA JUNIOR

EPITAPHIO

Perdão, meu Deus, se a tunica da vida
Insano profanei-a nos amores!
Se á corôa dos sonhos perfumados
Eu proprio desfolhei as roseas flores!

No vaso impuro corrompeu-se o nectar,
A argila da existencia desbotou-me!
O sol de tua gloria abriu-me as palpebras,
Da nodoa das paixões purificou-me!

E quantos sonhos na illusão da vida,
Quanta esperança no futuro ainda!
Tudo calou-se pela noite eterna...
E eu vago errante e só na treva infinda...

Alma em fogo, sedenta de infinito,
N'um mundo de visões o vôo abrindo,
Como o vento do mar no céo nocturno
Entre as nuvens de Deus passei dormindo!

A vida é noite : o sol tem véo de sangue :
Tactéa a sombra a geração descrida...
Acorda-te, mortal! é no sepulchro
Que a larva humana se desperta á vida!

Quando as harpas do peito a morte estala,
Um threno de pavor soluça e vôa :
E a nota divinal que rompe as fibras
Nas dulías angelicas echôa!

O PASTOR MORIBUNDO

CANTIGA DE VIOLA

A existencia dolorida
Cansa em meu peito : eu bem sei
Que morrerei!
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flôr
No teu amor!

Do coração nos refolhos
Solta um ai! n'um teu suspiro
Eu respiro!
Mas fita ao menos teus olhos

Sobre os meus : eu quero-os vêr
Para morrer!

Guarda comtigo a viola
Onde teus olhos cantei...
E suspirei!
Só a idéa me consola
Que morro como vivi...
Morro por ti!

Se um dia tua alma pura
Tiver saudades de mim,
Meu seraphim!
Talvez notas de ternura —
Inspirem o doudo amor
Do trovador!

TARDE DE VERÃO

Viens! . . . . . .
Que l'arbre pénétré de parfums et de chants,
. . . . . .
Et l'ombre et le soleil, et l'onde et la verdure,
Et le rayonnement de toute la nature
Fassent épanouir comme une double fleur
La beauté sur ton front, et l'amour dans ton cœur!

V. Hugo.

Como cheirosa e doce a tarde expira!
De amor e luz inunda a praia bella :
E o sol já rôxo e tremulo desdobra
Um iris furta-côr na fronte della.

Deixai que eu morra só! emquanto o fogo
Da ultima febre dentro em mim vacilla,
Não venhão illusões chamar-me á vida,
De saudades banhar a hora tranquilla!

Meu Deus! que eu morra em paz! não me corôem
De flores infecundas a agonia!
Oh! não doire o sonhar do moribundo
Lisongeiro pincel da phantasia!

Exhaurido de dôr e d'esperança
Posso aqui respirar mais livremente,
Sentir ao vento dilatar-se a vida,
Como a flôr da lagôa transparente!

Se ella estivesse aqui! no valle agora
Cai doce a briza morna desmaiando:
Nos murmurios do mar fôra tão doce
Da tarde no pallor viver amando!

Unil-a ao peito meu — nos labios della
Respirar uma vez, cobrando alento;
A' divina visão de seus amores
Acordar o meu peito inda um momento!

Fulgura a minha amante entre meus sonhos,
Como a estrella do mar nas agoas brilha;
Bebe á noite o favonio em seus cabellos
Mais suave o aroma que a baunilha.

Se ella estivesse aqui! jamais tão doce
O crepusculo o céo embellecêra,

E a tarde de verão fôra mais bella
Brilhando sobre a sua primavera!

Da languida pupilla de seus olhos
N'um olhar a desdem entorna amores,
Como á briza vernal na relva molle
O pecegueiro em flôr derrama flores.

Arvore florescente desta vida,
Que amor, belleza, e mocidade encantão,
Derrama no meu seio as tuas flores
Onde as aves do céo á noite cantão!

Vem! a areia do mar cobri de flores,
Perfumei de jasmins teu doce leito;
Podes suave, a noiva do poeta,
Suspirosa dormir sobre meu peito!

Não tardes, minha vida! no crepusculo
Ave da noite me acompanha a lyra...
E' um canto de amor... Meu Deus! que sonhos!
Era ainda illusão — era mentira!

TARDE DE OUTOMNO

Un souvenir heureux est peut-être sur terre
Plus vrai que le bonheur!

ALFRED DE MUSSET.

O POETA.

Oh! musa, porque vieste,
E comtigo me trouxeste
A vagar na solidão?
Tu não sabes que a lembrança
De meus annos de esperança
Aqui falla ao coração?

A SAUDADE.

De um puro amor a languida saudade

E' doce como a lagrima perdida
Que banha no scismar um rosto virgem.
Volta o rosto ao passado, e chora a vida.

O POETA.

Não sabes o quanto dóe
Uma lembrança que róe
A fibra que adormeceu?...
Foi neste valle que amei,
Que a primavera sonhei,
Aqui minha alma viveu.

A SAUDADE.

Pallidos sonhos do passado morto
E' doce reviver mesmo chorando.
A alma refaz-se pura. Um vento aéreo
Parece que de amor nos vai roubando.

O POETA.

Eu vejo ainda a janella
Onde á tarde junto della
Eu lia versos de amor...
Como eu vivia d'enleio
No bater daquelle seio,
Naquelle aroma de flôr!

Creio vêl-a inda formosa,
Nos cabellos uma rosa,
De leve a janella abrir...
Tão bella, meu Deus, tão bella!
Porque amei tanto, donzella,
Se devias me trahir?

A SAUDADE.

A casa está deserta. A parasita
Das paredes estala a negra côr.
Os aposentos o hervaçal povôa.
A porta é franca... Entremos, trovador!

O POETA.

Derramai-vos, prantos meus!
Dai-me prantos, ó meu Deus!
Eu quero chorar aqui!
Em que sonhos de ebriedade
No arrebol da mocidade
Eu nesta sombra dormi!

Passado, porque murchaste?
Ventura, porque passaste
Degenerando em saudade?
Do estio secou-se a fonte,

Só ficou na minha fronte
A febre da mocidade.

A SAUDADE.

Sonha, poeta, sonha! Alli sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoias sobre a mão a face pallida,
Sorrindo — dos amores á cantiga.

O POETA.

Minha alma triste se enluta,
Quando a voz interna escuta
Que blasphema da esperança.
Aqui tudo se perdeu,
Minha pureza morreu
Com o enlevo de criança!

Alli amante ditoso,
Delirante, suspiroso,
Effluvios della sorvi.
No seu collo eu me deitava...
E ella tão doce cantava!
De amor e canto vivi!

Na sombra deste arvoredo

Oh! quantas vezes a medo
Nossos labios se tocárão!
E os seios onde gemia
Uma voz que *amor* dizia,
Desmaiando me apertarão!

Foi doce nos braços teus,
Meu anjo bello de Deus,
Um instante do viver!
Tão doce, que em mim sentia
Que minh'alma se esvaía
E eu pensava alli morrer!

A SAUDADE.

E' berço de mysterio e d'harmonia
Seio mimoso de adorada amante.
A alma bebe nos sons que amor suspira
A voz, a doce voz de uma alma errante.

Tingem-se os olhos de amorosa sombra,
Os labios convulsivos estremecem,
E a vida foge ao peito... apenas tinge
As faces que de amor empallidecem.

Parece então que o agitar do gozo

Nossos labios attrai a um bem divino :
Da amante o beijo é puro como as flores
E a voz della é um hymno.

Dizei-o vós, dizei, ternos amantes,
Almas ardentes que a paixão palpita,
Dizei essa emoção que o peita gela
E os frios nervos n'um espasmo agita.

Vinte annos! como tens doirados sonhos!
E como a nevoa de fallaz ventura
Que se estende nos olhos do poeta
Doira a amante de nova formosura!

O POETA.

Que gemer! não me enganava?
Era o anjo que velava
Minha casta solidão?
São minhas noites gozadas,
As venturas tão choradas
Que vibrão meu coração?

E' tarde, amores, é tarde;
Uma scentelha não arde
Na cinza dos seios meus...

Por ella tanto chorei,
Que mancebo morrerei...
Adeus, amores, adeus!

. . . . . .
. . . . . .

CANTIGA

I

Em um castello doirado
Dorme encantada donzella;
Nasceu — e vive dormindo
— Dorme tudo junto della.

Adormeceu-a sonhando
Um feiticeiro condão,
E dormem no seio della
As rosas do coração.

Dorme a lampada argentina
Defronte do leito seu :
Noite a noite a lua triste
Dorme pallida no céo.

Voão os sonhos errantes
Do leito sob o docel,
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel.

E no castello, sósinha,
Dorme encantada donzella :
Nasceu — e vive dormindo
— Dorme tudo junto della.

Dormem cheirosas abrindo
As roseiras em botão,
E dormem no seio della
As rosas do coração!

•

II

A donzella adormecida
E' a tua alma santinha,

Que não sonha nas saudades
E nos amores da minha.

— Nos meus amores que velão
Debaixo do teu docel,
E suspirão no alaúde
As notas do menestrel!

Acorda, minha donzella!
Foi-se a lua — eis a manhã
E nos céos da primavera
A aurora é tua irmã!

Abrírão no valle as flores
Sorrindo na fresquidão :
Entre as rosas da campina
Abrão-se as do coração!

Acorda, minha donzella,
Soltemos da infancia o véo...
Se nós morrermos, n'um beijo,
Acordaremos no céo!

SAUDADES

'Tis vain to struggle — let me perish young!
BYRON.

Foi por ti que n'um sonho de ventura
A flôr da mocidade consumi,
E ás primaveras digo adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci!

Vinte annos! derramei-os gota a gota
N'um abysmo de dôr e esquecimento...
De fogosas visões nutri meu peito...
Vinte annos!... não vivi um só momento!

Comtudo no passado uma esperança
Tanto amor e ventura promettia,
E uma virgem tão doce, tão divina
Nos sonhos junto a mim adormecia!...

. . . . . .

Quando eu lia com ella — e no romance
Suspirava melhor ardente nota,
E Jocelyn sonhava com Laurence
Ou Werther se morria por Carlota,

Eu sentia a tremer, a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma innocentinha,
E uma furtiva lagrima rolando
Da face della humedecer a minha!

E quantas vezes o luar tardio
Não viu nossos amores innocentes?
Não embalou-se da morena virgem
No suspirar, nos canticos ardentes?

E quantas vezes não dormi sonhando
Eterno amor, eternas as venturas,
E que o céo ia abrir-se, e entre os anjos
Eu ia me acordar em noites puras?

Foi esse o amor primeiro — requeimou-me
As arterias febris de juventude,
Acordou-me dos sonhos da existencia
Na harmonia primeira do alaúde!

. . . . . .

Meu Deus! e quantas eu amei!... Comtudo
Das noites voluptuosas da existencia
Só restão-me saudàdes dessas horas
Que illuminou tua alma d'innocencia!

Forão trez noites só... trez noites bellas
De lua e de verão, no val saudoso...
Que eu pensava existir... sentindo o peito
Sobre teu coração morrer de gozo!

E por trez noites padeci trez annos,
Na vida cheia de saudade infinda...
Trez annos de esperança e de martyrio...
Trez annos de soffrer — e espero ainda!

A ti se erguêrão meus doridos versos,
Reflexos sem calor de um sol intenso:
Votei-os á imagem dos amores
P'ra velal-a nos sonhos como incenso!

Eu sonhei tanto amor, tantas venturas,
Tantas noites de febre e d'esperança!
Mas hoje o coração desbota, esfria,
E do peito no tumulo descansa!

Pallida sombra dos amores santos,
Passa, quando eu morrer, no meu jazigo:
Ajoelha-te ao luar e canta um pouco,
E lá na morte eu sonharei comtigo!

12 de septembro, 1851.

ESPERANÇAS

Oh! si elle m'eût aimé!....
ALFRED DE VIGNY. *Chatterton.*

Se a illusão de minh'alma foi mentida,
E, leviano, da arvore da vida
As flores desbotei;
Se por sonhos do amor de uma donzella
Immolei meu porvir, e o ser por ella
Em prantos esgotei;

Se a alma consumi na dôr que mata,
E banhei de uma lagrima insensata
A ultima esperança,

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como dos mares pela noite infinda
A estrella da bonança!

Como nas folhas do Missal do templo,
Os mysterios de Deus em ti contemplo
E na tua alma os sinto!
As vezes, delirante, se eu maldigo
As esperanças que sonhei comtigo,
Perdôa-me, que minto!

Oh! não me odeies, não! eu te amo ainda,
Como do peito a aspiração infinda
Que me influe o viver,
E como a nuvem de azulado incenso;
Como eu amo esse affecto unico, immenso
Que me fará morrer!

Rompeste a alva tunica luzente
Que eu doirava por ti de amor demente
E aromei de abusões...
Déste-me em troco lagrimas acerrimas...
Ah! que morrêrão a sangrar miserrimas
As minhas illusões!

Nos encantos das fadas da ventura

Podes dormir ao sol da formosura
Sempre bella e feliz:
Irmã dos anjos, sonharei comtigo:
A alma a quem negaste o ultimo abrigo
Chora... não te maldiz!

Chora — e sonha — e espera: a negra sina
Talvez no céo se apague em purpurina
Alvorada de amor...
E eu acorde no céo n'um teu abraço:
E repouse tremendo em teu regaço
Teu pobre sonhador!

VIRGEM MORTA

Oh! make her a grove where the sun-beams rest
When they promise a glorious morrow!
They'ill sink o'er her sleep, like a smile from the west,
From her own loved land of sorrow.

TH. MOORE.

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flôr o mar suspira,
E, quando geme a briza do crepusculo,
Mais poesia do arrebol transpira;

Nas horas em que a tarde moribunda
As nuvens roxas desmaiando corta,

No leito molle da molhada areia
Manso repousem a belleza morta.

Irmã chorosa a suspirar desfolhe
No seu dormir da laranjeira as flores,
Vistão-na de setim, e o véo de noiva
Lhe desdobrem da face nos pallores.

Vaguêe em torno, de saudosas virgens,
Errando á noite, a lamentosa turma;
Nos canticos de amor e de saudade
Junto ás ondas do mar a virgem durma.

A' briza da saudade suspirando
Ahi na tarde, mysteriosa e bella,
Entregarei as cordas do alaúde
E irei meus sonhos prantear por ella!

Quero eu mesmo de rosa o leito encher-lhe
E de amorosos prantos perfumal-a,
E a essencia dos canticos divinos,
No tumulo da virgem, derramal-a.

Que importa que ella durma descorada,
E velasse o pallor a côr do pejo?
Quero a delicia que o amor sonhava,
Nos labios della pressentir n'um beijo.

Desbotada corôa do poeta,
Foi ella mesma quem prendeu-te flores...
Ungiu-as no sacrario de seu peito
Inda virgem do alento dos amores...

Na minha fronte riu de ti passando
Dos sepulchros o vento peregrino...
Irei eu mesmo desfolhar-te agora
Da fronte della no pallôr divino!...

E comtudo eu sonhava! e pressuroso
Da esperança o licôr sorvi sedento!
Ah! que tudo passou! — só tenho agora
O sorriso de um anjo macilento!

. . . . . .

O' minha amante, minha doce virgem,
Eu não te profanei, e dormes pura :
No somno do mysterio, qual na vida,
Podes sonhar apenas na ventura.

Bem cedo ao menos eu serei comtigo
— Na dôr do coração a morte leio...
Poderei amanhã, talvez, meus labios
Da irmã dos anjos encostar no seio...

E tu, vida que amei! pelos teus valles
Com ella sonharei eternamente,
Nas noites junto ao mar, e no silencio,
Que das notas enchi da lyra ardente!...

Dorme alli minha paz, minha esperança,
Minha sina de amor morreu com ella,
E o genio do poeta, lyra eolia
Que tremia ao alento da donzella!

Qu'esperanças, meus Deus! E o mundo agora
Se inunda em tanto sol no céo da tarde!
Acorda, coração!... Mas no meu peito
Labio de morte murmurou — E' tarde!

E' tarde! e quando o peito estremecia
Sentir-me abandonado e moribundo!
E' tarde! é tarde! ó illusões da vida,
Morreu com ella da esperança o mundo!...

No leito virginal de minha noiva
Quero, nas sombras do verão da vida,
Prantear os meus unicos amores,
Das minhas noites a visão perdida!

Quero alli, ao luar, sentir passando
Por alta noite a viração marinha,

E ouvir, bem junto ás flores do sepulchro,
Os sonhos de sua alma innocentinha.

E quando a magoa devorar meu peito,
E quando eu morra de esperar por ella,
Deixai que eu durma alli e que descanse,
Na morte ao menos, junto ao seio della!

HYMNOS DO PROPHETA

I

UM CANTO DO SECULO

Spiritus meus attenuabitur, dies me breviabuntur, et solum mihi superest sepulchrum....

Job.

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir;
A minha alma só canta a sepultura,
Nem ultima illusão beija e conforta
Meu suarento dormir...

Debalde! que exhauriu-me o desalento :
A flòr que aos labios meus um anjo déra
Mirrou na solidão...
Do meu inverno pelo céo nevoento
Não se levantará nem primavera
Nem raio de verão!

Invejo as flores que murchando morrem,
E as aves que desmaião-se cantando
E expirão sem soffrer...
As minhas veias inda ardentes correm,
E na febre da vida agonisando
Eu me sinto morrer!

Tenho febre — meu cerebro transborda...
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor!
Oh! cantemos ainda! a ultima corda
Inda palpita... morrerei cantando
O meu hymno de amor!

Meu sonho foi a gloria dos valentes,
De um nome de guerreiro a eternidade
Nos hymnos seculares :
Foi nas praças, de sangue ainda quentes,

Desdobrar o pendão da liberdade
Nas frontes populares!

Meu amor foi a verde laranjeira
Cheia de sombra, á noite abrindo as flores
Melhor que ao meio-dia:
A varzea longa — a lua forasteira
Que pallida como eu, sonhando amores,
De nevoa se cobria.

Meu amor foi o sol que madrugava,
O canto matinal dos passarinhos
E a rosa predilecta...
Fui um louco, meu Deus! quando tentava
Descorado e febril manchar nos vinhos
Meus louros de poeta!

Meu amor foi o sonho dos poetas
— O bello — o genio — de um porvir liberto
A sagrada utopia.
E á noite pranteei como os prophetas,
Dei lagrimas de sangue no deserto
Dos povos á agonia!

Meu amor!... foi a mãe que me alentava,
Que viveu e esperou por minha vida

E prantêa por mim...
E a sombra solitaria que eu sonhava
Languida como vibração perdida
De roto bandolim...

E agora o unico amor... o amor eterno
Que no fundo do peito aqui murmura
E acende os sonhos meus,
Que lança algum luar no meu inverno,
Que minha vida no penar apura
E' o amor de meu Deus!

É só no effluvio desse amar immenso
Que a alma derrama as emoções captivas
Em suspiros sem dôr:
E no vapor do consagrado incenso
Que as sombras da esperança redivivas
Nos beijão o pallor!

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei minha amante noite e dia
E o ideal não veio...
Farto de vida, breve serei morto...
Não poderei ao menos na agonia
Descansar-lhe no seio!

Passei como Don Juan entre as donzellas,
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces bellas
Sorvi o mel, nas lóngas despedidas...
Meu Deus! ninguem me amou!

Vivi na solidão — odeio o mundo.
E no orgulho embucei meu rosto pallido
Como um astro nublado...
Ri-me da vida — lupanar immundo
Onde se volve o libertino esqualido
Na treva... profanado!

Quantos hei visto desbotarem frios
Manchados de embriaguez da orgia em meio
Nas infamias do vicio!
E quantos morreráõ inda sombrios
Sem remorso dos negros devaneios...
Sentindo o precipicio!

Quanta alma pura, e virgem menestrel
Que adormeceu no tremedal sem fundo,
No lodo se manchou!
Que lyras estaladas no bordel!

E que poetas que perdeu o mundo
Em Bocage e Marlowe!

Morrer! alli na sombra — na taverna
A alma que em si continha um canto aerio
No peito solitario!
Sublime como a nota obscura, eterna,
Que o bronze vibra em noites de mysterio
No escuro campanario!

O' meus amigos, deve ser terrivel
Sobre as taboas immundas, inda ebrioso,
Na solidão morrer!
Sentir as sombras dessa noite horrivel
Surgirem dentre o leito pavoroso...
Sem um Deus para crêr!

Sentir que a alma, desbotado lyrio,
N'um mundo ignoto vagará chorando
Na treva mais escura...
E o cadaver sem lagrima, sem cirio,
Na calçada da rua, desbotando,
Não terá sepultura!

Perdoa-lhes, meu Deus! o sol da vida
Nas arterias inflamma o sangue em lava

E o cerebro varía...
O seculo na vaga enfurecida
Mergulha a geração que se acordava...
E nuta de agonia!

São tristes deste seculo os destinos!
Seiba mortal as flores que despontão
Infecta em seu abrir —
E o cadafalso e a voz dos Girondinos
Não fallão mais na gloria e não apontão
A aurora do porvir!

Fôra bello talvez, em pé, de novo
Como Byron surgir — ou na tormenta
O homem de Waterloo :
Com sua idéa illuminar um povo,
Como o trovão da nuvem que rebenta
E o raio derramou!

Fôra bello talvez sentir no craneo
A alma de Goethe, e resumir na fibra
Milton, Homero e Dante
— Sonhar-se n'um delirio momentaneo
A alma da creação e o som que vibra
A terra palpitante!

Mas ah! o viajor nos cemiterios
Nessas núas caveiras não escuta
Vossas almas errantes...
Do estandarte medonho nos imperios
A morte, leviana prostituta,
Não distingue os amantes!

Eu, pobre sonhador — eu, terra inculta
Onde não fecundou-se uma semente,
Comvosco dormirei:
E dentre nós a multidão estulta
Não vos distinguirá a fronte ardente
Do craneo que animei...

O' morte! a que mysterio me destinas?
Esse atomo de luz que inda me alenta,
Quando o corpo morrer,
Voltará ámanhã aziagas sinas
Na terra n'uma face macilenta
Esperar e soffrer?

Meu Deus! antes, meu Deus! que uma outra vida,
Com teu braço eternal meu ser esmaga
E minha alma aniquila:
A estrella de verão no céo perdida

Tambem ás vezes teu alento apaga
N'uma noite tranquilla!...

II

LAGRIMAS DE SANGUE

Tœdet animam meam vitæ meæ.
JOB.

Ao pé das aras no clarão dos cirios
Eu te devêra consagrar meus dias;
Perdão, meu Deus! perdão
Se neguei meu Senhor nos meus delirios
E um canto de enganosas melodias
Levou meu coração!

Só tu, só tu podias o meu peito
Fartar de immenso amor e luz infinda
E uma saudade calma;
Ao sol de tua fé doirar meu leito
E de fulgores inundar ainda
A aurora na minh'alma.

Pela treva do espirito lancei-me,
Das esperanças suicidei-me rindo...
Suffoquei-as sem dó.
No valle dos cadaveres sentei-me
E minhas flores semeei sorrindo
Dos tumulos no pó.

Indolente Vestal, deixei no templo
A pyra se apagar — na noite escura
O meu genio descreu.
Voltei-me para a vida... só contemplo
A cinza da illusão que alli murmura :
Morre! — tudo morreu!

Cinzas, cinzas... Meu Deus! só tu podias
A' alma que se perdeu bradar de novo :
Resurge-te ao amor!
Macilento, das minhas agonias
Eu deixaria as multidões do povo
Para amar o Senhor!

Do leito aonde o vicio acalentou-me
O meu primeiro amor fugiu chorando...
Pobre virgem de Deus!
Um vendaval sem norte arrebatou-me,

Acordei-me na treva... profanando
Os puros sonhos meus!

Oh! se eu podesse amar!... — E' impossivel! —
Mão fatal escreveu na minha vida;
A dôr me envelheceu.
O desespero pallido, impassivel
Agoirou minha aurora entristecida,
De meu astro descreu.

Oh! se eu podesse amar! Mas não : agora
Que a dor emmurcheceu meus breves dias,
Quero na cruz sanguenta
Derramal-os na lagrima que implora,
Que mendiga perdão pela agonia
Da noite lutulenta!

Quero na solidão — nas ermas grutas
A tua sombra procurar chorando
Com meu olhar incerto :
As palpebras doridas nunca enxutas
Queimarei... teus phantasmas invocando
No vento do deserto.

De meus dias a lampada se apaga :
Roêrão meu viver mortaes venenos;

Curvo-me ao vento forte.
Teu funebre clarão que a noite alaga,
Como a estrella oriental me guie ao menos
Té o valle da morte!

No mar dos vivos o cadaver boia
— A lua é descorada como um craneo,
Este sol não reluz :
Quando na morte a palpebra se engoia,
O anjo se acorda em nós — e subitaneo
Vôa ao mundo da luz!

Do val de Josaphat pelas gargantas
Uiva na treva o temporal sem norte
E os phantasmas murmurão...
Irei deitar-me nessas trevas santas,
Banhar-me na friez lustral da morte
Onde as almas se apurão!

Mordendo as clinas do corsel da sombra,
Suffocado, arquejante passarei
Na noite do infinito.
Ouvirei essa voz que a treva assombra,
Dos labios de minh'alma entornarei
O meu cantico afflicto!

Flores cheias de aroma e de alegria,
Porque na primavera abrir cheirosas
E orvalhar-vos abrindo?
As torrentes da morte vem sombrias,
Hão de ámanhã nas agoas tenebrosas
Vos rebentar bramindo.

Morrer! morrer! E' voz das sepulturas!
Como a lua nas salas festivaes
A morte em nós se estampa!
E os pobres sonhadores de venturas
Roxêão ámanhã nos funeraes
E vão rolar na campa!

Que vale a gloria, a saudação que enleva
Dos hymnos triumphaes na ardente nota,
E as turbas devancia?
Tudo isso é vão, e cala-se na treva
— Tudo é vão, como em labios de idiota
Cantiga sem idéa.

Que importa? quando a morte se descarna,
A esperança do céo fluctua e brilha
Do tumulo no leito :
O sepulchro é o ventre onde se encarna

Um verbo divinal que Deus perfilha
E abysma no seu peito!

Não chorem! que essa lagrima profunda
Ao cadaver sem luz não dá conforto...
Não o acorda um momento!
Quando a treva medonha o peito inunda,
Derrama-se nas palpebras do morto
Luar de esquecimento!

Caminha no deserto a caravana,
N'uma noite sem lua arqueja e chora...
O termo... é um sigillo!
O meu peito cansou da vida insana;
Da cruz á sombra, junto aos meus, agora
Eu dormirei tranquillo!

Dorme alli muito amor... muitas amantes,
Donzellas puras que eu sonhei chorando
E vi adormecer.
Ouço da terra canticos errantes,
E as almas saudosas suspirando,
Que fallão em morrer...

Aqui dormem sagradas esperanças,
Almas sublimes que o amor erguia...

E gelárão tão cedo!
Meu pobre sonhador! ahi descansas,
Coração que a existencia consumia
E roeu um segredo!...

Quando o trovão romper as sepulturas,
Os craneos confundidos acordando
No lodo tremerão.
No lodo pelas ténebras impuras
Os ossos estalados tiritando
Dos valles surgirão!

Como rugindo a chamma encarcerada
Dos negros flancos do volcão rebenta
Golfejando nos céos,
Entre nuvem ardente e trovejada
Minh'alma se erguerá, fria, sangrenta,
Ao throno de meu Deus...

Perdôa, meu Senhor! O errante crente
Nos desesperos em que a mente abrazas
Não o arrojes p'lo crime!
Se eu fui um anjo que descreu demente
E no oceano do mal rompeu as azas,
Perdão! arrependi-me!

III

A TEMPESTADE

FRAGMENTO

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes, rindo, adeus!
Vim adorar na serrania escura
A sombra de meu Deus!

O céo ennegreceu — lá no occidente
Rubro o sol se apagou
E galopa o corsel da tempestade
Nas nuvens que rasgou!

Da cruta negra a cataracta rola,
Alaga a serra bronca,
Esbarra pelo abysmo, escuma nivando
E pelas trevas ronca.

O chão nú escalvado p'las torrentes
Tremulo se fendeu —
Da serrania a lomba escaveirada
O raio ennegreceu.

Cede a floresta ao arquejar fremente
Do rijo temporal,
Ribomba e rola o raio — nos abysmos
Sibila o vendaval.

Nas trevas o relampago fascina,
A selva se incendêa;
Chuva de fogo pelas serras hirtas
Phantastica serpêa...

Amo a voz da tempestade,
Porque agita o coração,
E o espirito inflammado
Abre as azas no trovão!

A minha alma se devora
Na vida morta e tranquilla...

Quero sentir emoções,
Vêr o raio que vacilla!

Emquanto as raças medrosas
Banhão de prantos o chão,
Eu quero erguer-me na treva,
Saudar glorioso o trovão!

Jehovah! derrama em chuva
Os teus raios incendidos,
Tua voz na tempestade
Rebôa nos meus ouvidos!

E' quando as nuvens ribombão
E a selva medonha está
Que no relampago surge
A face de Jehovah!

A tuba da tempestade
Rouqueja nos longos céos.
De joelhos na montanha
Espero agora meu Deus!

O caminho rasgou-se. — Mil torrentes
Rebentão bravejando,
Rodão na espuma as rochas gigantescas
Pelo abysmo tombando.

Como em noite do cáhos, os elementos
Incandescentes lutão
— Negra a terra — o céo rubro — o mar vozêa
E as florestas escutão...

Tudo se escureceu — e pela treva
No chão sem sepultura
Os mortos se revolvem tiritando
A' longa noite escura.

. . . . . .

Propheta escarnecido pelas turbas
Disse-lhes, rindo, adeus!
Vim fitar ao clarão da tempestade
A sombra de meu Deus!

LEMBRANCA DE MORRER

No more! o never more!
SHELLEY.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
Que o espirito enlaça á dôr vivente,
Não derramem por mim nem uma lagrima
Em palpebra demente.

E nem desfolhem na materia impura
A flôr do valle que adormece ao vento :
Não quero que uma nota de alegria
Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto, o poento caminheiro
— Como as horas de um longo pesadello
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como um desterro de minh'alma errante,
Onde fogo insensato a consumia:
Só levo uma saudade — é desses tempos
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus unicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavão
Quanto, em noites de febre endoudecido,
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Se uma lagrima as palpebras me inunda,
Se um suspiro nos seios treme ainda
E' pela virgem que sonhei... que nunca
Aos labios me encostou a face linda!

Só tu á mocidade sonhadora
Do pallido poeta déste flôres...

Se viveu, foi por ti! e de esperança
De na vida gozar de teus amores.

Beijarei a verdade santa e núa,
Verei crystallisar-se o sonho amigo...
O' minha virgem dos errantes sonhos,
Filha do céo, eu vou amar comtigo!

Descansem o meu leito solitario
Na floresta dos homens esquecida,
A sombra de uma cruz, e escrevão nella :
— Foi poeta — sonhou — e amou na vida. —

Sombras do valle, noités da montanha
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado,
E no silencio derramai-lhe canto!

Mas quando preludía ave d'aurora
E quando á meia-noite o céo repousa,
Arvoredos do bosque, abri os ramos...
Deixai a lua pratear-me a lousa!

LYRA
DOS VINTE ANNOS

SEGUNDA PARTE

PREFACIO

Cuidado, leitor, ao voltar esta pagina!

Aqui dissipa-se o mundo visionario e platonico. Vamos entrar n'um mundo novo, terra phantastica, verdadeira ilha Barataria de D. Quichotte, onde Sancho é rei, e vivem Panurgio, Sir John Falstaff, Bardolph, Figaro e o Sganarello de D. João Tenorio : — a patria dos sonhos de Cervantes e Shakspeare.

Quasi que depois de Ariel esbarramos em Caliban.

A razão é simples. E' que a unidade deste livro funda-se n'uma binomia. Duas almas que morão nas cavernas

de um cerebro pouco mais ou menos de poeta escrevêrão este livro, verdadeira medalha de duas faces.

Demais, perdôem-me os poetas do tempo, isto aqui é um thema, senão mais novo, menos esgotado ao menos que o sentimentalismo tão *fashionable* desde Werther e René.

Por um espirito de contradicção, quando os homens se vêem inundados de paginas amorosas, preferem um conto de Bocaccio, uma caricatura de Rabelais, uma scena de Falstaff no *Henrique IV* de Shakspeare, um proverbio phantastico daquelle *polisson* Alfredo de Musset, a todas as ternuras elegiacas dessa poesia de arremêdo que anda na moda, e reduz as moedas de oiro sem liga dos grandes poetas ao troco de cobre, divisivel até o extremo, dos liliputianos poetastros. — Antes da Quaresma ha o Carnaval.

Ha uma crise nos seculos como nos homens. É quando a poesia cegou deslumbrada de fitar-se no mysticismo, e cahiu do céu sentindo exhaustas as suas azas de oiro.

O poeta acorda na terra. Demais, o poeta é homem. *Homo sum*, como dizia o celebre Romano. Vê, ouve, sente e, o que é mais, sonha de noite as bellas visões palpaveis de acordado. Tem nervos, tem fibra e tem arterias — isto é, antes e depois de ser um ente idealista,

é um ente que tem corpo. E, digão o que quizerem, sem esses elementos, que sou o primeiro a reconhecer muito prosaicos, não ha poesia.

O que acontece? Na exhaustão causada pelo sentimentalismo, a alma ainda tremula e resoante da febre do sangue, a alma que ama e canta porque sua vida é amor e canto, o que póde senão fazer o poema dos amores da vida real? Poema talvez novo, mas que encerra em si muita verdade e muita natureza, e que sem ser obsceno póde ser erotico sem ser monotono. Digão e creião o que quizerem. Todo o vaporoso da visão abstracta não interessa tanto como a realidade formosa da bella mulher a quem amamos.

O poema então começa pelos ultimos crepusculos do mysticismo brilhando sobre a vida como a tarde sobre a terra. A poesia purissima banha com seu reflexo ideal a belleza sensivel e nua.

Depois a doença da vida, que não dá ao mundo objectivo côres tão azuladas como o nome britannico de *blue devils*, descarna e injecta de fel cada vez mais o coração. Nos mesmos labios onde suspirava a monodia amorosa, vem a satyra que morde.

E' assim. Depois dos poemas epicos Homero escreveu o poema ironico. Gœthe depois de Werther creou o

Faust. Depois de Parisina e o Giaour de Byron vem o Cain e Don Juan — Don Juan que começa como Cain pelo amor, e acaba como elle pela descrença venenosa e sarcastica.

Agora basta.

Ficarás tão adiantado, meu leitor, como se não lêsses essas paginas, destinadas a não ser lidas. Deus me perdòe! assim é tudo! até os prefacios!

SEGUNDA PARTE

UM CADAVER DE POÉTA

> Levem ao tumulo aquelle que parece um cadaver! Tu não pesaste sobre a terra: a terra te seja leve!
>
> L. Uhland.

I

De tanta inspiração e tanta vida
Que os nervos convulsivos inflammava
E ardia sem conforto...
O que resta? uma sombra esvaecida,
Um triste que sem mãe agonisava...
Resta um poeta morto!

Morrer! e resvalar na sepultura,
Frias na fronte as illusões — no peito
Quebrado o coração!
Nem saudades levar da vida impura
Onde arquejou de fome... sem um leito!
Em treva e solidão!

Tu foste como o sol; tu parecias
Ter na aurora da vida a eternidade
Na larga fronte escripta...
Porém não voltarás como surgias!
Apagou-se teu sol da mocidade
N'uma treva maldita!

Tua estrella mentiu. E do fadario
De tua vida a pagina primeira
Na tumba se rasgou...
Pobre genio de Deus, nem um sudario!
Nem tumulo nem cruz! como a caveira
Que um lobo devorou!...

II

Morreu um trovador — morreu de fome.
Acharão-o deitado no caminho :
Tão doce era o semblante ! Sobre os labios
Fluctuava-lhe um riso esperançoso.
E o morto parecia adormecido.

Ninguem ao peito recostou-lhe a fronte
Nas horas da agonia ! Nem um beijo
Em boca de mulher ! nem mão amiga
Fechou ao trovador os tristes olhos !
Ninguem chorou por elle... No seu peito
Não havia collar nem bolsa d'oiro ;
Tinha até seu punhal um ferreo punho...
Pobretão ! não valia a sepultura !

Todos o vião e passavão todos.
Comtudo era bem morto desde a aurora.
Ninguem lançou-lhe junto ao corpo immovel
Um seitil para a cova !... nem sudario !

O mundo tem razão, sisudo pensa,
E a turba tem um cerebro sublime!
De que vale um poeta — um pobre louco
Que leva os dias a sonhar — insano
Amante de utopias e virtudes
E, n'um tempo sem Deus, ainda crente?

A poesia é de certo uma loucura;
Seneca o disse, um homem de renome.
E' um defeito no cerebro... Que doudos!
E' um grande favor, é muita esmola
Dizer-lhes *bravo!* á inspiração divina,
E, quando tremem de miseria e fome,
Dar-lhes um leito no hospital dos loucos...
Quando é gelada a fronte sonhadora,
Porque ha de o vivo que despreza rimas
Cansar os braços arrastando um morto,
Ou pagar os salarios do coveiro?
A bolsa esvasiar por um miserrimo,
Quando a emprega melhor em lodo e vicio!

E que venhão ahi fallar-me em Tasso!.
Culpar Affonso d'Est — um soberano! —
Por não lhe dar a mão da irmã fidalga!
Um poeta é um poeta — apenas isso:
Procure para amar as poetisas!

Se na França a princeza Margarida,
De Francisco Primeiro irmã formosa,
Ao poeta Alain Chartier adormecido
Deu nos labios um beijo, é que esta moça,
Apezar de princeza, era uma douda,
E a prova é que tambem rondós fazia.
Se Riccio o trovador obteve amores
— Novella até bastante duvidosa —
Dessa Maria Stuart formosissima,
E' que ella — sabe-o Deus! — fez tanta asneira,
Que não admira que um poeta amasse!

Por isso adoro o libertino Horacio.
Namorou algum dia uma parenta
Do patrono Mecenas? Parasita,
Só pedia dinheiro — no triclinio
Bebia vinho bom — e não vivia
Fazendo versos ás irmãs de Augusto.

E quem era Camões? Por ter perdido
Um olho na batalha e ser valente,
As esmolas valeu. Mas quanto ao resto,
Por fazer umas trovas de vadio,
Deverião lhe dar, além de gloria,
— E essa derão lhe á farta — algum bispado,

Alguma dessas gordas sinecuras
Que se davão a idiotas fidalguias?

Deixem-se de visões, queimem-se os versos.
O mundo não avança por cantigas.
Creião do poviléo os trovadores
Que um poema não val meia princeza.

Um poema comtudo, bem escripto,
Bem limado e bem cheio de tetéias,
Nas horas do café lido fumando,
Ou no campo, na sombra do arvoredo,
Quando se quer dormir e não ha somno,
Tem o mesmo valor que a dormideira.

Mas não passe dalli do vate a mente.
Tudo o mais são orgulhos, são loucuras!
Faublas tem mais leitores do que Homero.....
Um poeta no mundo tem apenas
O valor de um canario de gaiola...
E' prazer de um momento, é mero luxo.
Contente-se em traçar nas folhas brancas
De algum *Album* da moda umas quadrinhas.
Nem faça appellações para o futuro.
O homem é sempre o homem. Tem juizo .
Desde que o mundo é mundo assim cogita.

Nem ha negal-o — não ha doce lyra
Nem sangue de poeta ou alma virgem
Que valha o talisman que no oiro vibra!
Nem musicas nem santas harmonias
Igualão o condão, esse electrismo,
A ardente vibração do som metallico...

. . . . . .

Meu Deus! e assim fizeste a creatura?
Amassaste no lodo o peito humano?
O' poetas, silencio! é este o homem?
A feitura de Deus! a imagem delle!
O rei da creação!...

Que verme infame!
Não Deus, porém Satan no peito vacuo
Uma corda prendeu-te — o egoismo!
Oh! miseria, meu Deus! e que miseria!

III

Passou El-Rei alli com seus fidalgos.
Ião a degolar uns insolentes

Que ousárão murmurar da infamia regia,
Das nodoas de uma vida libertina!
Ião em grande gala. O Rei scismava
Na gloria de espetar no pelourinho
A cabeça de um pobre degolado.
Era um rei *bon-vivant*, e rei devoto :
E, como Luiz XI, ao lado tinha
O bobo, o capellão... e seu carrasco.

O cavallo do Rei, sentindo o morto,
Tremulo de terror parou nitrindo.
Deu d'esporas leviano o cavalleiro
E disse ao capellão :

« E não enterrão
Esse homem que apodrece, e no caminho
Assusta-me o corsel? »

Depois voltou-se
E disse ao camarista de semana :
« Conheces o defunto? Era inda moço.
Faria certamente um bom soldado.
A figura é esbelta! Forte pena!
Podia bem servir para um lacaio. »

Descoberto o faceiro fidalgote
Responde-lhe fazendo a cortezia :

« Pelas tripas do Papa! eu não me engano,
Leve-me Satanaz se este defunto
Hontem não era o trovador Tancredo! »

« Tancredo! » murmurou erguendo os oculos
Um amphibio, um barbaças truanesco,
Alma de Triboulet, que além de bobo
Era o vate da côrte — bem nutrido,
Farto de sangue, mas de veia pobre,
Cahidos beiços, volumoso abdomen,
Grisalha cabelleira esparramada,
Tremendo narigão, mas testa curta;
Em súmma um glosador de sobremezas.

« Tancredo! — repetiu imaginando —
Um asno! só cantava para o povo!
Uma lingoa de fel, um insolente!
Orgulho desmedido... e quanto aos versos
Morava como um sapo n'agoa doce...
Não sabia fazer um trocadilho... »

O rei passou — com elle a companhia.
Só ficou resupino e macilento
Da estrada em meio o trovador defunto.

IV

Ia cahindo o sol. Bem reclinado
No vagaroso coche madornando,
Depois de bem jantar fazendo a sésta,
Roncava um nedio, um barrigudo frade :
Bochechas e nariz, em cima uns oculos,
Vermelho solidéo... emfim um bispo,
E um bispo, senhor Deus! da idade média,
Em que os bispos — como hoje e mais ainda —
Sob o peso da cruz bem rubicundos,
Dormindo bem, e a regalar bebendo,
Sabião engordar na sinecura;
Papudos santarrões, depois da Missa
Lançando ao povo a benção — por dinheiro!

O cocheiro ia bebado por certo;
Os cavallos tocou p'lo bom caminho
Mesmo em cima das pernas do cadaver.
Refugou a parelha mas o sóta
— Que ao sol da gloria episcopal enchia
De orgulho e de insolencia o couro inerte,

Cuspindo o poviléo, como um fidalgo —
Que em falta de miolo tinha vinho
Na cabeça devassa, deu de esporas :
Como passára sobre a vil carniça
Reléo de corvos negros — foi por cima...
Mas desgraça! maldito aquelle morto!
Desgraça!... não porque pisasse o coche
Aquelles magros ossos, mas a roda
Na humana resistencia deu estalo...
E acorda o fradalhão...

« O que succede?
— Pergunta bocejando . — E' algum bebado?
Em que bicho pisárão? »

« Senhor bispo »
Diz o servo da Igreja, o bom cocheiro
Ao vigario de Christo, ao santo Apostolo
Isto é — dessa fidalga raça nova
Que não anda de pé como S. Pedro,
Nem estafa os corseis de S. Francisco :
« Perdôe Vossa Excellencia Eminentissima ;
E' um pobre diabo de poeta,
Um homem sem miolo e sem barriga
Que lembrou-se de vir morrer na estrada! »

« Abrenuncio! — rouqueja o santo Bispo —

Leve o Diabo essa tribu de bohemios!
Não ha tanto lugar onde se morra?
Maldita gente! inda persegue os Santos
Depois que o Diabo a leva!... »

E foi caminho.

Leve-te Deus! Apostolo da crença,
Da esperança e da santa caridade!
Tu, sim, és religioso e nos altares
Vem cada sachristão, e cada monge
Agitar a teus pés o seu thuribulo!
E o sangue do Senhor no calix d'oiro
Da turba na oração te banha os labios...

Leve-te Deus , Apostolo da crença!
Sem padres como tu que fôra o mundo?
E' por ti que o altar apoia o throno!
E teu olhar que fertilisa os valles
Fecunda a vinha santa do Messias!

Leve-te Deus... ou leve-te o Demonio!

V

Cahiu a noite, do azulado manto,
Como gotas de orvalho, sacodindo
Estrellas scintillantes. — Veio a lua
Banhando de tristeza o céo nocturno :
Derrama aos corações melancolia,
Derrama no ar cheiroso mollemente
Cerulea chamma, dia incerto e pallido
Que ao lado da floresta ajunta as sombras
E lança pelas agoas da campina
Alvacentos clarões que as flores bebem.
A galope, de volta do noivado,
Passa o Conde Solfiêr, e a noiva Elfrida.
Seguem fidalgos que o sarão reclama.

ELFRIDA.

— Não vês, Solfier, alli da estrada em meio
Um defunto estendido? —

SOLFIER.

— O' minha Elfrida,

Voltemos desse lado : outro caminho
Se dirige ao castello. E' máo agouro
Por um morto passar em noites destas? —

Mas Elfrida approxima o seu cavallo.

ELFRIDA.

— Tancredo!... vêde! é o trovador Tancredo!
Coitado! assim morrer! um pobre moço!
Sem mãe e sem irmã! E não o enterrão?
Neste mundo não teve um só amigo? —

« Ninguem, senhora! — respondeu da sombra
Uma dorida voz : — Eu vim, ha pouco,
Ao saber que do povo no abandono
Jazia como um cão. Eu vim, e eu mesmo
Cavei junto do lago a cova impura. »

ELFRIDA.

— Tendes um coração. Tomai, mancebo,
Tomai essa pulseira... Em ouro e joias
Tem bastante p'ra erguer-lhe um monumento,
E para longas missas lhe dizerem
Pelo repouso d'alma... —

O moço riu-se.

O DESCONHECIDO.

— Obrigado. Guardai as vossas joias.
Tancredo o trovador morreu de fome;
Passárão-lhe no corpo frio e morto,
Salpicárão de lodo a face delle,
Talvez cuspissem n'esta fronte santa
Cheia outr'ora de eternas phantasias,
De idéas a valer um mundo inteiro!...
Porque lançar esmolas ao cadáver?
Leva-as, fidalga — tuas joias bellas!
O orgulho do plebêo as vê sorrindo.
Missas... bem sabe Deus se neste mundo
Gemeu alma tão pura como a delle!
Foi um anjo, e murchou-se como as flores,
Morreu sorrindo como as virgens morrem!
Alma doce que os homens engeitárão,
Lyrio que profanou a turba immunda,
Oh! não te mancharei nem a lembrança
Com o óbolo dos ricos! Pobre corpo,
És o templo deserto, onde habitava
O Deus que em ti soffreu por um momento!
Dorme, pobre Tancredo! eu tenho braços:
Na cova negra dormirás tranquillo...
Tu repousas ao menos! . . . . . .
. . . . . .

No entanto sofreando a custo a raiva,
Mordendo os labios de soberba e furia,
Solfier da bainha arranca a espada,
Avança ao moço e brada-lhe :

« Insolente!
Cala-te, doudo! Cala-te, mendigo!
Não vês quem te fallou? Curva o joelho,
Tira o gorro, villão! »

O DESCONHECIDO.

— Tu vês : não tremo.
Tu não vales o vento que salpica
Tua fronte de pó. Porque és fidalgo,
Não sabes que um punhal vale uma espada
Dentro do coração? —

Mas logo Elfrida :
« Acalma-te, Solfier! O triste moço
Desespera, blasphema e não me insulta.
Perdôa-me tambem, mancebo triste;
Não pensei offender tamanho orgulho.
Tua magoa respeito. Só te imploro
Que sobre a fronte ao trovador desfolhes
Essas flores, as flores do noivado

De uma triste mulher... E quanto ás joias,
Lança-as no lago... Mas quem és? teu nome? »

O DESCONHECIDO.

— Quem sou? um doudo, uma alma de insensato,
Que Deus maldisse e que Satan devora;
Um corpo moribundo em que se nutre
Uma scentelha de pungente fogo,
Um raio divinal que dóe e mata,
Que doira as nuvens e amortalha a terra!...
Uma alma como o pó em que se pisa;
Um bastardo de Deus, um vagabundo
A que o genio gravou na fronte — anathema!
Desses que a turba com o dedo aponta...
Mas não; não hei de sel-o! eu juro n'alma,
Pela caveira, pelas negras cinzas
De minha mãe o juro... agora ha pouco
Junto de um morto reneguei do genio,
Quebrei a lyra á pedra de um sepulchro...
Eu era um trovador, sou um mendigo... —

Ergueu do chão a dadiva d'Elfrida;
Roçou as flores aos trementes labios;
Beijou-as. Sobre o peito de Tancredo
Pousou-as lentamente...

— Em nome delle,
Agradeço estas flores do teu seio,
Anjo que sobre um tumulo desfolhas
Tuas ultimas flores de donzella!—

Depois vibrou na lyra extranhas magoas,
Carpiu á longa noite escuras nenias,
Cantou : banhou de lagrimas o morto.

De repente parou — vibrou a lyra
Co'as mãos iradas tremulas... e as cordas
Uma per uma rebentou cantando...
Tinha fogo no craneo, e suffocava.
Passou a fria mão nas fontes humidas,
Abriu a medo os labios convulsivos,
Sorriu de desespero — e sempre rindo
Quebrou as joias e as lançou no abysmo...

VI

No outro dia, na borda do caminho
Deitado ao pé de um fosso aberto apenas

Viu-se um mancebo loiro que morria...
Semblante feminil, e formas debeis,
Mas nos pallores da espaçosa fronte
Uma sombria dôr cavára sulcos.
Corria sobre os labios alvacentos
Uma leve humidez, um ló d'escuma,
E seus dentes a raiva constringira...
Tinha os punhos cerrados... Sobre o peito
Achárão letras de uma lingoa extranha...
E um vidro sem licôr... fôra veneno!...

Ninguem o conheceu; mas conta o povo
Que, ao lançal-o no tumulo, o coveiro
Quiz roubar-lhe o gibão — despiu o moço...
E viu... talvez é falso... niveos seios...
Um corpo de mulher de fórmas puras...

VII

Na tumba dormem os mysterios d'ambos,
Da morte o negro véo não ha èrguêl-o!
Romance obscuro de paixões ignotas,

Poema d'esperança e desventura,
Quando a aurora mais bella os encantava,
Talvez rompeu-se no sepulchro delles!
Não póde o bardo revelar segredos
Que levarão ao céo as ternas sombras;
Desfolha apenas nessas frontes puras
Da extrema inspiração as flores murchas...

IDEAS INTIMAS

FRAGMENTO

La chaise où je m'assieds, la natte où je me couche,
La table où je t'écris. . . . . .
. . . . . .
Mes gros souliers ferrés, mon bâton, mon chapeau,
Mes livres pêle-mêle entassés sur leur planche. .
. . . . . .
De cet espace étroit sont tout l'ameublement.

LAMARTINE. *Jocelyn.*

I

Ossian o bardo é triste como a sombra
Que seus cantos povôa. O Lamartine
E' monotono e bello como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...

Mas pranteia uma eterna monodia,
Tem na lyra do genio uma só corda,
Fibra de amor e Deus que um sopro agita:
Se desmaia de amor a Deus se volta,
Se pranteia por Deus de amor suspira.
Basta de Shakspeare. Vem tu agora,
Phantastico allemão, poeta ardente
Que illumina o clarão das gotas pallidas
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Comtudo
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou ficando *blasé*, passeio os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar. Vivo fumando.
Minha casa não tem menores nevoas
Que as deste céo d inverno... Solitario
Passo as noites aqui e os dias longos;
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;
Debalde alli de um canto um beijo implora,
Como a belleza que o Sultão despreza,
Meu cachimbo allemão abandonado!
Não passeio a cavallo e não namóro;
Odeio o *lansquenet*... Palavra d'honra!
Se assim me continuão por dous mezes
Os diabos azues nos frouxos membros,
Dou na Praia Vermelha ou no Parnasso.

II

Enchí o meu salão de mil figuras.
Aqui vôa um cavallo no galope,
Um rôxo *dominó* as costas volta
A um cavalleiro de allemães bigodes,
Um preto beberrão sobre uma pipa.
Aos grossos beiços a garrafa aperta...
Ao longo das paredes se derramão
Extinctas inscripções de versos mortos,
E mortos ao nascer... Alli na alcova
Em agoas negras se levanta a ilha
Romantica, sombria á flôr das ondas
De um rio que se perde na floresta...
Um sonho de mancebo e de poeta,
El-Dorado de amor que a mente cria
Como um Eden de noites deleitosas...
Era alli que eu podia no silencio
Junto de um anjo... Além o romantismo!
Borra adiante folgaz caricatura
Com tinta de escrever e pó vermelho
A gorda face, o volumoso abdomen,

E a grossa penca do nariz purpureo
Do alegre vendilhão entre botelhas
Mettido n'um tonel... Na minha commoda
Meio encetado o copo inda verbera
As agoas d'oiro do *Cognac* fogoso.
Negreja ao pé narcotica botelha
Que da essencia de flores de laranja
Guarda o licòr que nectarisa os nervos.
Alli mistura-se o charuto Havano
Ao mesquinho cigarro e ao meu cachimbo.
A mesa escura cambaleia ao peso
Do titaneo Digesto, e ao lado delle
Childe-Harold entre-aberto ou Lamartine
Mostra que o romantismo se descuida
E que a poesia sobrenada sempre
Ao pesadello classico do estudo.

III

Reina a desordem pela sala antiga,
Desce a tèa de aranha as banbinellas
A estante pulvurenta. A roupa, os livros

Sobre as cadeiras poucas se confundem.
Marca a folha do Faust um collarinho
E Alfredo de Musset encobre ás vezes
De Guerreiro ou Valasco um texto obscuro.
Como outr'ora do mundo os elementos
Pela treva jogando cambalhotas,
Meu quarto, mundo em cáhos, espera um *Fiat!*

IV

Na minha sala trez retratos pendem.
Alli Victor Hugo. Na larga fronte
Erguidos luzem os cabellos loiros
Como c'rôa soberba. Homem sublime,
O poeta de Deus e amores puros
Que sonhou Triboulet, Marion Delorme
E Esmeralda a Cigana... e diz a chronica
Que foi aos tribunaes parar um dia
Por amar as mulheres dos amigos
E adulteros fazer *romances vivos.*

V

Aquelle é Lamennais — o bardo santo,
Cabeça de propheta, ungido crente,
Alma de fogo na mundana argila
Que as harpas de Sion vibrou na sombra,
Pela noite do seculo chamando
A Deus e á liberdade as loucas turbas.
Por elle a George Sand morreu de amores,
E dizem que... Defronte, aquelle moço
Pallido, pensativo, a fronte erguida,
Olhar de Bonaparte em face Austriaca,
Foi do homem secular as esperanças.
No berço imperial um céo de Agosto
Nos cantos de triumpho despertou-o...
As aguias de Wagram e de Marengo
Abrião flammejando as longas azas
Impregnadas do fumo dos combates,
Na purpura dos Cesares, guardando-o.
E o genio do futuro parecia
Predestinal-o á gloria. A historia delle?...
Resta um craneo nas urnas do estrangeiro...

Um loureiro sem flores nem sementes...
E um passado de lagrimas... A terra
Tremeu ao sepultar-se o Rei de Roma.
Póde o mundo chorar sua agonia
E os louros de seu pai na fronte delle
Infecundos depôr... Estrella morta,
Só póde o menestrel sagrar-te prantos!

VI

Junto a meu leito, com as mãos unidas,
Olhos fitos no céo, cabellos soltos,
Pallida sombra de mulher formosa
Entre nuvens azues pranteia orando.
E' um retrato talvez. Naquelle seio
Porventura sonhei doiradas noites:
Talvez sonhando desatei sorrindo
Alguma vez nos hombros perfumados
Esses cabellos negros, e em deliquio
Nos labios della suspirei tremendo.
Foi-se minha visão. E resta agora
Aquella vaga sombra na parede
— Phantasma de carvão e pó ceruleo,

Tão vaga, tão extincta e fumarenta
Como de um sonho o recordar incerto.

VII

Em frente do meu leito, em negro quadro
A minha amante dorme. E' uma estampa
De bella adormecida. A rosea face
Parece em visos de um amor lascivo
De fogos vagabundos acender-se...
E com a nivea mão recata o seio...
Oh! quantas vezes, ideal mimoso,
Não encheste minh'alma de ventura,
Quando louco, sedento e arquejante,
Meus tristes labios imprimi ardentes
No poento vidro que te guarda o somno!

VIII

O pobre leito meu desfeito ainda
A febre aponta da nocturna insomnia.

Aqui languido a noite debati-me
Em vãos delirios anhelando um beijo...
E a donzella ideal nos roseos labios,
No doce berço do moreno seio
Minha vida embalou estremecendo...
Forão sonhos comtudo. A minha vida
Se esgota em illusões. E quando a fada
Que divinisa meu pensar ardente
Um instante em seus braços me descansa
E roça a mêdo em meus ardentes labios
Um beijo que de amor me turva os olhos,
Me ateia o sangue, me enlanguece a fronte,
Um espirito negro me desperta,
O encanto do meu sonho se evapora
E das nuvens de nacar da ventura
Rólo tremendo á solidão da vida!

IX

Oh! ter vinte annos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzella!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave attracção de um roseo corpo

Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passão tantas visões sobre meu peito!
Pallor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
Um doce nome os labios meus suspirão,
Um nome de mulher... e vejo languida
No véo suave de amorosas sombras
Semi-núa, abatida, a mão no seio,
Perfumada visão romper a nuvem,
Sentar-se junto a mim, nas minhas palpebras
O alento fresco e leve como a vida
Passar delicioso... Que delirios!
Acordo palpitante... inda a procuro;
Embalde a chamo, embalde as minhas lagrimas
Banhão meus olhos, e suspiro e gemo...
Imploro uma illusão... tudo é silencio!
Só o leito deserto, a sala muda!
Amorosa visão, mulher dos sonhos,
Eu sou tão infeliz, eu soffro tanto!
Nunca virás illuminar meu peito
Com um raio de luz desses teus olhos?

X

Meu pobre leito! eu amo-te comtudo!

Aqui levei sonhando noites bellas,
As longas horas olvidei libando
Ardentes gotas de licòr doirado,
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das paginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil. da minha vida
És a pagina d'oiro. Em teu asylo
Eu sonho-me poeta, e sou ditoso,
E a mente errante devaneia em mundos
Que esmalta a phantasia! Oh! quantas vezes
Do Levante no sol entre Odaliscas
Momentos não passei que valem vidas!
Quanta musica ouvi que me encantava!
Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas
Mais tremulo que Faust eu não beijava,
Mais feliz que Don Juan e Lovelace
Não apertei ao peito desmaiando!

O' meus sonhos de amor e mocidade,
Porque ser tão formosos, se devieis
Me abandonar tão cêdo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro?

XI

Junto do leito meus poetas dormem
— O Dante, a Biblia, Shakspeare e Byron —
Na meza confundidos. Junto delles
Meu velho candieiro se espreguiça
E parece pedir a formatura.
O' meu amigo, ó velador nocturno,
Tu não me abandonaste nas vigilias,
Quer eu perdesse a noite sobre os livros,
Quer, sentado no leito, pensativo
Relesse as minhas cartas de namoro!
Quero-te muito bem, ó meu comparsa
Nas doudas scenas de meu drama obscuro!
E n'um dia de *spleen*, vindo a pachorra,
Hei de evocar-te n'um poema heroico
Na rima de Camões e de Ariosto
Como padrão ás lampadas futuras!
. . . . . .

XII

Aqui sobre esta meza junto ao leito
Em caixa negra dous retratos guardo.
Não os profanem indiscretas vistas.
Eu beijo-os cada noite : neste exilio
Venero-os juntos e os prefiro unidos
— Meu pai e minha mãe. — Se acaso um dia
Na minha solidão me acharem morto,
Não os abra ninguem. Sobre meu peito
Lancem-os em meu tumulo. Mais doce
Será certo o dormir da noite negra
Tendo no peito essas imagens puras.

XIII

Havia uma outra imagem que eu sonhava
No meu peito na vida e no sepulchro.
Mas ella não o quiz... rompeu a tela

Onde eu pintára meus doirados sonhos.
Se posso no viver sonhar com ella,
Essa transa beijar de seus cabellos
E essas violetas inodoras, murchas,
Nos labios frios comprimir chorando,
Não poderei na sepultura, ao menos,
Sua imagem divina ter no peito.

XIV

Parece que chorei... Sinto na face
Uma perdida lagrima rolando...
Satan leve a tristeza! Olá, meu pagem,
Derrama no meu copo as gotas ultimas
Dessa garrafa negra...

Eia! bebamos!
E's o sangue do genio, o puro nectar
Que as almas de poeta divinisa,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem, fogoso *Cognac!* E' só comtigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os effluvios dessas gotas aureas

Filtrão no sangue meu correndo a vida,
Vibrão-me os nervos e as arterias quemão,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cerebro passão delirosos
Assomos de poesia... D'entre a sombra
Vejo n'um leito d'oiro a imagem della
Palpitante, que dorme e que suspira,
Que seus braços me estende...

Eu me esquecia :
Faz-se noite; traz fogo e dous charutos
E na meza do estudo accende a lampada...

BOHEMIOS

ACTO DE UMA COMEDIA NÃO ESCRIPTA

« Totus mundus agit histrionem. »
Proverbio do tempo de SHAKSPEARE.

A scena passa-se na Italia no seculo XVI. Uma rua escura e deserta. Alta noite. N'uma esquina uma imagem de Madona em seu nicho allumiado por uma lampada.

Puff dorme no chão abraçando uma garrafa. *Nini* entra tocando guitarra. Dão 5 horas.

NINI.

Olá! que fazes, Puff? dormes na rua?

PUFF, acordando.

Não durmo... Penso.

NINI.

Estás enamorado
E deitado na pedra acaso esperas
O abrir de uma janella? Estás cioso
E co'a botelha em vez de durindana
Aguardas o rival?

PUFF.

Ceiei á farta
Na taverna do Sapo e das Trez-Cobras.
Faço o chylo; ao repouso me abandono.
Como o Papa Alexandre ou como um Turco,
Me entrego ao *far niente* e bem a gosto
Descanso na calçada imaginando.

NINI.

Embalde quiz dormir. Na minha mente
Fermenta um mundo novo que desperta.
Escuta, Puff : eu sinto no meu craneo
Como em seio de mãe um feto vivo.
Na minha insomnia vela o pensamento.
Os poetas passados e futuros
Vou todos offuscar... Aqui no cerebro
Tenho um grande poema. Hei de escrevel-o,
E' certa a gloria minha!

PUFF.

A idéa é boa :
Toma dez bebedeiras — são dez cantos.
Quanto a mim tenho fé que a poesia
Dorme dentro do vinho. Os bons poetas
Para ser immortaes bebêrão muito.

NINI.

Não rias. Minha idéa é nova e bella.
A Musa me votou a eterna gloria.
Não me engano, meu Puff, emquanto sonho :
Se aos poetas divinos Deus concede
Um céo mais glorioso, alli com Tasso,
Com Dante e Ariosto eu hei de vêr-me.
Se eu fizer um poema, certamente
No Pantheon da fama cem estatuas
Cantarão aos vindouros o meu genio !

PUFF.

Em estatua, meu Nini ! Estás zombando !
E' impossivel que saias parecido.
Que marmore daria a côr vermelha
Deste immenso nariz, destas melenas ?

NINI.

Estás bebado, Puff. Tresandas vinho.

PUFF.

O vinho! és uma besta; só um parvo
Póde a belleza desmentir do vinho.
Tu nunca leste o Cantico dos Canticos
Onde o rei Salomão, como elogio,
Dizia á noiva : — *Pulchriora sunt*
Ubera tua vino!

NINI.

E's sempre um bobo.

PUFF.

E tu és sempre esse nariz vermelho
Que ainda aqui na treva desta rua
Flammeja ao pé de mim. Quando te vejo,
Penso que estou na Igreja ouvindo Missa
Dita por Cardeal.

NINI.

E's um devasso.

PUFF.

Respondo-te sómente o que dizia
Sir John Falstaff, da noite o cavalleiro :
« Se Adão peccou no estado de innocencia,
Que muito é que nos dias da impureza

Péque o misero Puff? » Tu bem o sabes :
Toda a fragilidade vem da carne,
E na carne se eu tanto excedo os outros,
Vicios não devem meus causar espanto.
Minha alma dorme em treva completissima
Pela minha descrença... E tu, maldito,
Porque sempre não vens esclarecer-me
Com esse teu pharol acceso sempre,
Cavalleiro da lampada vermelha,
As trevas de minh'alma?

NINI.

Que leproso!

PUFF.

Sou um homem de peso. Entendo a vida;
Tenho muito miolo, e a prova disto
E' que não sou poeta nem philosopho,
E gósto de beber, como Panurgio.
Se tu fosses tonel, como pareces,
Eu te bebêra agora de um só trago.

NINI.

Quero-te bem comtudo. Amigos velhos
Deixemo-nos de historias. Meu poema...

PUFF.

Se fallas em poema, eu logo durmo.

NINI.

Uma vez era um rei...

PUFF.

Não vês? eu ronco.

NINI.

Quero a ti dedicar minha obra prima;
Irás junto comigo á eternidade.
Teu retrato porei no frontispicio.
Meu poema será uma corôa
Que as nossas frontes engrinalde juntas.

PUFF.

Pensei-te menos doudo. O teu poema
Seria uma sublime carapuça.
Mas, já que sonhas tanto, olha, meu Nini,
Tu precisas de um sacco.

NINI.

Impertinente!

PUFF.

Dá-me aqui tua mão. Sabes, amigo?
Passei hontem o dia de namoro;
Minhas paixões voltei á nova esposa

Do velho Conde que alli mora em frente.
Estou adiantado nos amores.
A cozinheira, outr'ora minha amante,
Meus passos guia, meus suspiros leva.
Mas preciso com pressa de um soneto.
Promettes-me fazel-o?

NINI.

Se me ouvires
Recitar meu poema...

PUFF.

Eu me resigno.
Declama teu sermão, como um vigario.
Mas o somno ao rebanho se permitte?

(Entra um criado correndo.)

Rôa-me o diabo as tripas, se não vejo
Alli correr com pernas de cabrita
O criado do conego Tansoni.

NINI.

Onde vais, Gambioletto?

GAMBIOLETTO.

Vou á pressa
Ao doutor Fossuário.

PUFF.

Acaso agora
O carrasco fugiu?

NINI.

Quem agonisa?

GAMBIOLETTO.

O Reverendo e Santo Sr. Conego,
Deitando-se a dormir depois da ceia
No collo de Madona la Zaffeta,
Umas dores sentiu pela barriga,
Cahiu estrebuxando sobre a sala...
Morre de apoplexia.

NINI.

O diabo o leve!

GAMBIOLETTO.

E o medico, Srs.!

(Sai correndo.)

PUFF.

Venturoso!
Sempre é Conego!... Nini, *dulce et decus*
Pro patria mori... E' doce e glorioso

Morrer de apoplexia! Quem me déra
Morrer depois da ceia, de repente!
Não vem o confessor contar novellas,
Não soão cantos funebres em torno,
Nem se fórça o medroso moribundo
A rezar, quando só dormir quizera!
Venturosos os Conegos e os Bispos,
E os papudos Abbades dos conventos!
Elles podem morrer de apoplexia!
E se morre pensando — cousa nova! —
Quem nunca no viver cansou-se nisso;
Se elles morrem pensando, ante seus olhos,
No momento final sem ter pavores,
Inda corre a visão da bella meza!
A não morrer-se como o velho Pindaro,
Cantando, sobre o seio amorenado
De sua amante Grega, oh! quem me déra
Cahir morto no chão, beijando ainda
A botelha divina!

NINI.

Que maluco!
A estas horas da noite, assim no escuro
Não temes de lembrar-te de defuntos?
Beijarias até uma caveira,
Se espumante o Madeira alli corresse!

PUFF.

Os calices doirados são mais bellos;
Inda porém mais doce é nos beicinhos
Da bella moça que sorrindo bebe
Libar mais terno o saibo dos licores...
Eu prefiro beijar a tua amante.

NINI.

Tens medo de defuntos?

PUFF.

Um bocado.
Sinto que não nasci para coveiro.
Comtudo, no domingo, á meia noite...
Pela forca passei, vi nas alturas,
Do luar sem vapor á luz formosa,
Um villão pendurado. Era tão feio!
A lingoa um palmo fóra, sobre o peito,
Os olhos espantados, boca livida,
Sobre a cabeça delle estava um corvo....
O morto estava nú, pois o carrasco
Despindo os mortos dá vestido aos filhos,
E deixa á noite o padecente á fresca.
Eu senti pelo corpo uns arrepios...
Mas depois veio o animo... trepei-me

Pela escada da forca, fui acima,
E pintei uns bigodes no enforcado.

NINI.

Bravo como um Vampiro!

PUFF.

Oh! antes d'hontem
Passei pelos telhados sem ter medo,
Para evitar um pateo onde velava
Um cão — que enorme cão! — subindo ao quarto
Onde dorme Rosina Belvidera.

NINI.

O usaste ao Cardeal depôr na fronte
Tão pesada corôa?

PUFF.

A mitra cobre.
Dizem que a santidade lava tudo:
Depois... o Cardeal estava bebado...
A proposito, sabes dos amores
Do capitão Tybald? O tal maroto
Não sei de que milagres tem segredo
Que deu volta á cabeça da rainha.

NINI.

Por isso o pobre Rei anda tão triste!

PUFF.

Spadaro, o fidalgote barba-ruiva,
Contou-me que espiando p'la janella
Do quarto da rainha os viu... Caluda!

NINI.

E o Rei que faz? Não tem lá na cozinha
Algum páo de vassoura ou um chicote?

PUFF.

El-Rei Nosso Senhor então ceiava.

NINI.

Santo Rei!

PUFF.

E demais é bem sabido
Que El-Rei só reina á meza e nas caçadas.

NINI.

Nunca perde um veado quando atira.

PUFF.

Elle caça veados! Má fortuna!
Não o cacem tambem pela ramagem!

NINI.

Com lingoa tão comprida e viperina
Irás parar na forca.

PUFF.

Nini, escuta.
Assisti esta noite a um pagode
Na taverna do Sapo e das trez Cobras.
Era já lusco fusco, e eu entrando
Dou com Frei São José e Frei Gregorio,
O Prior do convento dos Bernardos
E mais uns dous ou trez que só conheço
De vêr pelas esquinas se encostando,
Ou dormidos na rua a somno solto...

Que soperbo painel! Faze uma idéa!
Um banquete! fartura! que presuntos!
Que tostados leitões que recendião!
N'uma enorme caldeira enormes peixes,
Recheados capões fervendo ainda,
Perús, *olhas podridas*, costelletas...
Esgotára o talento a cozinheira!
Abertos garrafões; garrafas cheias;
Vinho em copos immensos transbordando;
Na toalha, já suja, debruçados
Aquelles religiosos cachaçudos
De boca aberta e de embotados olhos.
Gastronomos! alli é que se via
Que é sciencia comer, e como um frade

Goza pelo nariz e pelos olhos,
Pelas mãos, pela boca, e faz focinho
E bate a lingoa ao paladar gostoso
Ao celeste sabor de um bom pedaço!

Depois! era bonito! Frei Gregorio
Co'a boca de gordura reluzente,
Farto de vinho esquece o rheumatismo,
Esquece a erysipela já sem cura,
Canta rondós e dansa a tarantela...
Arrasta-se cahindo e se babando
Aos pés da taverneira. De jolhos
Faz-lhe a côrte cantando o *Miserere*,
Principía sermões, engróla textos,
E a gorda mão estende ao nedio seio
Da bella mocetona... a mão lhe beija,
A mão que o sceptro cinge de vassoura...
Chora, soluça e cai, estende os braços,
Ainda a chama, e canto-chão entôa...

Era de rir! os velhos amorosos,
Uns de joelhos no chão, outros cantando
Estendidos na meza entre os despojos,
Outros beijando a moça, outros dormindo.
Ella no meio deslambida e fresca
Excita-os mutuamente e os rivalisa,

Passa-lhes pelo queixo a mão gorducha...

Corre o Prior a sôco um Barbadinho;
Atracão-se, blasphemão, esconjurão,
Um agarra na barba do contrario,
Outro tenta apertar o papo alheio...
Abração-se na luta os dous volumes
E rolão como pipas. No oceano
Assim duas baleias ciumentas
Atracão-se na luta... Que risadas!
Que risadas, meu Deus! arrebentando
Soltou o pobre Puff vendo a comedia!

MNI.

Ouve agora o poema...

PUFF.

Espera um pouco.
A taverna do canto não se fecha.
Está aberta. Compra uma garrafa...
Bom vinho... tu bem sabes! Tenho a guela
Fidalga como um rei. Não tenho duvida :
Mentiu a minha mãe quando contou-me
Que nasci da um prosaico matrimonio...
Eu filho de escrivão!... Para crear-me
Era — senão um Rei — preciso um Bispo!

NINI.

(Vai á taverna e volta.)

Eis aqui uma bella empada fria,
Uma garrafa e copo.

PUFF, quebrando o copo.

O Demo o leve!
Eu sou como Diogenes. Só quero
Aquillo sem o que viver não posso.
Deitado nesta lage, preguiçoso,
Olhando a lua, beijo esta garrafa,
E o mundo para mim é como um sonho.
Creio até que teu ventre desmedido
Como escura caverna vai abrir-se,
Mostrando-me no seio illuminado
Panoramas de harêm, Sultanas lindas
E longas prateleiras de bom vinho!

NINI.

Dou começo ao poema. Escuta um pouco.

I

« Havia um rei n'uma ilha solitaria,
Um rei valente, cavalleiro e bello.
O rei tinha um irmão. — Era um mancebo
Pallido, pensativo. A sua vida
Era nas serras divagar scismando,
Sentar-se junto ao mar, dormir no bosque
Ou vibrar no alaúde os seus gemidos.

II

Vagabundo uma vez juntos das ondas
O Principe encontrou na areia fria
Uma branca donzella desmaiada,
Que um naufragio na praia arremessára.
Revelavão-lhe as roupas gotejantes
O bello talhe niveo, o melindroso
Das bem moldadas fórmas. — O mancebo

Nos braços a tomou, e foi com ella
Esconder-se no bosque.

Quando a bella
Suspirando acordou, o bello Principe
Aos pés della velava de joelhos.

Amarão-se. E' a vida. Elles vivêrão
Desse desmaio que dá corpo aos sonhos,
Que realisa visões e aroma a vida
Na sua primavera. A lua pallida,
As sombras da floresta, e dentre a sombra
As aves amorosas que suspirão
Virão aquellas frontes namoradas,
Ouvirão suffocando-se n'um beijo
Suspiros que o deleite evaporava.

III

O Rei tinha um truão. O caso é visto;
E' muito natural. — Se reis sombrios
Gostão de bobos na doirada côrte,

Não admira de certo que um risonho
Em vez de capellão tivesse um bobo.

Loriôlo — o truão do Rei — acaso
Um dia atravessando p'la floresta,
Foi dar n'uma cabana de folhagens.
Ninguem estava alli, porém n'um leito
De brandas folhas e cheirosas flores
Elle viu estendidas roupas alvas
— E roupas de mulher! — e junto um gorro,
Que pelas joias e fluctuantes plumas
E pela firma no velludo negro
Denunciava o Principe.

Loriôlo,
Apezar de na côrte ser um Bobo,
Não era um zote. Foi-se remoendo,
Jurou dar com a historia dos namoros,
E para andar melhor em tal caminho,
Elle que adevinhava que as Americas
Sem protecção de rei ninguem descobre,
Madrugou muito cedo — inda era escuro —
E convidou El-Rei para o passeio.

IV

Ora, por uma triste desventura,
O rei entrando na Cabana Verde
Achou só a mulher. — Adormecida
No desalinho descuidoso e bello
Con que ellas dormem, soltos os cabellos,
A face sobre a mão, e os seios lindos
Batendo á solta na macia tela
Da roupa de dormir que os modelava...
Não digo mais...

Loriolo pôz-se á espreita.
O Rei de leve despertou a bella,
Acordou-a n'um beijo...

V

A lenda moça,
Se havia alli raivosa apunhalar-se,

Fazer espalhafato e gritaria,
Por um capricho, voluptuoso assomo,
Entregou-se ao amor do Rei...

VI

« Maldito! »
Bradou-lhe á porta um vulto macilento.
« Maldito! meu irmão, aquella moça
E' minha, minha só, é minha amante
E minha esposa fôra... »

O Rei sorrindo
Lhe estende a regia mão e diz alegre :
« A culpa é tua. Eu disto não sabia;
Se do teu casamento me fallasses,
Eu respeitára tua... »

« Basta, infame!
Não accrescentes zombaria ao crime.
Hei de punir-te. E' solitario o bosque;
Aqui não és um rei, porém um homem,

Um vil em cujo sangue hei de lavar-me.
Oh! sangue! quero sangue! eu tenho sêde! »

VI

Despiu tremendo a reluzente espada.
O mesmo fez o Rei. — Lutarão amoos.
Fœminæ sacra fames, quantum pectora
Mortalia cogis! E embalde a moça,
Ajoelhando semi-nüa e pallida,
Vinha chorando, mais gentil no pranto,
Entre as espadas se lançar gemendo.
Embalde! Longo tempo encarniçada
A peleja durou... Emfim cahirão...
Rolárão ambos trespassados, frios,
E, na treva de morte que os cegava,
Inda alongando os braços convulsivos
Que avermelhava o fratricida sangue,
Procurando no sangue o inimigo!

VIII

O Bobo fez as covas. Na montanha
Enterrou os irmãos. — E quanto á moça,
Pelo braço a tomou chorosa e fria,
Foi ao paço, e na gothica varanda,
De corôa real e longo manto,
Fallou á plebe, prometteu franquezas,
Impostos levantar e dar torneios.
— Fallou aos guardas : prometteu-lhes vinho.
— Fallou á fidalguia, mas no ouvido,
E prometteu-lhe consentir nos vicios
E depressa fazer uma lei nova
Pela qual, se um fidalgo assassinasse
Algum torpe villão, ficasse impune
E nem pagasse mais a vil quantia
Que era pena do crime — e alto disse
Que navia conquistar paizes novos.

IX

A historia infelizmente é muito vista.
Não sou original! E' uma desgraça!
Mas prefiro o caracter verdadeiro
De trovador chronista. —

Loriolo
Trocou de guizos o boné sonoro
— Muito leve chapéo! — pela corôa...
Só teve uma desgraça o Rei novato :
Foi que um dia fugiu-lhe do palacio
A tal moça volante nos amores.

X

Muitos annos passárão. Loriolo
Era um sublime rei. De rei a bobo
Já tantos tem cahido! Não admira

Que um Bobo sendo Rei primasse tanto.
Governava tão bem como governão
Os reis de sangue azul e raça antiga.
Demais gastava pouco, e, se não fosse
Seu amor pelas alvas formosuras,
De certo que na lista dos monarchas
Elle ficava sendo o Rei Sovina.
Emfim era um Monarcha de mão cheia.
Tinha só um defeito — vendo sangue
Tinha frio no ventre; e desmaiava
Ao luzir de uma espada... era nervoso!
Ninguem fallava nisso. — Até a giba,
A figura de anão, a pelle escura,
Aquella boca negra escancarada
(E que nem dentes amarellos tinha
P'ra ser de Adamastor), as gambias finas,
Erão typo dos quadros dos pintores.
Se pintavão Adonis ou Cupido,
Copiavão o Rei em corpo inteiro.
E o oiro das moedas, que trazia
A ventosa bocheda, os beiços grossos,
O porcino perfil e a cabelleira,
Era beijado com fervor e culto.

XI

Loriolo envelhecia entre os applausos,
Dando a mão a beijar á fidalguia.
Demais um sabichão fizera um livro
Em vinte e tantos volumões in-folio,
Obra cheia de mappas e figuras
Em que provava que por linha recta
De Hercules descendia Loriolo
E portanto de Jupiter Tonante.
E apresentou as certidões em copia
De obito e nascimento e baptisterio,
E até de casamento, para prova
De que nas veias puras do Monarcha
Não corrêra a mais leve bastardia.
E' inutil dizer que os taes volumes
Nada contavão sobre o Pai, porqueiro
Como o do Santo Papa Sixto Quinto,
E sobre a mãe do Rei, a velha Mória
Que vendêra perús, Deus sabe o resto!
Nos tempos folgazões da mocidade!

XII

Um dia o reino cem navios tocão.
São piratas do Norte! são Normandos!
Infrene multidão nas praias corre,
Levando tudo a ferro... até os frades.
Matão, queimão, saquêão, furtão moças,
E a infrene turba corre até aos paços.

XIII

Emquanto vem a campo a fidalguia
Armada *pied en cap*, espada en punho,
Loriolo sem falla, nos apertos
Nas adegas se esconde.

Embalde o chamão,
Embalde corre voz que dos Normandos
Emissario de paz o Rei procura.

El-Rei suou de susto a roupa inteira.
Nem era de admirar, que a reis e povo,
Como ao bicho de seda a trovoada,
Camisas de onze varas apavorão
E fazem frio apparições de forca.

XIV

Um soldado Normando que buscava
Nas adegas reaes alguma pinga,
Mette a verruma n'uma velha pipa.
Um grito sai dalli, mas não licores.
O soldado feroz destampa o nicho;
Agarra um vulto dentro, mas sómente
Sente nas mãos vasia cabelleira...
Desembainha a torva durindana.
Nas cavernas da pipa, e nas cavernas
Do coração do Rei rebôa o golpe.
Estala-se o tonel de meio a meio.
Entretanto o bom Rei que não fallava,
Sujo da lia da ruinosa pipa,
Mais morto do que vivo (já pensando
Que seu reino acabava n'um espeto

Como o reino do gallo), ás cambalhotas
Rola aos pés do soldado, chora e treme,
Gagueja de pavor nos calafrios . . . .
E pelo amor de Deus perdão implora. . . .

XV

O soldado, maroto e bom gaiato,
Agarra ás costas o real trambolho,
Como um villão que á feira leva um porco,
E no meio do pateo, entre os despojos,
De pernas para o ar e cara suja
Atira o bobo...

— El-Rei! clam um fidalgo.

XVI

Porém o Rei não falla... Súa e treme.

« Singofredo o pirata aqui me envia.

(Diz ao Rei o pacifico Mercurio,
O Arauto de paz que vem de bordo :) —
Eu venho aqui propôr-vos um tratado.
Por direito de espada e por herança
Singofredo é senhor destes paizes.
Elle vem reclamar sua corôa.
Se o Rei não se oppuzer, não corre sangue;
Senão hão de fazel-o em sarrabulho,
Puchado p'lo nariz o encher de lodo
E espetar-lhe a careta sobre um mastro.
Singofredo o feroz exige apenas
Que o Rei deixando o sceptro deste reino
Seja sempre na côrte Rei da Lua.
Loriolo virá ao seu caminho
Trajando seu gibão amarellado
Com remendos de côr, e campainhas,
Meias rôxas e gorro afunilado. »

XVII

Loriolo suspira. O povo espera.
Pela face do Bobo corre a furto

Uma lagrima tremula. — E' desgraça
Tendo subido a Rei voltar...

Nem ousa
O nome proferir de sua infamia.

De repente uma idéa o illumina...
Deu uma das antigas gargalhadas,
Inda em trajes de rei graceja e pula.

Foi uma dansa comica, phantastica,
Um riso que doia — tão gelado
Coava o coração!... Estava doudo...
Dansou a gargalhar... cahiu exhausto,
Cahiu sem movimento sobre o lodo...
Escutárão-lhe o peito. Estava morto.

Ora o pirata, o invasor Normando,
Era filho da nossa conhecida,
Que, posto não podesse com acerto
Dizer quem era o pai de seu bohemio,
Affirmava comtudo affoutamente
Que, em todo o caso, tinha jus ao throno.

Reina pela cidade a bebedeira,

E bebendo á saúde do bastardo
O Bobo que foi rei ninguem sepulta... »

Bem vès, amigo Puff, que neste conto
Em poucos versos digo historias longas :
— Amores, mortes, e no throno um bobo
E sobre o lodo um rei que não se enterra. —
Muito embora a mulher as roupas fação,
Eu provo que o burel não faz o monge,
E um bobo é sempre um bobo. Mostro ainda
De meu estro no vario cosmorama
Um rei que n'uma pipa o throno perde,
E um bastardo que o pai dizer não póde
E em nome de dous pais, ambos em duvida,
Vem na sangueira reclamar seu nome.

Um outro só com isso déra a lume
Um poema em dez cantos. Sou conciso;
Não ouso tanto : dou sómente idéas,
Esboço aqui apenas meu enredo.

Mas... Puff! olá, meu Puff! Estás dormindo,

Prosaico beberrão! Acorda um pouco!
Bebeu todo o meu vinho — a empada foi-se...
Não resta-me esperança! Este demonio
De um poeta como eu nem vale um murro!

UM HOMEM DA PLATÉA, interrompendo.

Silencio! fóra a peça! que massada!
Até o ponto dorme a somno solto!

Levanta-se o panno até o meio — Passa por debaixo e vem até a rampa o

PROLOGO,

velho de cabeça calva, camisola branca, carapuça phrygia coroada de ouros. Tem um ramo de oliveira na mão. Faz as cortezias do estylo e falla:

Dom Quichotte! sublime creatura!
Tu sim foste leal e cavalleiro,
O ultimo herôe, o paladim extremo
De Castella e do mundo. Se teu cerebro
Toldou-se na loucura, a tua insania
Vale mais do que o siso destes seculos

Em que a Infamia, Dagon cheio de lodo,
Recebe as orações, myrrhas e flores,
E a louca multidão renega o Christo!
Tua loucura revelava brio.
No triste livro do immortal Cervantes
Não posso crêr um insolente escarneo
Do Cavalleiro andante aos nobres sonhos,
Ao fidalgo da Mancha — cuja nodoa
Foi só ter crido em Deus e amado os homens,
E votado seu braço aos opprimidos.
Aquellas folhas não me causão riso,
Mas desgosto profundo e tedio á vida.
Soldado e trovador, era impossivel
Que Cervantes manchasse um valeroso
Em vil caricatura, e désse á turba,
Como preza de escarneo e de vergonha,
Esse homem que á virtude, amor e cantos
Abria o coração!...

Estas idéas
Servem para desculpa do poeta.
Apezar de bom moço o autor da peça
Tem uns laivos talvez de Dóm Quichotte.
E nestes tempos de verdade e prosa
— Sem Gigantes, sem Magicos medonhos
Que velavão nas torres encantadas

As donzellas dormidas por cem annos —
Do seu imaginar esgrime as sombras
E dá botes de lança nos moinhos.

Mas não escreve satyras : — apenas
Na idade das visões — dá corpo aos sonhos.
Faz trovas, e não talha carapuças.
Nem rebuça no véo do mundo antigo,
P'ra realce maior, presentes vicios.
Não segue a Juvenal, e não embebe
Em venenoso fel a penna escura
Para nodoas pintar no manto alheio.

O tempo em que se passa agora a scena
E' o seculo dos Borgias. O Ariosto
Depôz na fronte a Raphael gelado
Sua c'rôa divina, e o segue ao tumulo.
Ticiano inda vive. O rei da turba
E' um genio maldito — o Aretino
Que vende a alma e prostitúe as crenças.
Aretino ! essa incrivel creatura,
Poeta sem pudor, onda de lodo
Em que do genio profanou-se a perola...
Vaso d'oiro que um oxydo sem cura
Azinhavrou de morte... homem terrivel
Que tudo profanou co'as mãos immundas,

Que latiu como um cão mordendo um seculo,
E, como diz um epitaphio antigo,
Só em Deus não mordeu, porque o não vira.
Como elle, foi devasso todo o seculo.
Os contos de Boccacio e de Brantome
São mais puros que a historia desses tempos.
Tasso enlouquece. O Rei *que se diverte*
— O heróe de Marignan e de Pavía
Que n'um vidro escrevêra do palacio
« *Femme souvent varie*, » mas leviano
Com mais amantes que um Sultão vivia,
Mandava ao Aretino amaveis letras,
Um collar d'oiro com sangrentas lingoas,
E dava-lhe pensões. O Vaticano
Viu o Papa beijando aquella fronte.
Carlos V o nomeia cavalleiro,
Abraça o e — inda mais — lhe manda escudos.
O Duque João Medicis o adora,
Dorme com elle a par no mesmo leito.
E' um tempo de agonias. A arte pallida,
Suarenta, moribunda, desespera
E aguarda o funeral de Miguel Angelo
Para com elle abandonar o mundo
E anjelica voltar ao céo dos Anjos.

Agora basta. Revelei minh'alma.

A scena descrevi onde corrêra
Inteira uma comedia em vez de um acto,
Se o poeta, mais forte, se atrevesse
A erguer nos versos a medonha sombra
Da loucura fatal do mundo inteiro.

Boas noites, platéa e camarotes;
O ponto já me diz que deixe o campo.
O primeiro galan todo empoado,
Cheio de vermelhão, já dentro falla :
Estão cheios de luz os bastidores.

Uma ultima palavra : o autor da peça,
Puxando-me da tunica romana,
Diz-me da scena que eu avise ás Damas
Que desta feita os saes não são precisos;
Não ha de sarrabulho haver no palco.
E' uma peça classica. O perigo
Que póde ter logar é vir o somno;
Mas dormir é tão bom, que certamente
Ninguem por esse dom fará barulho.

O assumpto da Comedia e do Poema
Era digno sem duvida, Senhores,
De uma penna melhor; mas desta feita
Não falla Shakspeare nem Gil Vicente.

O poeta é novato, mas promette.
Posto que seja um homem barrigudo
E tenha por Thalia o seu cachimbo,
Merece applausos e merece gloria.

SPLEEN E CHARUTOS

I

SOLIDÃO

Nas nuvens còr de cinza do horizonte
A lua amarellada a face embuça;
Parece que tem frio, e no seu leito
Deitou, para dormir, a carapuça.

Ergueu-se, vem da noite a vagabunda
Sem chale, sem camisa e sem mantilha,

Vem núa e bella procurar amantes;
E' douda por amor da noite a filha.

As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezão adormecendo no oratorio;
Todos tem o capuz e bons narizes,
E parecem sonhar o refeitorio.

As arvores prateião se na praia,
Qual de uma fada os magicos retiros...
O' lua, as doces brizas que susurrão
Coão dos labios teus como suspiros!

Fallando ao coração que nota aerea
Deste céo, destas agoas se desata?
Canta assim algum genio adormecido
Das ondas mortas no lençol de prata?

Minha alma tenebrosa se entristece,
E' muda como sala mortuaria...
Deito-me só e triste, e sem ter fome
Vejo na meza a ceia solitaria.

O' lua, ó lua bella dos amores
Se tu és moça e tens um peito amigo,

Não me deixes assim dormir solteiro,
A' meia noite vem ceiar comigo!

— — —

II

MEU ANJO

Meu anjo tem o encanto, a maravilha
Da espontanea canção dos passarinhos;
Tem os seios tão alvos, tão macios
Como o pello sedoso dos arminhos.

Triste de noite na janella a vejo
E de seus labios o gemido escuto.
E' leve a creatura vaporosa
Como a frouxa fumaça de um charuto.

Parece até que sobre a fronte anjelica
Um anjo lhe depoz corôa e nimbo...
Formosa a vejo assim entre meus sonhos
Mais bella no vapor do meu cachimbo.

Como o vinho hespanhol, um beijo della
Entorna ao sangue a luz do paraiso.
Dá morte n'um desdem, n'um beijo vida,
E celestes desmaios n'um sorriso!

Mas quiz a minha sina que seu peito
Não batesse por mim nem um minuto,
E que ella fosse leviana e bella
Como a leve fumaça de um charuto!

III

VAGABUNDO

Eat, drink and love; what can the rest avail us?
BYRON. *Dom Juan.*

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrellas;
Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando rôto, sem bolsos neem dinheiro;
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto á lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguem, nem ouço a raiva
Nas cavernas do peito, suffocante,
Quando á noite na treva em mim se entornão
Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores:
Sou garboso e rapaz... Uma criada
Abrasada de amor por um soneto
Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando scismando
Na donzella que alli defronte mora.
Ella ao vêr-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palacio as longas ruas;
Passeio a gosto e durmo sem temores:
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degráo das igrejas é meu throno,

Minha patria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De paineis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céo e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo á lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;
Sou filho do calor, odeio o frio;
Não creio no diabo nem nos santos...
Rezo á Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por ahi alguma bella
Bem doirada e amante da preguiça
Quizer a nivea mão unir á minha
Ha de achar-me na Sé, domingo, á Missa.

IV

A LAGARTIXA

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo verão o corpo espicha :
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Amo-te como o vinho e como o somno,
Tu és meu copo e amoroso leito...
Mas teu nectar de amor jámais se esgota,
Travesseiro não ha como teu peito.

Posso agora viver : para corôas
Não preciso no prado colher flores;
Engrinaldo melhor a minha fronte
Nas rosas mais gentis de teus amores.

Vale todo um harem a minha bella,
Em fazer-me ditoso ella capricha ;

Vivo ao sol de seus olhos namorados,
Como ao sol de verão a lagartixa.

V

LUAR DE VERÃO

O que vês, trovador? — Eu vejo a lua
Que sem lavor a face alli passeia;
No azul do firmamento inda é mais pallida
Que em cinzas do fogão uma candeia.

O que vês, trovador? — No esguio tronco
Vejo erguer-se o chinó de uma nogueira...
Além se entorna a luz sobre um rochedo
Tão liso como um páo de cabelleira.

Nas praias lisas a maré enchente
S'espraia scintillante d'ardentia...
Em vez de aromas as doiradas ondas
Respirão effluviosa maresia!

O que vês, trovador? — No céo formoso
Ao sopro dos favònios feiticeiros
Eu vejo — e tremo de paixão ao vel-as —
As nuvens a dormir, como carneiros.

E vejo além, na sombra do horizonte,
Como viuva moça envolta em luto,
Brilhando em nuvem negra estrella viva
Como na treva a ponta de um charuto.

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso, e só de vêr-te
Eu sinto os labios meus se abrir de somno.

VI

O POETA MORIBUNDO

Poetas! amanhã ao meu cadaver
Minha tripa cortai mais sonorosa!...

Fação della uma corda, e cantem nella
Os amores da vida esperançosa!

Cantem esse verão que me alentava...
O aroma dos curraes, o bezerrinho,
As aves que na sombra suspiravão,
E os sapos que cantavão no caminho!

Coração, porque tremes? Se esta lyra
Nas minhas mãos sem força desafina,
Emquanto ao cemiterio não te levão,
Casa no marimbáo a alma divina!

Eu morro qual nas mãos da cozinheira
O marreco piando na agonia...
Como o cysne de outr'ora.... que gemendo
Entre os hymnos de amor se enternecia.

Coração, porque tremes? Vejo a morte,
Alli vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ella?...
Se ella ao menos dormisse mascarada!

Que ruinas! que amor petrificado!
Tão ante-diluviano e gigantesco!

Ora, fação idéa que ternuras
Terá essa lagarta posta ao fresco!

Antes mil vezes que dormir com ella,
Que dessa furia o gozo, amor eterno...
Se alli não ha tambem amor de velha,
Dêm-me as caldeiras do terceiro Inferno!

No inferno estão suavissimas bellezas,
Cleopatras, Helenas, Eleonoras;
Lá se namora em boa companhia,
Não póde haver inferno com Senhoras!

Se é verdade que os homens gozadores,
Amigos de no vinho ter consolos,
Forão com Satanaz fazer colonia,
Antes lá que do Céo soffrer os tolos! —

Ora! e forcem um'alma qual a minha
Que no altar sacrifica ao Deus-Preguiça
A cantar ladainha eternamente
E por mil annos ajudar a Missa!

É ELLA! É ELLA! É ELLA! É ELLA!

E' ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe murmurou — é ella!
Eu a vi — minha fada aerea e pura —
A minha lavadeira na janella!

Dessas agoas furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavão nos meus passos

Ir espiar seu venturoso somno,
Vêl-a mais bella de Morphêo nos braços!

Como dormia! que profundo somno!...
Tinha na mão o ferro do engommado...
Como roncava maviosa e pura!...
Quasi cahí na rua desmaiado!

Afastei a janella, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijal-a... roubei do seio della
Um bilhete que estava alli mettido...

Oh! de certo... (pensei) é doce pagina
Onde a alma derramou gentís amores;
São versos della... que ámanhã de certo
Ella me enviará cheios de flores...

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse comtigo neste seio!
Como Othello beijando a sua esposa,
Eu beijei-a a tremer de devaneio...

E' ella! é ella! — repeti tremendo,
Mas cantou nesse instante uma coruja...

Abri cioso a pagina secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

Mas se Werther morreu por vêr Carlota
Dando pão com manteiga ás criancinhas,
Se achou-a assim mais bella, — eu mais te adoro
Sonhando-te a lavar as camisinhas!

E' ella! é ella! meu amor, minh'alma,
A Laura, a Beatriz que o céo revela...
E' ella! é ella! — murmurei tremendo,
E o echo ao longe suspirou é ella! —

POESIAS DIVERSAS

POESIAS DIVERSAS

GLORIA MORIBUNDA

Une fille de joie attendait sur la borne.
TH. GAUTIER.

I

E' uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavôr, ergue-a do lodo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outr'ora á sombra dos cabellos loiros.
Quando o reflexo do viver fogoso
Alli dentro animava o pensamento,

Esta fronte era bella. Aqui nas faces
Formosa pallidez cobria o rosto;
Nessas orbitas — ocas, denegridas! —
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a perola,
Como a caçoula a myrrha incandescente.

Tu outr'ora talvez désses-lhe um beijo,
Porque repugnas levantal-o agora?
Olha-o comigo! Que espaçosa fronte!
Quanta vida alli dentro fermentava,
Como a seiba nos ramos do arvoredo!
E a séde em fogo das idéas vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como nocturna lampada apagou-se?
E a scentelha da vida, o electrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorrís? eu sou um louco. As utopias,

Os sonhos da sciencia nada valem.
A vida é um escarneo sem sentido,
Comedia infame que ensanguenta o lodo.
Ha talvez um segredo que ella esconde ;
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os tumulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dôr sobre um cadaver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao offegante seio, o peito humano
Cahiu tremendo interrogando o tumulo...
E a terra sepulchral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!
Vou cantar-te uma pagina da vida
De uma alma que penou, e já descansa.

II

—Por quem esperas tremula a deshoras,
Mulher da noite, na deserta rua ?
A miseria venceu os teus orgulhos,

E vens na treva contractar teu leito?
Vem pois. E's bella. Tens no rosto frio
A imagem das Madonas descoradas.
Vagabunda de amor, és bella e pallida.
Será doce em teu seio de morena
Um momento sentir os meus suspiros
Estuantes nos labios doloridos.
Se inda podes amar, ergue-te ainda,
Une teu peito ao meu, pallida sombra! —

I

Era uma fronte olympica e sombria,
Nua ao vento da noite que agitava
As loiras ondas do cabello solto;
Cabeça de poeta e libertino
Que fogo incerto de embriaguez corava.
Na fronte a pallidez, no olhar acceso
O lume errante de uma febre insana.

IV

— Mancebo, quem és tu?

— Que importa o nome?
Um poeta de santas harmonias
Que a Musa obscena do bordel profana.
Na apparição balsamica dos anjos
Porventura enlevei a mocidade.
Das virgens no cheiroso travesseiro
Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos!
Em seios que a innocencia adormecia
Repousei minha fronte embevecida.
Amei, mulher! amei!

Que sêde intensa!
Seccou-se-me a torrente do deserto
Que as folhas de frescura borrifava.
Tudo! tudo passou... Amei... Embora!
Quero agora dormir nos teus joelhos.
Nessa esponja da vida inda uma gota

Talvez reste a meus labios anhelantes
Que me dê um assomo de ventura
E um leito onde morrer amando ainda.

E que vida, mulher! que dôr profunda,
Faminta como um verme aqui no peito!
Murcha desfalleceu a flôr da vida
E cedo morrerá... E vós, meus anjos,
O' Virgem Santa, que eu amei, na lyra
A quem votei meu canto deliroso;
Amantes que eu sonhei, que eu amaria
Com todo o fogo juvenil que ainda
Me abraza o coração, porque fugistes,
Brancas sombras, do céo das esperanças?

Oh! riamos da vida! tudo mente!
Os meus versos gotejem de ironias!
Esse mundo sem fé merece prantos?
A' orgia! na saturnal entre a loucura
Derrama o vinho somno e esquecimento.
Vinde, bellezas que a volupia inflamma!
Bebamos juntos... Cantarei de novo:
A minha alma nas azas do improviso,
Como as aves do céo, vôe cantando...
Todos cahírão ebrios?... só eu resto?
Embora! em minha mão a lyra pulsa,

Meu peito bate, a inspiração agora
Canticos immortaes ao labio inspira.
Voai ao céo — não morrereis, meus cantos!

V

A gloria! a gloria! meu amor foi ella,
Foi meu Deus, o meu sangue... até meu genio
E agora!... Além os sonhos desta vida!
Quando eu morrer, meus versos incendeiem!
Apague-se meu nome — e ao cadaver
Nem lagrima nem cruz o mundo vote.
Sou um impio (disserão-n'o!) pois deixem-me
Descansar no sepulchro!

Porque choras,
Descorada mulher? Sabes acaso
Quem é o triste, o malfadado obscuro
Que delira e desvaira aqui na treva
E tuas mãos aperta convulsivo?
Eu não te posso amar. Meu peito morto
E' como a rocha que o oceano bate

E branqueia de escuma — alli não póde
Medrar a flòr cheirosa dos enlevos...
Teu amor... Eu descri até dos sonhos...
Demais dentro em tua alma eu vejo trevas,
Uma estrella de Deus não a illumina.
Quem pudéra nas ondas do passado,
Ditoso pescador, erguer no lodo
O ramo de coral de teus amores?

VI

Amei! amei! no sonho, nas vigilias
Esse nome gemí que eu adorava!
Votei amor a tudo quanto é bello!
Escuta... A rua é quêda. A noite escura
E' negra como um tumulo. Durmamos
No leito dos amores do perdido.
Vês? nem lua no céo!... tudo é medonho!
Nem estrella de luz!... — Silencio! Embora!
Escuta, anjo da noite! no meu peito
Não ouves palpitar o som da vida?
Deixa encostar meus labios incendidos

No teu seio que bate. Vem, meu anjo!
A alma da formosura é sempre virgem!
Minha virgem — irmã — meu Deus! comtigo
Oh! deixa-me viver! Eu sinto bella
A tuá alma acordando reflectir-te
Nesses olhos tão negros d'Hespanhola.
Quero amar e viver — sonhar — em fogo
Meus frouxos dias exhaurir n'um beijo,
Derramar a teus pés os meus amores,
Minhas santas canções a ti erguêl-as,
A ti, e só a ti! —

VII

— Que tens? desmaias?
Que tens, mancebo?

— Nada. E' cedo ainda.
Não é ella inda não. Chamei por ella...
Foi em vão... delirei...

— Por quem?

— A morte.

— Morrer! pobre de ti, ó meu poeta!

— Se a morte é soffrimento, eu soffro tanto,
Que a mudança do mal será consolo;
Se a morte é somno, meu cansado corpo
No descanso eternal deixai que durma.

— Eu tambem soffro... mas a morte assusta.
Eu misera mulher nas amarguras
Descorei e perdi a formosura.
No amor impuro profanei minh'alma...
E nesta vida não amei comtudo!
Não sou a virgem melindrosa e casta
Que nos sonhos da infancia os anjos beijão
E entre as rosas da noite adormecêra
Tão pura como a noite e como as flôres;
Mas na minh'alma dorme amor ainda.
Levanta-me, poeta, dos abysmos
Até ao puro sol do amor dos anjos!
O' minha vida, minha vida pura,
Porque forão tão breves da innocencia
Das crenças virginaes os bellos dias?
Chamei por Deus em vão. Sobre meu leito
Em vez do anjo do céo senti gelada
Sombra desconhecida vir sentar-se,
Em beijos frios roxear meus labios,

Em abraços de morte unir-me ao seio.
Douda! chamei por Deus! a meu reclamo
Veio o torvo Satan... Oh! não maldigas
A misera que os seios innocentes
Entregou sem pudor a mãos impuras :
Erão taças de Deus... eu bem sabia!
Mas todo o pesadello do passado
Foi uma horrenda sina... tudo aquillo
Escrevêra Satan... —

VIII

— Fatalidade!
E' pois a voz unanime dos mundos,
Das longas gerações que se agonisão,
Que sobe aos pés do Eterno como incenso?
Serás tu como os bonzos te fingirão?
Sublime Creador, porque engeitaste
A pobre creação? porque a fizeste
Da argila mais impura e negro lodo,
E a lançaste nas trevas errabunda
Co'a pallidez na fronte como anathema,

Qual lança a borboleta a raça d'oiro
No pantano e no sangue?

Tudo é sina :
O crime é um destino — o genio, a gloria
São palavras mentidas — a virtude
E' a mascara vil que o vicio cobre.
O egoismo! eis a voz da humanidade.
Foste sublime, Creador dos mundos!

IX

Tudo morre, meu Deus! No mundo exhausto
Bastardas gerações vagão descridas.
E a arte se vendeu, essa arte santa
Que orava de joelhos e vertia
O seu raio de luz e amor no povo,
E o genio soluçando e moribundo
Olvidou-se da vida e do futuro
E blasphema lutando na agonia.
Agonia de morte! Só em torno
No leito do morrer as almas gemem.

E o phantasma da morte gela tudo.
Porque um ardente amor não mais suspira
Notas do coração pelo silencio
Da noite enamorada? A chamma pura
Porque das almas se apagou nas cinzas?
E a lyra do poeta, se murmura
As illusões de um mundo visionario,
Porque estala tão cedo? Vagabundo
Adormeci das arvores na sombra
E nos campos em flôr errei sonhando
Coroando-me dos lyrios da alvorada.
Arvore prateada da esperança,
Sombra das illusões, ó vida bella
E sempre bella, e no morrer ainda,
Porque pousei a fronte sobre a relva
A' sombra vossa, delirante um dia?

Oh! que morro tambem! na noite d'alma
Sinto-o no peito que um ardor consome,
No meu genio que apaga-se nas orgias,
Que foge o mundo, e o sepulchro teme...
Exilei-me dos homens blasphemando...
Concentrei-me no fundo desespero,
E exhausto de esperança e zombarias
Como um corpo no tumulo lancei-me,
Suicida da fé, no vicio impuro.

X

E o mundo? não me entende. Para as turbas
Eu sou um doudo que se aponta ao dedo.
A gloria é essa. P'ra viver um dia
Troquei o manto de cantor divino
Pelas roupas do insano. — Os sons profundos
Ninguem os applaudia sobre a terra.
Para um pouco de pão ganhar da turba,
Como teu corpo no bordel profanas,
— Fiz mais ainda! — prostituí meu genio!
Oh! ditoso Fylinto! elle sim pôde
Na miseria guardar seu genio puro;
Nunca infame beijou a mão dos grandes:
Morreu como Camões, morreu sem nodoa!
Mas eu! A voz do vicio arrebatou-me,
Fascinou-me da infamia o reverbero...
Maldições sobre mim! Abre-te, ó campa!
Alli obscuro dormirei na treva...

XI

O' santa inspiração! fada nocturna,
Porque a fronte não beijas do poeta?
Porque não lhe descansas nos cabellos
A corôa dos sonhos, e rebentão-lhe
Entre as lividas mãos uma per uma
As cordas do alaúde no vibral-as?
O' santa inspiração! porque nas sombras
Não escuta o poeta á meia-noite
Os sons perdidos da harmonia santa
Que o pobre coração de amor lhe enchião?

Eu fui á noite da taverna á meza
Bater meu copo á taça do bandido,
Na louca saturnal beber com elle,
Ouvir-lhe os cantos da sangrenta vida
E as lendas de punhal e morticinio.
De vinho e febre pallido deitei-me
Sobre o leito venal de uma perdida...
Comprimei-a no meu exhausto peito,

Fallei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,
Do meu passado a flôr, as glorias murchas
E os longos beijos da primeira amante...

Amor! amor! meu sonho de mancebo!
Minha sêde! meu canto de saudade!
Amor! Meu coração, labios e vida
A ti, sol do viver, erguem-se ainda,
E a ti, sol do viver, erguem-se embalde!

Ouvi, ouvi no leito da miseria
A pallida mulher junto a meu peito
Contar-me seus amores que passárão,
Fallar-me de purezas, d'esperanças...
E soluçava a triste, e ardentes, longas.
As lagrimas em fio deslisando
Eu vi cahindo sobre o seio della...
Oh! suas emoções, humidos beijos,
Dos seios o tremor, aquellés prantos,
E os offegantes ais... erão mentira!...

XI

Ah! vem, alma sombria que pranteias.
Por quem choras? Por mim? Em vez de prantos
Deixa-me suspirar a teus joelhos.
Tu sim és pura. Os anjos da innocencia
Poderião amar sobre teu seio.
Aperta minha mão! Senta-te um poco
Bem unida a minha alma em meus joelhos :
Assim parece que um abraço aperta
Nossas almas que soffrem. Revivamos!
O passado é um sonho — o mundo é largo,
Fugiremos a patria. Iremos longe
Habitar n'um deserto. No meu peito
Eu tenho amores para encher de encantos
Uma alma de mulher... Porque sorriste?
Sou um louco. Maldita a folha negra
Em que Deus escreveu a minha sina...
Maldita minha mãe, que entre os joelhos
Não soubeste apertar, quando eu nascia,
O meu corpo infantil! Maldita!. .

XIII

Escuta.
Sinto uma voz no peito que suspira.
E' a alma do poeta que desperta
E canta como as aves acordando.
Oh! cantemos! até que a morte fria
Gele nos labios meus o ultimo canto!
Um cantico de amor, ó minha lyra!
Annalia! Armia! apparições formosas!
Eu amei sobre a terra as vossas sombras.
O ideal que vos anima e eu buscava,
Vive apenas no céo! vou entre os anjos,
Entre os braços da morte amar com elles! —

XIV

O poeta a tremer cahiu no lodo.
A perdida tomou-lhe a fronte branca,

Pôl-a ao collo — era livida — inda o fogo
Lá dentro vacilava agonisando,
Como fluctúa a claridão da lampada
Apagando-se ao vento.

E quando a aurora
Nos céos de nacar acordava o dia,
E nas nuvens azues o sol purpureo
Se embalava no effluvio de ventura
Das flores que se abrião, dos perfumes,
Da briza morna que tremia as folhas,
Macilenta a mulher no chão da rua
Sentada, a fronte curva, sobre os seios
Embalava cantando aquelle morto.

Na manta o encobriu. Medrosa a furto
A infeliz o beijou — o pobre amante
Que uma noite pernoitou com ella
Para aos pés lhe morrer — e sem ao menos
Nas faces della estremecer um beijo.

Alguem que alli passou, vendo-a tão pallida
Sentada sobre a lage, e tão ardente,
Chegou ao pé — ergueu ao malfadado
A manta.

Como subito acordando
Disse a moça a tremer :

— Deixa-o agora.
Elle penou de febre toda a noite,
Deitou-se descansando sobre o leito...
Oh! deixa-m'o dormir.

— Mulher, no peito
Sabes quem tu dormiu?

— « Que importa o nome? »
Assim fallava-me...

— Ai de ti, miserrima!
Um poeta morreu. Fronte divina,
Alma cheia de sol, fronte sublime
Que de um anjo devêra no regaço
Amorosa viver... Morreu Bocage!

NO ALBUM DA EXma. Sra. D. O....

Era uma flôr a embalsamar-me a vida,
Era um astro a doirar meu firmamento,
Era um ser ideado em sonhos d'oiro
Anjelico a sorrir ao meu tormento;

E essa flor, e esse anjo, e essa estrella
De limpido fulgòr tão peregrina
Ereis vós tão sómente que eu sonhára
Qual anjo melancolica e divina :

E sentimento foi que não tem nome,
Que não é — não — amor, nem amizade,

Affecto que se sente e não se exprime,
Mas olente do odôr da castidade;

E esse meu sentir nasceu bem santo,
Como vós repassado de pureza,
E bem candido vive, bem suave
Como da lua morbida tristeza!

PEDRO IVO

Perdoai-lhe, Senhor! elle era um bravo!
Fazia as faces descorar do escravo
Quando ao sol da batalha a fronte erguia,
E o corsel gottejante de suor
Entre sangue e cadaveres corria!
O genio das pelejas parecia...
Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo em peito mais valente
N'um coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor desta America bulhava?
Era um leão sangrento que rugia:

Da guerra nos clarins se embriagava —
E vossa gente — pallida recuava —
Quando elle apparecia!

Era filho do povo — o sangue ardente
Ás faces lhe assomava incandescente,
Quando scismava do Brasil na sina...
Hontem — era o estrangeiro que zombava,
Ámanhã — era a lamina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadello!
Mas nas frontes venaes do genio o sello
Gravaria o anathema da historia!
Dos filhos da nação a rubra espada
No sangue impuro da facção ingloria
Lavaria dos livres na victoria
A mancha profanada!

A frõnte envolta em folhas de loureiro
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!
Despio por uma idéa a sua espada!
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a furia dos reis não se acobarda,

Sonhava nesta geração bastarda
Glorias. . e liberdade!

Tinha sêde de vida e de futuro;
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimada :
Amou-a como a Deos, e mais que a vida!
Perdão para essa fronte laureada!
Não lanceis á matilha ensanguentada
A aguia nunca vencida!

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na historia
Vèdes os reis se corôar de gloria,
Não é quando no sangue os thronos lavão
E envoltos no seu manto prostituto
Olvidão-se das glorias que sonhavão!
Para esses — maldição! que o leito cavão
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliffs o fogo apaga
Que as frontes populares embriaga,
Nem do heróe a cabeça decepada
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contrahida, amarella, ensanguentada,
Assusta a multidão que ardente brada
E thronos despedaça!

O cadaver sem bençãos, insepulto,
Lançado aos corvos do hervaçal inculto,
A fronte varonil do fuzilado,
Ao somno imperial co'os labios frios
Podem passar no escarneo desbotado,
Ensanguentar-te a seda ao cortinado
E rir-te aos calafrios!

Não escuteis essa facção impia
Que vos repete a sua rebeldia...
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mysterio:
Como o vento do inferno em agua impura,
Com a bocca maldita vos murmura:
« Morra! salvai o imperio! »

Sim, o imperio salvai; mas não com sangue!
Vède — a patria debruça o peito exangue
Onde essa turba corvejou, cevou-se!
Nas glorias, no passado elles cuspírão!
Vède — a patria ao Bretão ajoelhou-se,
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!
Elles a prostituírão!

Malditos! do presente na ruina

Como torpe, despida Messalina,
Aos apertos infames do estrangeiro
Traticão dessa mãi que os embalou!
Almas descridas do sonhar primeiro
Venderião o beijo derradeiro
Da virgem que os amou!

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,
Se em ferros o lançárão foi trahido!
Como o Arabe além no seu deserto,
Como o cervo no páramo das relvas,
Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto
No murmurio das selvas!

Perdão! por vosso pai! que era valente,
Que se batia ao sol co'a face ardente,
Rei — e bravo tambem! e cavalleiro!
Que da espada na guerra a luz sabia
E ao troar dos canhões entumescia
O peito de guerreiro!

Perdão, por vossa mãi! por vossa gloria!
Pelo vosso porvir e nossa historia!
Não mancheis vossos louros do futuro!
Nem lisongeiro incenso a nodoa exime!

— Lava-se o polluir de um leito impuro,
Lava-se a pallidez do vicio escuro;
Mas não lava-se um crime!

Rio de Janeiro. Novembro de 1850

A MINHA MÃE

És tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida;

No leito solitario és tu quem vela
Tremulo o coração que a dôr anceia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella
Pranteando sobre uma alma que pranteia;

E se pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,

Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando:
Pensamento de mãe é como incenso
Que os anjos do Senhor beijão passando.

Creatura de Deus, ó mãe saudosa,
No silencio da noite e no retiro
A ti vôa minh'alma esperançosa
E do pallido peito o meu suspiro!

Oh! vêr meus sonhos se mirar ainda
De teus sonhos nos magicos espelhos!
Viver por ti de uma esperança infinda
E sagrar meu porvir nos teus joelhos!

E sentir que essa briza que murmura
As saudades da mãe bebeu passando!
E adormecer de novo na ventura
Aos sonhos d'oiro o coração voltando!

Ah! se eu não posso respirar no vento,
Que adormece no valle das campinas,

A saudade de mãe no desalento,
E o perfume das lagrimas divinas,

Ide ao menos, de amor meus pobres cantos,
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces prantos,
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora!

Se a estrella d'alva, a perola do dia,
Que vê o pranto que meu rosto inunda,
Meus ais na solidão lhe não confia
E não lhe conta minha dôr profunda,

Que a flôr do peito desbotou na vida
E o orvalho da febre requeimou-a;
Que nos labios da mãe na despedida
O perfume do céo abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias
E o jubilo da noite susurrante,
Só porque a magoa desnuou meus dias,
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quizera
Um momento sequer lhe encher de flôres,

Contar-lhe que não finda a primavera,
A doirada estação dos meus amores;

Desfolhando da pallida corôa
Do amor do filho a perfumada flôr
Na mão que o embalou, que o abençôa,
Uma saudosa lagrima depôr!

Suffocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome della perfumar na lyra,
De amor e sonhos coroar seu nome!...

SONETO

Passei hontem a noite junto della.
Do camarote a divisão se erguia
Apenas entre nós — e eu vivia
No doce alento dessa virgem bella...

Tanto amor, tanto fogo se revela
Naquelles olhos negros! só a via!
Musica mais do céo, mais harmonia
Aspirando nessa alma de donzella!

Como era doce aquelle seio arfando!

Nos labios que sorriso feiticeiro!
Daquellas horas lembro-me chorando!

Mas o que é triste e dóe ao mundo inteiro
E' sentir todo o seio palpitando...
Cheio de amores! e dormir solteiro!

THEREZA

Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer.
CLÉMENT MAROT.

Quando junto de mim Thereza dorme,
Escuto o seio della docemente :
Exhalão-se dalli notas aereas,
Não sei que de amoroso e de innocente !

Coração virginal é un alaúde
Que dorme no silencio e no retiro...
Basta o roçar das mãos do terno amante,
Para exhalar suavissimo suspiro !

Nas almas em botão, nesse crepusculo
Que da infante e da flôr abre a corolla,

Murmurão leve os tremulos sentidos,
Como ao sopro do vento uma viola.

Diz — amor! — essa voz da lyra interna,
E' suspiro de flôr que o vento agita,
Vagos desejos, ancia de ternura,
Uma briza de aurora que palpita.

Como dorme innocente esta criança!
Qual flôr que abriu de noite o niveo seio,
E se entrega da aragem aos amores,
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti é no teu rosto
O anjelico perfume da pureza;
São teus quinze annos n'uma fronte santa
O que eu adoro em ti, minha Thereza!

São os loiros anneis de teus cabellos,
O esmero da cintura pequenina,
Da face a rosa viva, e de teus olhos
A saphyra que a alma te illumina!

E' tua fórma aerea e duvidosa
— Pudor d'infante e virginal enleio;

Corpo suave que nas roupas brancas
Revela apenas que desponta o seio.

Eu sei, mimosa, que tu és um anjo
E vives de sonhar, como as Ondinas,
E és triste como a rola, e quando dormes
Do peito exhalas musicas divinas!

Ah! perdôa este beijo! eu te amo tanto!
Eu vivo de tua alma na fragancia...
Deixa abrir-te n'um beijo as flores d'alma,
Deixa-me respirar na tua infancia!

Não acordes tão cedo! emquanto dormes
Eu posso dar-te beijos em segredo...
Mas, quando nos teus olhos raia á vida,
Não ouso te fitar... eu tenho medo!

Emquanto dormes, eu te sonho amante,
Irmã de seraphins, doce donzella;
Sou teu noivo... respiro em teus cabellos
E teu seio venturas me revela...

Deliro... junto a mim eu creio ouvir-te
O seio a suspirar, teu ai mais brando,

Pouso os labios nos teus ; no teu alento
Volta minha pureza suspirando !

Teu amor como o sol apura e nutre ;
Exhala fresquidão e doce briza ;
E' uma gota do céo que ároma os labios
E o peito regenera e suavisa.

Quanta innocencia dorme alli com ella !
Anjo desta criança, me perdôa !
Estende em minha amante as azas brancas,
A infancia no meu beijo abandonou-a !

A MEU AMIGO J. F. MOREIRA

NO DIA DO ENTERRO DE SEU IRMÃO

A vida é uma comedia sem sentido,
Uma historia de sangue e de poeira,
Um deserto sem luz...
A escara de uma lava em craneo ardido...
E depois sobre o lodo... uma caveira,
Uns ossos e uma cruz!

Parece que uma atroz fatalidade
A mente insana no porvir alenta
E zomba da illudida!
O frio vendaval da eternidade

Apaga sobre a fronte macilenta
A lampada da vida.

Não digas, coração, que alma descansa
Quando as idéas no prazer enfurda
O escarneo zombeteiro...
Que loucura !... amanhã o peito cansa ..
Resta um enterro... e uma reza surda. .
E depois... o coveiro !

Fermente a seiba juvenil no peito,
Vele o talento n'uma fronte santa
Que o genio empallidece...
Embalde ! á noite, ao pé de cada leito
O phantasma terrivel se levanta...
E seu bafo entorpece !

E comtudo essa morte é um segredo
Que gela as mãos do trovador na lyra
E escarnece da crença ;
Um pesadello — uma visão de medo...
Verdade que parece uma mentira
E inocúla a descrença !

E quem sabe ? é a duvida medonha !
Quem os véos arregaça do infinito

E os tumulos destampa?
Quem, quando dorme, ou vela, ou quando sonha,
Ouviu revelações no horrendo grito
A rebentar da campa?

E quem sabe? é a duvida terrivel:
E' a larva que aos labios nos aperta
Entre-abrindo o sudario!
A realidade é um pesadello incrivel!
Semelha um sonho a lapida deserta
E o leito mortuario!

E quando acordarão os que dormitão?
Quando estas cinzas se erguerão tremendo
Em nuvens se expandindo?
Perguntai-o aos cyprestes que se agitão,
Ao vento pela treva se escondendo
Nas ruinas bramindo!

E comtudo parece um desvario,
Blasphemia atroz o cantico atrevido
Que rugem os atheos;
Sem a sombra de Deus é tão vasio
O mundo — cemiterio envilecido!...
Oh! creiamos em Deus!

Creiamos, sim, ao menos para a vida
Não mergulhar-se n'uma noite escura...
E não enlouquecer...
Utopia ou verdade, a alma perdida
Precisa de uma idéa eterna e pura
— Deus e Céo... para crer !

Consola-te ! nós somos condemnados
A' noite de amargura : o vento norte
Nossos pharóes apaga...
Iremos todos, pobres naufragados,
Frios rolar no littoral — da morte
Repellidos da vaga !

S. Paulo, 2 de novembro 1851.

SONETO

Perdòá-me, visão dos meus amores,
Se a ti erguí meus olhos suspirando!...
Se eu pensava n'um beijo desmaiando
Gozar comtigo uma estação de flôres!

De minhas faces os mortaes pallores,
Minha febre nocturna delirando,
Meus ais, meus tristes ais vão revelando
Que peno e morro de amorosas dores...

Morro, morro por ti! na minha aurora

A dòr do coração, a dôr mais forte,
A dòr de um desengano me devora...

Sem que ultima esperança me conforte,
Eu — que outr'ora vivia ! — eu sinto agora
Morte no coração, nos olhos morte !

A MINHA ESTEIRA

Aqui do valle respirando á sombra
Passo cantando a mocidade inteira...
Escuto no arvoredo os passarinhos
E durmo venturoso em minha esteira.

Respiro o vento, e vivo de perfumes
No murmurio das folhas da mangueira;
Nas noites de luar aqui descanso
E a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui mais bella junto a mim se deita
Cantando a minha amante feiticeira;

Sou feliz como as ternas andorinhas
E meu leito de amor é minha esteira!

Nem o Arabe Califa, adormecendo
Nos braços voluptuosos da estrangeira,
Foi no amor da Sultana mais ditoso
Que o poeta que sonha em sua esteira!

Aqui do valle respirando á sombra
Passo cantando a mocidade inteira;
Vivo de amores; morrerei sonhando
Estendido ao luar na minha esteira!

SE EU MORRESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã ;
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã !

Quanta gloria presinto em meu futuro !
Que aurora de porvir e que manhã !
Eu perdêra chorando essas corôas,
Se eu morresse amanhã !

Que sol ! que céo azul ! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã !

Não me batêra tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora
A ancia de gloria, o dolorido afan...
A dôr no peito emmudecêra ao menos,
Se eu morresse amanhã!

NOTAS

NOTAS

NOTA ÁS CARTAS

Muitas das composições de que falla o auctor nestas cartas, ou perdêrão-se, ou achão-se em tal estado, tão difficeis de ser entendidas, que não poderão ser dadas a lume. Algumas entretanto, como sejão — a Analyse de *Jacques Rolla*, os Estudos litterarios sobre a marcha da civilisação e poesia em Portugal, — serão publicadas no 2º vol. que comprehende os escriptos em prosa. Dous poemas que existem, e crêmos serem os de que falla o autor, serão publicados quando o forem as muitas outras composições que restão.

A poesia feita no *album* da Exma. Sra. D. O... de que falla o actor na 1ª carta é a que se acha a pag. 317.

NOTAS ÁS POESIAS

LYRA DOS VINTE ANNOS

A essa collecção de poesias, que no começo comprehendia sómente a primeira, déra o auctor o titulo de — *Brazileiras;* — chamou-as depois — *Folhas seccas da mocidade de um sonhador;* — não se tendo realisado a publicação projectada com o titulo — *As trez lyras* — de que damos noticia no discurso biographico, chamou então a essa collecção — *Lyra dos vinte annos de um trovador sem nome*, — dando porém simplesmente a denominação de — *Lyra dos vinte annos* — á 2ª parte que colleccionou depois : pelo que conservámos esta denominação.

SAUDADES

Esta poesia foi feita em dia dos annos do autor, no anno antecedente ao da sua morte, como se póde vêr pela data.

HYMNOS DO PROPHETA

O auctor parecia querer completar estes hymnos. Tendo-lhes dado de principio esta mesma denominação, dividira-os em — 1ª noite, 2ª noite, etc., cada uma sob titulo diverso. Quatro havia elle feito : um não se achava de modo a ser publicado, e de outro — *A tempestade* — apenas pudémos aproveitar a primeira parte, pelo que lhe puzémos a nota de — *fragmento*. — Ao depois, fez elle uma como que introducção, que marcava e fazia esperar sete cantos ou noites com uma especie de fecho, dando a esse complexo de poesias o titulo de — THRENOS — e dedicando-os ao Sr. José Bonifacio de Andrada e Silva. Entretanto, não podendo aproveitar estes versos, assentámos em publicar essas poesias com os titulos pelo auctor dados, e sob a denominação complexa e primeira de HYMNOS DO PROPHETA.

LEMBRANÇA DE MORRER

As duas estancias

Só levo uma saudade — é dessas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, ó minha mãe, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pae.. de meus unicos amigos,
Poucos — bem poucos — e que não zombavão
Quanto, em noites de febre endoudecido,
Minhas pallidas crenças duvidavão...

o auctor as havia riscado. Talvez o levasse a isso o pensamento de não contristar seus paes; achamol-as porém tão sentimentaes, que não pudémos resistir ao desejo de conserval-as. Demais, aquelles que passárão por essa dôr, de vêr morrer o filho de tanta esperança, terão porventura uma consolação nessas duas estancias — vêr que erão o pensamento quotidiano daquelle a quem tanto amavão... —

IDÉAS INTIMAS

Esta poesia achava-se no original com a nota que conservámos de — *fragmento.* —

O POETA MORIBUNDO

E' cousa notavel : a idéia de morte acha-se até nas poésias facétas do auctor, o que se póde vêr nesta, e em outras...

A MINHA MÃE

Estando esta poesia em separado, não a incluimos na primeira parte da *Lyra dos vinte annos;* entretanto soubemos que o auctor mandára pedir uma copia della quando tencionou fazer a publicação de que já fallámos.

Eis aqui a carta que o auctor fez preceder a esta poesia enviando-a :

« S. Paulo, 6 de julho de 1851.

« MINHA MAE,

Esta carta é um adeus do filho saudoso á sua mãe. E' uma flôr destas montanhas, murcha e secca, que o céo desta minha terra não tem orvalhos doces nem o sol raios de oiro para aviventar flôres do coração.

São versos. Não tenho mais nada que dar-lhe. Nem tenho tintas aqui para fazer-lhe um desenho no dia de seus annos. »

Os versos são tristes, porque eu o sou : tristes como a solidão, solitarios como a palmeira perdida no meio das ondas, que sente arido o rochedo apertar suas raizes e a escuma do oceano desbotar as suas folhas. Por isso escrevi-os na folha que tinha aquelle emblema.

Adeus minha mãe, lance sua benção sobre

Seu filho do coração

MANOEL ANTONIO. »

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDICE

Prefacio do Editor. V
Duas palavras 1

INTRODUCÇÃO

Discurso biographico.. 5
Fragmentos de cartas do autor. 35

LYRA DOS VINTE ANNOS

Dedicatoria.. 59

PRIMEIRA PARTE

No mar. 63
Sonhando. 67
Scismar. 71
Ai Jesus!. 73
Anjinho. 75
Anjos do mar. 80

Tenho um seio que delira, etc. 82
A cantiga do Sertanejo. 85
Quando á noite no leito perfumado, etc. 90
O poeta. 92
Fui um doudo em sonhar tantos amores, etc. 96
Quando fallo comtigo, no meu peito, etc. 100
Na minha terra. 104
Italia. 110
A T.... 115
Crepusculo do mar. 118
Crepusculo nas montanhas. 122
Desalento. 127
Pallida innocencia. 129
Soneto (Pallida á luz da lampada sombria). 131
Anima mea. 132
A harmonia. 138
Vida. 142
C..... 147
Epitaphio no tumulo de João Baptista da Silva Pereira Junior. . . . 150
O pastor moribundo. 152
Tarde de verão. 154
Tarde de outomno. 157
Cantiga. 164
Saudades. 167
Esperanças. 171
Virgem morta. 174
Hymnos do propheta. 179
I. Um canto do seculo. 179
II. Lagrimas de sangue. 187
III. A tempestade. 194
Lembrança de morrer. 198

SEGUNDA PARTE

Prefacio. 203
Um cadaver de poeta. 207
Idéas intimas. 227

Bohemios. 242
Spleen e charutos. 280
I. Solidão. 280
II. Meu anjo. 282
III. Vagabundo.. 283
IV. A lagartixa.. 286
V. Luar de verão. 287
VI. O poeta moribundo. 288
E' ella! E' ella! E' ella! E' ella!. 291

POESIAS DIVERSAS

Gloria moribunda.. 297
No *album* da Exma. Sra. D. O. 317
Pedro Ivo. 319
A minha mãe. 325
Soneto (Passei hontem a noite junto della). 329
Thereza. 331
A meu amigo J. F. Moreira. 335
Soneto (Perdôa-me, visão dos meus amores).. 339
A Minha esteira.. 341
Se eu morresse amanhã. 343

NOTAS. 347

PARIS. — TYP. SIMON RAÇON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

Stanford University Libraries
3 6105 015 212 363

PQ
9697
A965
1862

DATE DUE			